

FÁBIO PIVA PACHECO

**MÍDIA E PODER:
REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS DO
AUTORITARISMO NA POLÍTICA**
UBERLÂNDIA – 1960/1990

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
UBERLÂNDIA - 2001

FÁBIO PIVA PACHECO

**MÍDIA E PODER:
REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS DO
AUTORITARISMO NA POLÍTICA**
UBERLÂNDIA – 1960/1990

Dissertação apresentada à banca examinadora da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em História, sob orientação do professor Dr. Antônio de Almeida.

UBERLÂNDIA 2001

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Antônio de Almeida

Prof.^a Dr.^a. Regma Maria dos Santos

Prof.^a Dr.^a. Christina da Silva Roquette Lopreato

Dedico esse trabalho a Eveline, a Bebel e aos meus pais, que ao longo da pesquisa, sempre souberam compreender a importância que esse trabalho teve para mim.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Dr. Antônio de Almeida pelas seguras orientações, que possibilitaram a realização desta dissertação.

A todos os professores e colaboradores do Programa de Mestrado em História da Universidade Federal de Uberlândia, dentre os quais, os que acompanharam mais de perto o desenrolar dessa pesquisa, Christina Lopreato, João Marcos Além e Jacy Alves de Seixas, pela merecida conquista desse centro de pesquisas e pela importante referência que ele tornou-se para todos nós.

A banca examinadora, pela participação em mais essa etapa da pesquisa.

A todos os colegas do Programa de Mestrado da Universidade Federal de Uberlândia, dentre eles, os que estiveram mais próximos, dando sugestões e manifestando uma sincera amizade ao longo da pesquisa: Luziano, Gilson, Sandra, Antoniete, Luis Antônio, Vilminha ...

A nossa querida secretária do Programa de Mestrado em História, Maria Helena, pela sempre carinhosa ajuda; ao Velso e demais funcionários do CDHIS – Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia e do Arquivo Público Municipal de Uberlândia, pelo valioso trabalho que realizam, nesses centros de documentação.

RESUMO

A dissertação que se segue, tem como objetivo geral, demonstrar como a mídia se tornou um instrumento de produção de imaginários políticos no mundo contemporâneo. A lógica de mercado, e os recursos de marketing, objetivam fabricar e vender, através de sofisticadas técnicas de “fazer crer”, um produto político que está fortemente vinculado ao imaginário de seus consumidores. A desigual distribuição desses instrumentos de produção de uma representação do mundo social, provocaram uma nova desigualdade política no mundo contemporâneo. Os que possuem tais instrumentos, manipulam os imaginários políticos e provocam a exclusão daqueles que não o possuem, causando um profundo retrocesso nas práticas democráticas modernas. A disputa pelo controle das emissoras de TV, desde a década de 60, em Uberlândia, e a análise das representações e símbolos fabricados pelos segmentos de caráter autoritário nos anos 80, se configuraram como o objeto de investigação central desse trabalho, para demonstrar o quanto estes instrumentos se tornaram fundamentais e indispensáveis na prática política.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO I: MÍDIA E PODER POLÍTICO EM UBERLÂNDIA: AS TRAMAS DE UMA RELAÇÃO NÃO VEICULADA	24
CAPÍTULO II: REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS DO PODER PÚBLICO EM UBERLÂNDIA: MARCAS DO AUTORITARISMO NA POLÍTICA	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS	149
FONTES	153
BIBLIOGRAFIA	154

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como temática central de investigação a utilização da mídia, entendida como um meio de produção de imaginários políticos. Como instrumento de exercício do poder, os meios de comunicação de massa se valem de estratégias discursivas, próprias do marketing político, com a finalidade de “criar uma realidade” que, a partir do ponto de vista de quem os controla, supostamente, seria a realidade de todos, indistintamente da classe, gênero ou posição partidária. Um dos desafios aqui enfrentados foi buscar compreender como se forjam estas estratégias.

Justifica-se essa preocupação pelo fato de ser quase impossível no mundo contemporâneo falar em política sem mencionar o papel que a imprensa ou a mídia, de maneira geral, exercem nas lutas pelo poder. É notório que nas eleições para cargos públicos ou processos que envolvem interesses antagônicos, tem sido imprescindível a utilização desses meios para se alcançar o desejado pelos grupos em disputa. Embora entendidos como parte das manifestações culturais mais gerais da sociedade, na verdade eles tornaram-se uma espécie de extensão do próprio poder.

A lógica de mercado e os recursos de marketing, implícitos na linguagem da mídia, objetivam vender um “produto político” que, em grande medida, está vinculado ao imaginário de seus consumidores. Segundo Pierre Bourdieu, o campo político é um espaço relacional de forças que geram produtos políticos condicionados pela concorrência entre os agentes que nele se acham envolvidos. Para ele, *“O que faz com que a vida política possa ser descrita na lógica da oferta e da procura é a desigual distribuição dos instrumentos de produção de uma representação do mundo social explicitamente formulada”*¹.

¹ BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*, Rio de Janeiro: DIFEL, 1989, p. 164.

As propostas e promessas de um mundo melhor no futuro são construídas num jogo de apropriações que tem como finalidade unificar as angústias e desejos dos cidadãos, reduzindo-os à público passivo por um lado e ativo por outro nesta complexa relação. Passivo quando se trata de bloquear iniciativas que ferem determinados interesses e ativo quando se deseja mobilizar as forças individuais para uma determinada ações que favoreçam um determinado grupo em relação ao outro.

Como produtos dessa fabricação, os imaginários sociais são construídos como instrumentos que visam a criação de “necessidades” para aqueles que devem se portar apenas como coadjuvantes no processo político. Instala-se a partir disso um poder simbólico que administra o imaginário social com uma gama infinita de instrumentos quantificadores da opinião pública com o objetivo de proporcionar a aceitabilidade de um discurso que atenda aos interesses do poder instituído. Para Bronislaw Baczko, “ (...) a função do símbolo não é apenas instituir uma classificação, mas também introduzir valores, modelando os comportamentos individuais e coletivos e indicando a possibilidade de êxito dos seus empreendimentos”².

Baczko, ainda aponta para a importância destas tecnologias à disposição dos meios de comunicação de massa na fabricação e na manipulação dos imaginários coletivos que, segundo ele, se constituem como uma força reguladora da vida social e elemento fundamental para o exercício do poder. A dominação é obtida também por meio do controle dos imaginários sociais utilizando-se dos veículos de comunicação e dos instrumentos de persuasão destinados a introjetar valores e crenças.

Citando Malinowsk e Balandier, Baczko analisa o manejo dos imaginários sociais nas sociedades “primitivas” através de seus mitos e ritos, corporificado num sistema de representações e manipulados por “guardiães do sagrado”. Estes guardiães do sagrado

² BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social, in: Enciclopédia Einaudi. Porto. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985, p. 311.

dispõem de uma certa técnica de manejo das representações e símbolos que permitem manter o controle sobre a distribuição do poder , dos privilégios, do prestígio e da propriedade numa dada sociedade. Comparando-as à manipulação exercida pela propaganda - obtida pela combinação de tecnologias de comunicação de massa e persuasão -, chega-se à conclusão de que os guardiães do imaginário social hoje em dia são aqueles que detém justamente um arcabouço técnico instrumental que favorece a fabricação de imaginários sociais com a finalidade de obter um determinado controle sobre a distribuição de poderes e privilégios na sociedade capitalista.

“A Antropologia política sublinhou as relações entre sentido e poderio, entre sistemas simbólicos e estruturas de dominação (...) as pesquisas sobre a propaganda mostraram os meios técnicos e científicos de que as sociedades contemporâneas dispõem no domínio e manipulação dos imaginários sociais. Os poderes que conseguem garantir o controle, senão o monopólio destes meios, apropriam-se assim de uma arma tanto mais temível quanto mais sofisticada. É difícil sobrestimar as possibilidades que se abrem, deste modo, às iniciativas de tipo totalitário que visam anular os valores e modelos formadores diferentes daqueles que o Estado deseja, bem como condicionar e manipular as massas, bloqueando a produção e renovação espontâneas dos imaginários sociais”³.

Novamente segundo Bourdieu, o capital político é uma forma de capital simbólico e é acumulado a partir de um conjunto de procedimentos determinados com base no crédito reconhecido pelos agentes participantes do jogo de forças. Os produtos políticos elaborados pela mídia são adequados a estratégias forjadas num jogo em que os políticos profissionais participam e que, por extensão, os jornalistas e “marketeiros” devem, necessariamente, incorporar na sua formatação televisiva, radiofônica ou escrita. O sucesso da mensagem fica circunscrito à “competência” e à “eficiência” dos agentes produtores de convencerem o público a entendê-la e adquiri-la, mesmo que esta mensagem não esteja totalmente adequada às necessidades de todos que a adotarem.

“(...) a produção das formas de percepção e expressão politicamente actantes e legítimas é monopólio dos profissionais e (...) se acham acrescidas dos efeitos da lógica oligopolística que rege a oferta dos

³ BACZKO, Bronislaw, op. cit., p.308.

produtos. Monopólio da produção entregue a um corpo de profissionais. (...) o mercado da política é sem dúvida um dos menos livres que existem”⁴.

Trata-se de perceber que as “necessidades” são administradas através de uma oferta de soluções que deslocam-se necessariamente das soluções concretas para o campo das soluções simbólicas.

A adesão ou adoção dos produtos políticos veiculados pela mídia se inscreve dentro de um jogo complexo de “criação de demandas morais e éticas” no seio da sociedade, ou seja, do que é considerado “certo ou errado”, “possível ou impossível”, pelos indivíduos. Em alguns casos quem detém a possibilidade de controlar, num primeiro momento as instituições e organizações políticas (como partidos, associações de classe, sindicatos e mesmo instituições governamentais) e, numa segunda instância, os meios de comunicação, teria condições reais de “criar uma demanda moral ou ética” , ou, noutras palavras, de posse dos meios de produção políticos, criaria as “necessidades políticas” dos cidadãos, excluídos do jogo político “real” e reduzidos a “público” de fato, como são entendidos nas linguagens midiáticas.⁵

Não se trata portanto de estabelecer tão somente a relação existente entre o poder político e o econômico. É evidente que por trás dos grandes empresas de mídia encontram-se grupos econômicos de grande porte, e que muitos governantes não ousariam fazer nada contra estes, sob o risco de se tornarem alvo de “furos” jornalísticos. Aliás, podemos também afirmar que muitos governantes só se encontram na posição em que estão devido ao apoio conseguido junto às grandes redes de TV e mídia impressa, e uma vez no poder devem muitos favores a estes que ora os protegem, ora os pressiona perante a opinião pública, quando a ocasião é propícia para tal.

⁴ BOURDIEU, Pierre, op. cit, p.166.

⁵ BOURDIEU, Pierre, op. cit , p.164.

No caso de ocorrer o contrário, ou seja, de algum governante não possuir nenhuma “proteção” de alguma empresa midiática de grande porte, a situação deste fica bastante frágil diante dos ataques que são esperados que aconteçam.

Trata-se de perceber também estas vinculações econômicas, mas, acima de tudo, os mecanismos invisíveis que atuam no campo da mídia, como por exemplo a censura consciente e, muitas vezes inconscientemente exercida pelos próprios jornalistas, eles mesmos aprisionados às condições de sobrevivência que o competitivo mercado da informação lhes impõe, e acima de tudo, aos índices de audiência – estes mesmos parte dos mecanismos invisíveis, pois que compõe a estrutura da reprodução simbólica do poder estabelecido.

Para tratar deste problema, próprio do meio jornalístico, Pierre Bourdieu emprega o método de análise de “campo” aplicado ao jornalismo. Temos então um “campo jornalístico” que se move em função de mecanismos invisíveis que compõe as relações neste meio de produção de bens simbólicos, tanto na televisão, quanto no rádio ou na imprensa escrita. Segundo Bourdieu,

“(...) é esse método que eu desejaria novamente ilustrar, tentando mostrar, com o risco de novos mal entendidos, como o campo jornalístico produz e impõe uma visão inteiramente particular do campo político, que encontra seu princípio na estrutura do campo jornalístico e nos interesses específicos dos jornalistas que aí se geram.

Em um universo dominado pelo temor de ser entendente e pela preocupação de divertir a qualquer preço, a política está condenada a aparecer como um assunto ingrato, que se exclui tanto quanto possível dos horários de grande audiência, um espetáculo pouco excitante, ou mesmo deprimente, e difícil de tratar, que é preciso tornar interessante. Daí a tendência que se observa por toda a parte, tanto nos Estados Unidos quanto na Europa, a sacrificar cada vez mais o editorialista e o repórter – investigador em favor do animador-comunicador, a informação, análise, entrevista aprofundada, discussão de conhecedores ou reportagens em favor do puro divertimento e, em particular, das tagarelices insignificantes dos talk shows’⁶

⁶ BOURDIEU, Pierre. Sobre a televisão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p. 133.

Cada vez mais, jornalistas se formam em escolas superiores de comunicação e percebem que o mercado de trabalho além de saturado lhes impõe certas restrições e limitações que vão lhes conformando ao mundo da “competição homogeneizadora” do campo.

Estes mecanismos invisíveis são pouco, ou simplesmente não percebidos pelo público em geral, que não vivencia o cotidiano da produção jornalística. Se configuram como poderosos instrumentos de manutenção da “ordem simbólica” dominante, pois reproduzem a informação enquanto uma mercadoria que, como qualquer outra, sofre a influência de uma acirrada concorrência por consumidores.

Apesar da concorrência, imposta pela intensa hostilidade que envolve o mundo jornalístico da televisão, o que se percebe é uma uniformização das abordagens e informações em favor da suposta e “inexorável” diversificação promovida por ela. O jornalismo televisivo procura capturar o público com notícias que os prendam na tela, e uma vez descoberta uma “fórmula”, esta é logo adotada pelos outros jornalistas que por sua vez se vêem submetidos à pesquisa de opinião pública e seus índices de audiência, como condição de sobrevivência na profissão.

O que uma emissora de TV, ou mídia impressa veicula está intimamente relacionado com ao valor comercial que a informação representa no concorrido mercado de bens simbólicos. Por isso mesmo, e também pela pressão que a velocidade ilusória da “novidade” jornalística imprime ao campo, é que iremos perceber o quanto a informação se banalizou ao privilegiar certos enfoques sobre a realidade, que não exigem de maneira nenhuma uma reflexão crítica por parte dos indivíduos. Prostrados diante da tela e diante das páginas de determinadas revistas e jornais sensacionalistas, ou mesmo diante das colunas sobre a “alta sociedade”, a estrutura simbólica dominante é reproduzida como lazer.

Os fatos que são privilegiados, principalmente pela televisão, são acontecimentos que interessam a todo mundo e que, ao mesmo tempo não exigem um posicionamento que envolva alguma disputa ou necessidade de escolha política por parte do público. Tende ao conformismo e afastam as informações que poderiam e deveriam instrumentalizar os cidadãos para exercerem seus direitos políticos democráticos.

Tudo isto evidencia que, se a mídia, principalmente a televisiva, se ocupa de transmitir fatos fúteis que nada contribuirão para a democratização efetiva da sociedade, é porque deseja, consciente ou inconscientemente, ocultar coisas que necessariamente fariam as pessoas pensarem e refletirem sobre a realidade, tornando-as mais exigentes quanto aos seus direitos e colocando em risco a reprodução simbólica estabelecida.

Este desejo, inconsciente ou não, prevalece como um mecanismo invisível, ao impelir os jornalistas a procurarem fatos que levem as emissoras ao índice de audiência mais competitivo e mais atraente para as empresas que investem em propaganda. A competição entre as emissoras de televisão, por contraditória que seja, tende à homogeneização ao invés da diversificação, numa opção cuja maioria busca o conformismo ao invés de dotar os indivíduos de uma visão crítica da realidade.

As próprias notícias veiculadas em forma de denúncias, como os casos de corrupção e escândalos que ocorrem no Brasil e que são freqüentemente veiculados pela mídia televisiva, em nada diferem da situação anteriormente descrita. Para compreender a sua extensão e significados políticos é preciso ter uma leitura desses acontecimentos que ultrapassa a capacidade de percepção da maioria das pessoas comuns, normalmente submetidas, em sua maioria, a apenas uma fonte de informação jornalística, geralmente a televisão. Se estas pessoas não tem tempo nem o hábito de se informarem através de outros veículos, como jornais ou revistas, e acima de tudo, se elas não desenvolverem um certo censo crítico que lhes possibilite filtrar as informações e estabelecer uma

comparação entre o que é transmitido por cada um desses veículos, certamente terão grandes dificuldades em se conscientizarem das tramas que envolvem a luta de representações presentes nos conteúdos veiculados, e as supostas denúncias se tornarão um mero show ou mais um espetáculo onde “confortavelmente” o indivíduo assistirá capítulos e mais capítulos de uma novela interminável e sem maiores conseqüências para o curso dos acontecimentos.

Perceber com clareza e transparência que os veículos, “ocultam mostrando” ou “mostram ocultando”⁷, transmitindo ou publicando apenas o que interessa, seria compreender e exigir que, por exemplo, ao invés das notícias sobre a corrupção existente nas entranhas do Estado, dever-se-ia mostrar que historicamente, os grupos geralmente envolvidos, tem sua razão de existir, apenas quando vinculados aos negócios que realizam com esta rede de poderes ao seu lado. Mas isso certamente provocaria uma situação bastante “perigosa” para a reprodução dos mecanismos do poder estabelecido. Ou seja, essa visão des-historicizada do mundo promove a idéia geral de que acontecimentos políticos, como do tipo dos escândalos de corrupção no congresso ou dos desvios de milhões em dinheiro de obras sociais para as contas de particulares, não passam de catástrofes naturais, como terremotos e queimadas sazonais, ainda fora do controle da ciência. Por isso, a manutenção, ou gerenciamento do imaginário social visa, na realidade, mobilizar os indivíduos ou desmobilizá-los, dependendo da ocasião. No entanto, ao contrário, a situação que vivenciamos na prática é uma homogeneização das notícias veiculadas pela televisão e uma limitação dos fatos escolhidos em função das “demandas do mercado”. O mito de que a televisão se tornaria inevitavelmente um extraordinário instrumento de educação e promoção cultural, devido ao seu poder de

⁷ BOURDIEU, Pierre, op. cit., p. 24.

alcance, esfacelou-se diante da complexa realidade do mercado capitalista de bens materiais e simbólicos. Ao analisar a televisão, Pierre Bourdieu comenta,

“ Uma parte da ação simbólica da televisão, no plano das informações, por exemplo, consiste em atrair a atenção para fatos que são de natureza a interessar a todo mundo. Os fatos ônibus são fatos que, como se diz, não devem chocar ninguém, que não envolvem disputa, que não dividem, que formam consenso, que interessam a todo mundo, mas de um modo que não tocam em nada de importante. As notícias de variedades consistem nessa espécie elementar, rudimentar, da informação que é muito importante porque interessa a todo mundo sem ter conseqüências e porque ocupa tempo, tempo que poderia ser empregado para dizer outra coisa. (...) Se insisto nesse ponto, é porque se sabe, por outro lado, que há uma proporção muito importante de pessoas que não lêem nenhum jornal; que estão devotadas de corpo e alma à televisão como fonte única de informações.(...)”⁸

Como documentos, essas informações jornalísticas revelam as intenções e estratégias utilizadas pelos atores políticos, no sentido de construir um significado e uma legitimidade para suas ações e idéias, em detrimento daqueles que querem desqualificar.

Por outro lado, os receptores não podem ser considerados como uma “cêra mole” onde bastaria imprimir a mensagem desejada e estaria consumada a dominação. A dependência da “aprovação” deste público faz com que os detentores destes meios também se “moldem” aos desejos dos receptores para que se alcance o desejado. Tal qual nas técnicas de marketing, podemos perceber investimentos sedutores na conquista afetiva do receptor, que por sua vez tendo “satisfeito seus desejos” “aprende” a exigir mais. Nesse sentido aprofunda-se o jogo pela conquista da confiança do público e, através de estratégias de marketing político, procura-se criar ressentimentos e fidelizações úteis ao processo político. É uma via de mão dupla onde emissores e receptores estão submetidos à dialética da fabricação e da apropriação de imaginários. Roger Chartier enriquece os estudos sobre representações e imaginários quando aborda o fenômeno da recepção enquanto algo não totalmente controlável pelos emissores.

Existe uma possibilidade de desvio quanto ao que era originalmente desejado pelos seus controladores na medida em que a mensagem pode ser interpretada de maneiras diferentes, produzindo ações imprevistas, o que não exclui a existência ou diminuição da sua força persuasiva-tecnológico-massiva. A este fenômeno o autor designa apropriação. Tudo não passa de um jogo de apropriações marcado pela luta em que diversos grupos, por interesses comuns ou divergentes, representam o mundo.

Com todo este poder emissor de “produtos” diversos, tentam moldar a maneira como o público deve se comportar e assim busca-se trabalhar com uma “previsibilidade” razoável das suas possíveis reações. Tentam controlar as ações desse público, “dotá-lo” de alguma coisa que os façam agir de acordo com a “previsibilidade” desejada. Em muitos aspectos conseguem, porém o público consumidor também age de maneira a “se apropriar”, pois apreendem de diferentes maneiras o “produto” lançado no mercado. A apropriação se dá de maneira diversificada, plural, pois que a utensilagem que cada um tem, permite apreender de diferentes maneiras a mensagem. Não existe portanto, segundo Chartier, a absoluta “eficácia aculturante” que é atribuído à estes dispositivos modeladores e disciplinalizadores.

“Ler , olhar ou escutar são efetivamente, uma série de atitudes intelectuais que - longe de submeterem o consumidor à toda poderosa mensagem ideológica e/ou estética que supostamente o deve modelar – permitem na verdade a reapropriação , o desvio, a desconfiança ou resistência. Em constatação deve levar a repensar totalmente a relação entre um público designado como popular e os produtos historicamente diversos (livros e imagens, sermões e discursos, canções, fotonovelas ou emissões de televisão) proposto para o seu consumo.”⁹

Roger Chartier quando trata do conceito de apropriação, associa-os aos de representação e práticas. Direcionando-os ao estudo do Antigo Regime e, mais especificamente à uma investigação da prática da leitura neste período o autor conclui que os editores

⁸ BOURDIEU, Pierre, op cit, p. 23.

⁹ CHARTIER, Roger. A História cultural: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Difel, 1990, p. 63.

“montavam” as obras de escritores, que por sua vez, realizavam leituras de outras obras e as “adaptavam” para um determinado público. Este público leitor por sua vez, diversificado e plural, recebia estas edições direcionadas a eles e se apropriavam de variadas maneiras do conteúdo selecionado e de acordo com seus “artefatos mentais”.

Esta “História intelectual” tratada por Chartier está circunscrita numa nova postura em relação aos métodos e definições até então colocados em prática pelos historiadores. Seus alicerces se sustentavam através de pares de oposições entre erudito/popular, criação/consumo, realidade/ficção, etc. Hoje estas delimitações é que se tornaram objeto de problematizações e procura-se definir uma nova compreensão sobre o assunto.

Os conceitos, apropriação, práticas e representações tentam dar novas respostas à investigação destes objetos tidos até então como o cerne da compreensão da história cultural predominante. Neste aspecto é que *“o real assume um novo sentido: aquilo que é real, efetivamente, não é (ou não apenas) a realidade visada pelo texto, mas a própria maneira como ele cria, na historicidade da sua produção e na intencionalidade da sua escrita”*¹⁰

Voltando-nos para o estudo do papel da mídia na definição de uma determinada “mentalidade” estaríamos fazendo o que mais se realiza em termos de “produção intelectual” no momento. Somos a sociedade do espetáculo mediático, dos shows pirotécnicos/políticos, da sedução pelo vídeo ou mais amplamente, da sedução pela imagem. Os investimentos no sentido de aumentar o consumo das mais variadas mercadorias, apelam para as técnicas de criação de desejos. Procuram moldar o “consumidor”, direcionar seus desejos, ou antes identifica-los através de tecnologias de convencimento e de todo um conhecimento acumulado no campo da linguística, semiologia, psicologia, neurologia, etc.

¹⁰ CHARTIER, Roger, op cit, p. 63.

Neste contexto podemos inferir que as relações e práticas históricas nunca existem fora das representações que são criadas no jogo de apropriações. Todos os documentos são “produzidos” a partir de uma determinada forma de “consumo”. O consumo de bens culturais passa por um processo de reelaboração por parte de quem fez sua “leitura”, é representado tal como apropriado.

“O texto literário ou documental , não pode nunca anular-se como texto, ou seja, como um sistema construído consoante categorias, esquemas de percepção e de apreciação, regras de funcionamento, que remetem para as suas próprias condições de produção. A relação do texto com o real (que pode talvez definir-se como aquilo que o próprio texto apresenta como real, construindo-o como referente situado no seu exterior) constrói-se segundo modelos discursivos e delimitações intelectuais próprios de cada situação de escrita (...) São essas categorias de pensamento e esses princípios de escrita que é necessário atualizar antes de qualquer leitura ‘positiva’ do documento.”¹¹

Portanto, ao remetermos estas categorias ao estudo da mídia estaremos observando a realidade “produzida” por ela como um jogo de apropriações, práticas e representações dos sujeitos envolvidos diretamente ou não no jogo pelo poder.

Com a possibilidade de desvios, aumenta-se a preocupação em manter um maior controle possível sobre a distribuição dos meios materiais e simbólicos necessários para a divulgação de mensagens, acompanhada de um sistema de “medição” ou “quantificação” sobre o comportamento dos receptores. Deve-se estar atento aos desejos e sentimentos destes, a fim de garantir o máximo de eficiência persuasiva o que demonstra a existência de um verdadeira luta de representações.

Por meio dos discursos expressos nas fontes (textos e imagens) devemos “ler” as representações coletivas como ação. Os textos querem nos fazer acreditar naquilo que está dito neles como “verdade”.

“(...) as representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam (...) e não são de

¹¹ CHARTIER, Roger, op. cit, p. 63.

*forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas no campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas (...)*¹².

Nas lutas de representações está em jogo a própria hierarquização da estrutura social, ou seja, as estratégias simbólicas de fabricação de prestígio e posições sociais. Ao mesmo tempo que são construídas, forjam as maneiras de percepção e obediência à estrutura. Enfim a criação da identidade social de uma determinada sociedade é realizada através da luta de representações.

*“Ao trabalhar sobre as lutas de representação, cuja questão é o ordenamento, portanto a hierarquização da própria estrutura social, a história cultural separa-se sem dúvida de uma dependência demasiadamente estrita de uma história dedicada ao estudo das lutas econômicas, porém opera um retorno hábil também sobre o social, pois centra a atenção sobre as estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um ser-percebido constitutivo de sua identidade”*¹³.

A mídia impressa, radiofônica e televisiva tem o poder de interferir nestes intercâmbios culturais com o propósito de fabricar imaginários, identidades sociais com base em códigos de conduta considerados éticos e moralmente aceitos numa determinada sociedade. Operam com relações simbólicas que “estruturam o contexto” através dos diferentes grupos que compõe a sociedade. Estruturar o contexto é fabricar antes de mais nada os “óculos” ou as “lentes” pelas quais os indivíduos passam a “ver o mundo” ou, noutras palavras, interpretar os fenômenos sociais.

Tudo que passa a existir como acontecido existe apenas pela representação objetivada ou expressa pelos seus locutores. No mundo como representação não há lugar para o

¹² CHARTIER, Roger., pp. 16-17.

conceito de verdade absoluta na história. Existem “verdades” ou representações do que foi vivido coletivamente, compartilhado por uma comunidade e resguardado na memória de cada um com significados próprios da “utilização mental” do grupo em questão.

“A relação de representação é, deste modo, perturbada pela fraqueza da imaginação, que faz que se toma o engodo pela verdade, que considera os signos visíveis com índices seguros de uma realidade que não o é. Assim desviada, a representação transforma-se em máquina de fabricar respeito e submissão, num instrumento que produz uma exigência interiorizada, necessária exatamente onde falta o possível recurso à força bruta: Só os homens de guerra não estão disfarçados assim, porque na realidade a sua parte é mais essencial: estabelecem-se pela força ao passo que os outros o fazem pela aparência”¹⁴.

A legitimação do poder é outro problema central para as investigações acerca dos imaginários sociais. Não se obtém a legitimidade do poder somente através da força pura e simples. É preciso legitimá-lo através de símbolos que representem uma identificação entre o poder estabelecido e os governados.

Procura-se obter a ordem através da propaganda mobilizadora de energias racionais e sentimentais. Ao mesmo tempo, o poder estabelecido busca contra atacar qualquer ameaça que coloque em risco sua legitimidade, criando uma contra legitimidade que desqualifica o opositor.

Neste sentido Baczko se aproxima de Chartier ao indicar que os bens simbólicos produzidos por uma determinada sociedade não são ilimitados, ou seja, totalmente fechados aos desvios. Ao contrário, estão sujeitos às relações de força colocadas em campo pelos atores antagônicos.

“Como já indicamos, os bens simbólicos que as sociedades produzem não são ilimitados. Ora, a legitimidade do poder é um bem particularmente disputado. Constitui, muito em especial, o objeto dos conflitos e lutas entre dominantes e dominados. O poder estabelecido protege a sua legitimidade contra aqueles que a atacam, quanto mais não seja pondo-a em dúvida.

¹³ CHARTIER. Roger. “O Mundo Como Representação”. Estudos Avançados, 11 (5), 1991.

¹⁴ BACZKO, Bronislaw, op. Cit, p. 310.

Imaginar uma contra-legitimidade, um poder fundado numa legitimidade diferente daquela que se reclama a dominação estabelecida é um elemento essencial do acto de pôr em causa a legitimidade do poder. Esses conflitos não são só imaginários (...) a fim de proteger esses bens raros, um conjunto de dispositivos extremamente variados e bem “reais” de proteção, senão de repressão,” são utilizados “com vistas a assegurar-se do lugar privilegiado do domínio dos imaginários sociais”¹⁵.

No entanto, pensar a luta de representações não exclui a utilização da violência repressiva como coadjuvante significativa e indispensável para assegurar-se o domínio sobre os imaginários sociais. Em momentos de “crise”, principalmente, verifica-se uma intensificação da produção de imaginários sociais concorrentes e antagônicos visando obter-se a legitimidade necessária para a manutenção de um “futuro diferente”.

Da mesma maneira, os sistemas de símbolos são colocados em prática a fim de se obter comportamentos modelares, individuais e coletivos, com vistas ao êxito dos investimentos imaginários. Através dos símbolos, é possível condensar as mais profundas expectativas, recusas, temores e esperanças de uma coletividade, ao mesmo tempo que possibilita mobilizar indivíduos em direção às ações comuns.

O poder também se utiliza de meios espetaculares ¹⁶ para marcar a memória coletiva e se firmar enquanto representante legítimo da sociedade. As comemorações, festas de todo o tipo, construção de monumentos etc, fazem parte do arcabouço imagético do poder estabelecido. As manifestações de grandeza e ostentação caracterizam-nas, sejam elas feitas dentro de uma situação onde o regime é “democrático” ou “totalitário” pois tudo depende da distribuição material dos meios de produção simbólicos, necessários para se fazer chegar ao maior número de pessoas as mensagens sociais.

Trata-se, por via destas manifestações grandiloquentes, de mobilizar os sentimentos, manipular as paixões, elaborar identificações, distribuição de papéis e posições sociais.

¹⁵ BACZKO, Bronislaw, op. Cit., p. 310.

¹⁶ BALANDIER, Georges. *O Poder em Cena*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

Identificar os inimigos, desqualificá-los pelas suas posições passadas descoladas dos valores presentes, divulgá-los como agentes da “construção da história e do progresso”.

O controle da memória coletiva no plano simbólico não é mobilizado só em função do passado mas, talvez, muito mais pelas visões de futuro, na projeção das angústias, esperanças e sonhos coletivos, onde operam em correlação necessária.

Segundo Baczko,

“Uma das funções dos imaginários sociais consiste na organização e no controle do tempo coletivo no plano simbólico. Estes imaginários intervêm activamente na memória coletiva, para a qual, como dissemos, os acontecimentos contam muitas vezes menos do que as representações a que dão origem e que os enquadram. Os imaginários sociais operam ainda mais vigorosamente, talvez, na produção de visões futuras, designadamente na projeção das angústias, esperanças e sonhos coletivos sobre o futuro”¹⁷.

O controle sobre a emissão e circulação das informações e imagens alteram-se segundo a evolução do suporte tecnológico e cultural ao longo da história. Segundo Baczko, existiram dois momentos de ruptura neste processo: a passagem da cultura oral à cultura escrita, que se efetua graças, sem dúvida, à tipografia, mas ainda mais decisivamente graças à alfabetização e a implantação duradoura dos meios de comunicação de massa.

Advém do processo de expansão dos meios de comunicação de massa o que convencionamos chamar de “cultura de massa” que a partir de Adorno e Horkheimer¹⁸ passou a designar os produtos da indústria cultural. As relações entre as informações

¹⁷ Baczko, Bronislaw, op. Cit., p. 310.

¹⁸ O termo “indústria cultural” é resultado dos estudos que os teóricos da “Escola de Frankfurt”, mais precisamente, Adorno e Horkheimer, elaboraram sobre os produtos culturais transformados em mercadoria no mundo capitalista. A cultura se transformou numa “indústria” que através da racionalização das técnicas de promoção e distribuição de “bens artísticos” visa acima de tudo a criação de diversões e distrações que desviam os indivíduos de suas tensões cotidianas. No entanto, ao invés de libertar as pessoas informando-as sobre o que realmente as aliena e angustia, reforçam a estrutura do mundo que as oprime, mantendo-as sob o domínio oculto da ideologia burguesa. Em contraposição à esta visão frankfurtiana da indústria cultural é que Roger Chartier coloca uma alternativa que relativiza o seu poder de aculturação, ao criar os conceitos de “apropriação, práticas e representações”. Sobre este aspecto retornar às páginas 10-13 deste trabalho. Sobre a Escola de Frankfurt ver: ADORNO, Theodor,

prestadas pela indústria cultural e a imaginação se dão sob uma realidade onde os indivíduos recebem informações centradas na atualidade, sem vínculos com um passado recente. O acontecimento colocado em foco hoje será esquecido amanhã, substituído pela “novidade” será recalcado. Pelo fato de serem centradas na atualidade se mostram atomizadas e fragmentadas não constituindo um todo. Daí as possibilidades de atuação da propaganda, por exemplo, como criadora de símbolos de satisfação dos desejos de segurança e de dispersão das angústias dos indivíduos, tensionados pela fragmentação de informações e necessitados do sentimento de unificação. Os símbolos se prestam a isso, pois carregam uma carga condensada de sentimentos profundos do indivíduo em relação ao grupo, bem como do grupo em relação a sociedade global.

Portanto, é a propaganda moderna, fruto das tecnologias de comunicação de massa associadas às estratégias de persuasão, que detêm as possibilidades técnicas, culturais e políticas que permitem a manipulação das emoções e imaginários sociais.

Além do mais, onde o Estado detém o monopólio dos meios de comunicação há, necessariamente, o exercício de uma censura rigorosa que possibilita um domínio brutal sobre os imaginários. Mas certamente não é só ao Estado totalitário que se deve este fenômeno exclusivo da manipulação dos imaginários. Em certa medida, numa situação de maiores liberdades democráticas verificamos também a utilização do mesmo tipo de violência simbólica investida sobre a sociedade. Seu objetivo? A conquista de uma legitimação consubstanciada no imaginário social, investida de finalidades diversas articuladas às lutas de representações.

No discurso da “objetividade jornalística” a serviço da isenção, é possível percebermos a luta de representações subsumida nas suas entrelinhas. Por mais que os veículos de

comunicação de massa queiram se isentar de qualquer tendência parcializante ainda é possível num estudo mais criterioso perceber suas vinculações e oposições.

A linguagem jornalística, nas suas modalidades escrita e televisiva, que aqui serão objeto de investigação, detém uma infinidade de recursos linguísticos e imagéticos, que, combinadas entre si, proporcionam uma gama de recursos comunicativos os quais ocultam, desviam, hipertrofiam ou diminuem a importância das informações veiculadas. A “objetividade jornalística” possui limites bastante precisos quando se trata da disputa pelo poder. O limite entre o que é ético e o que não o é, no jornalismo, muitas vezes, mascarado de “objetividade informativa”, na realidade, revela-nos um jogo de linguagem que tem como objetivo legitimar as ações e desejos políticos dos detentores desses meios. Não existem veículos de comunicação de massa neutros, o máximo que se pode alcançar em termos de objetividade é a postura dita imparcial que não é absolutamente a mesma coisa que neutralidade. A neutralidade é também uma postura tendenciosa pois mesmo que isso fosse possível a própria falta de interação com o objeto já caracterizaria uma postura parcial.

*“Da mesma forma, a objetividade, enquanto discurso sobre um dever ser jornalístico socialmente interessado, é uma estratégia de legitimação social de um tipo de produto e deslegitimação de outros”(...)
A legitimidade jornalística fundada em sua aparente objetividade será tanto maior quanto menos perceptível for a arbitrariedade que está na origem de toda a produção mediática”.*¹⁹

Essa “gramática mediática” toma emprestada da linguagem política uma série de estratégias que, normalmente, são empregadas como recurso simbólico ao exercício do poder. Apesar disso, não devemos crer que basta para algum grupo possuir os meios de comunicação de massa, para aceitar, de imediato, que haverá uma manipulação mecânica dos receptores pelos emissores. A mídia está imersa num conjunto de relações

¹⁹ ESCOBAR, Estébam López, Nota preliminar, in, BARROS FILHO, Clóvis. *A Ética na Comunicação*, São Paulo, Moderna, 1995, p. 09.

dialéticas complexas, e o resultado da sua produção é parte das tensões e dos conflitos mais gerais que envolvem a sociedade.

*“A mídia constrói um mundo objetivo que, por se impor como ‘real de todos’, não é subjetivamente o ‘real de ninguém’, impondo-se a todos através da violência simbólica que caracteriza a objetividade aparente”.*²⁰

Faz-se necessário compreender, ao mesmo tempo, a política, como parte de um jogo de apropriações e representações simbólicas do poder, e a utilização de veículos mediáticos, como instrumentos de formação e expansão de imaginários sociais. O espectador, portanto, está imerso num contexto mais amplo e a mídia é um instrumento que alguns grupos detêm em detrimento de outros.²¹

O presente trabalho objetiva, portanto, compreendê-los como instrumentos necessários à construção da realidade por intermédio de representações que em última instância compõem o imaginário social de uma dada sociedade num determinado momento histórico.

A disputa pelo controle das emissoras de TV, a análise das representações do poder e a influência delas na formação do imaginário social em Uberlândia se configuram como investigação central desse trabalho. A discussão a respeito da origem das atividades televisivas associadas aos interesses políticos de diversos grupos locais nos dão uma visão bastante elucidativa da relação entre a mídia e poder local. Mas acima de tudo nos permite visualizar como a mídia procura evitar que os imaginários sociais se mantenham autônomos ao procurar direcionar ao máximo sua formação. Se a política é um campo relacional de forças e o controle da mídia tende a aumentar a força de um grupo em detrimento do outro, é concebível a idéia de que esta possibilita um aumento de força na proporção em que se torna útil à propagação de uma determinada visão de

²⁰ ESCOBAR, op. Cit, p. 80.

²¹ MARCONDES FILHO, Ciro. *Quem manipula Quem? Poder e massa na indústria da cultura e da Comunicação no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1985.

mundo. Significa dizer em outras palavras que a construção de símbolos e sua adoção por parte dos indivíduos na sociedade se faz necessário para a composição da força que é inerente ao exercício do poder, ou, noutra perspectiva, na construção de um contrapoder que intercepte as tentativas de criação de uma autoridade simbólica que se possa exercer para a dominação.

Para realizar esta investigação, procurei adicionar ao caldo de análises sobre o papel dos meios de comunicação uma abordagem sobre o movimento separatista do Triângulo Mineiro, entendido como uma manifestação das oligarquias mais permanentemente enraizadas nas estruturas do poder local. Desde o século passado estas mantêm o controle sobre a região, sobretudo sobre os “meios de produção políticos”.

Como podemos “ler” estes acontecimentos registrados nos jornais, revistas, boletins e panfletos dirigidos à sociedade local? Como investigar sem as fitas e mais fitas de vídeo “sumidas”, “queimadas”, enfim descartadas dos arquivos mortos da então TV Triângulo e atual TV Integração que talvez nunca chegaremos a ver? Que caminho devemos percorrer? Talvez seja mais coerente dizermos que não exista um único caminho. A história não está inscrita num linha processual inexorável onde os historiadores têm que descobri-la para revelar a “verdade” sobre os acontecimentos. Os caminhos são vários e inusitados, podendo o historiador traçá-los por vários ângulos e transversalidades possíveis. A “lógica” é traçada pelo historiador que escolhe, recorta, aproxima, distancia ou desvia documentos e memórias. A trama narrativa indicará o caminho escolhido pelo historiador dentre os inúmeros possíveis de serem construídos.

Analisei como a imprensa escrita vem sendo instrumentalizada pelos grupos separatistas e também, como os que se dizia contrários a esta idéia, contraditoriamente assumiram, em determinados momentos, os símbolos separatistas com o intuito de manipularem o

imaginário social em função de interesses bem específicos, revestidos de ações pelo “interesse comum” da região e de seu “povo”.

Para tanto, pesquisei, especificamente, as campanhas eleitorais para prefeitura de Uberlândia de 1982 e 1988, a atuação dos deputados constituintes favoráveis ao separatismo em 1986 e a campanha presidencial de 1989, também em Uberlândia, e articulei estas investigações a uma rápida investida sobre o movimento separatista desde o século passado, com o objetivo de verificar e compreender como a mídia foi constantemente utilizada com o intuito de perpetuar certas imagens, discursos e representações que serviram à manutenção do poder destas mesmas oligarquias.

Foi possível perceber que os símbolos separatistas foram apropriados pelos grupos políticos rivais como estratégia para se desqualificarem mutuamente, ao mesmo tempo em que se projetavam como os supostamente legítimos representantes dos interesses do “povo”.

Com o transcorrer da pesquisa, através dos contatos com os documentos e depoimentos, algumas modificações tornaram-se necessárias em relação à proposta original, na medida em que o objeto central mostrou-se em alguns momentos, exigente de maiores aprofundamentos e de novas problematizações. Este foi o caso da abordagem sobre o movimento separatista, **que de objeto central e único passou a mais um elemento no mesmo nível de importância dos demais - ou seja, as eleições de 1982, de 1988 e de 1989.** Isto foi necessário porque na medida em que a pesquisa se desenrolava e se aprofundava, novas perguntas me ocorriam e mais importante se tornava perceber e compreender as representações e imagens políticas presentes na imprensa escrita, já que as TVs locais fecharam as portas dos seus arquivos para este pesquisador.

Com relação à hipótese inicial preservei integralmente a preocupação de verificar e compreender de que formas aparecem as representações e imagens políticas construídas

pelos grupos dominantes com a finalidade de se perpetuarem no poder, utilizando-se da mídia (compreendida aqui como todos os recursos de tecnologia comunicativa como jornais, revistas, TV, etc), para isso.

Apesar das fontes diretamente ligadas às emissoras de TVs tornarem-se inacessíveis, foi possível através da memória dos entrevistados e das matérias jornalísticas perceber a vinculação da TV Integração (anteriormente denominada TV Triângulo) e da TV Paranaíba aos interesses das oligarquias mais conservadoras da cidade.²²

Até posso dizer que, para compreender as representações separatistas, foi necessário buscar similitudes com as imagens utilizadas ao mesmo tempo nas realizadas na década de 80 em Uberlândia. Percebia-se que as representações e imagens utilizadas no movimento separatista guardavam semelhança com aquelas freqüentemente usadas nos processos eleitorais. As imagens e representações construídas pelos agentes políticos, auxiliados pelo “pessoal” dos meios de comunicação (jornalistas, publicitários, especialistas em marketing político), também caracterizaram um avanço cada vez mais vigoroso da importância que se dava aos instrumentos midiáticos naquele momento de “redemocratização” do país.

Durante o processo de pesquisa, também me deparei com inúmeras dificuldades. Nenhuma emissora de TV da cidade de Uberlândia diz possuir arquivos de imagens da data de sua fundação ou de momentos posteriores. Alegam não terem nunca se interessado pela preservação da memória de suas instituições e pelo visto, até agora, não deixam evidências de que se mobilizaram seriamente para tal. É lamentável que instituições de comunicação do porte destas não procurem criar junto às suas organizações, arquivos de imagens e documentos diversos. Ao que tudo indica,

²² A TV Integração desde 1972 é afiliada à rede Globo de Televisão. Foi a primeira emissora de TV a operar em Uberlândia e se chamava, na época da obtenção da concessão, em 1962 TV Triângulo. A TV Paranaíba, afiliada da Rede Bandeirantes desde 1978, quando começou suas atividades, obteve concessão para funcionar em 1975. Atualmente são as duas mais destacadas redes de TV de Uberlândia.

podemos inferir de tal postura quatro possíveis conclusões: em primeiro lugar, as emissoras locais são absolutamente incompetentes no trato do material jornalístico criado por elas mesmas; em segundo lugar, elas destroem deliberadamente o material por considerarem a história um mal que pode comprometê-las e por isso mesmo se posicionam com irresponsabilidade em relação as questões de interesse público; em terceiro, escondem os arquivos deliberadamente, para evitar sua utilização por parte da sociedade que, em última instância, é a maior interessada pela produção das emissoras, pois são para os telespectadores o fim desta; e por último tudo isso junto, ou seja, incompetência, ocultamento da documentação e descaso deliberado com a história local. A dissertação, em sua configuração final, está dividida em dois capítulos: no primeiro intitulado , “Mídia e Poder”, procurei demonstrar como surgiram as duas mais destacadas emissoras de TV de Uberlândia – a TV Integração e TV Paranaíba - e a que grupos estavam ligadas. A TV Integração, que iniciou suas atividades com o nome de TV Triângulo no ano de 1964 é a mais antiga delas. A TV Paranaíba pertencente a outro grupo político é mais recente e suas atividades datam de 1978. Na trama traçada neste capítulo é possível identificar jornais e rádios ligados as referidas TVs bem como a luta simbólica pelo controle da nova tecnologia.

No segundo capítulo, “Representações do Conservadorismo Político em Uberlândia nos anos 80”, utilizei-me de uma análise que privilegiou as representações e imagens do poder estabelecido concomitantemente à influência exercida pela mídia na construção do imaginário político em Uberlândia. As eleições para prefeitura, a atuação dos deputados na assembléia constituinte e as eleições para presidência em 1989 se consubstanciaram no tema central para demonstrar, através destas, a maneira como foram construídas e recicladas as representações e imagens utilizadas pelo poder estabelecido na cidade.

Foi de importância significativa perceber como os integrantes do movimento separatista utilizaram-se de representações semelhantes às utilizadas pelo grupo ligado a ditadura que havia sido derrotado nas urnas em 1982 para o PMDB no Estado de Minas Gerais.

A “democracia participativa”, slogan utilizado pelo então candidato, Zaire Rezende em sua campanha para prefeito de Uberlândia em 1982, inaugurou uma nova maneira de se fazer política em Uberlândia e colocou em xeque o modelo populista conservador de Virgílio Galassi, prefeito de Uberlândia por quatro mandatos no último quartel do século XX. Daí a necessidade de “reciclagem”, por parte daqueles que perderam o poder em 1982, se tornar um ponto crucial para a sobrevivência política.

CAPÍTULO I

MÍDIA E PODER POLÍTICO EM UBERLÂNDIA: AS TRAMAS DE UMA RELAÇÃO NÃO VEICULADA

O rádio ainda imperava absoluto como meio de comunicação de massa utilizado pela população de Uberlândia quando, em abril 1964, tiveram início as primeiras transmissões televisivas geradas com regularidade pela TV Triângulo canal 8.

Rádio e imprensa escrita se articulavam naqueles tempos em que a TV ainda não havia chegado a Uberlândia. Muitos proprietários e diretores de jornais impressos também eram ao mesmo tempo sócios de emissoras de rádio, sendo que alguns deles se tornaram vereadores, prefeitos e até deputados, sem contar que estes meios de comunicação

também davam apoio à outras pessoas que não estavam diretamente ligados à atividade jornalística.

A preocupação com a influência exercida pelo rádio na formação do imaginário político naquele momento pode ser constatada pelas notícias veiculadas na própria imprensa local, como pode ser observado no trecho a seguir destacado:

“Meus amigos: tenho acompanhado com necessário interesse a perlanga travada entre o candidato do P.R. (antigo pedessista) e seus antigos companheiros do PSD, através da Radio Cultura emissora adquirida às vésperas das eleições, num trabalho é claro, pessoal e político junto a JK e Valadares. (...)

O primeiro candidato do P.R., partido em decadência, diz na sua rádio que o PSD nunca se preocupou com problemas da cidade, esquecendo-se, no entanto, que há 60 dias atrás fazia parte deste mesmo partido. (...)

Diz mais, o candidato Geraldo Ladeira que o PSD conseguiu em poucos dias mais uma emissora para Uberlândia, e não se preocupou um só instante com a Escola de Engenharia e mudança da Mogiana (...)

Retruca da outra rádio, o seu adversário: - mal agradecido, candidato do P.R.; você foi o único beneficiado com o PSD. Conseguiu mais de 4 rádios para o seu uso pessoal, conseguiu empréstimos, arranjou emprego para o seu irmão, fez serviço de corretagem a custa do prestígio que procurava usufruir do PSD e hoje é você mesmo que quer atacar o PSD por isto ou por aquilo. (...) O que você quer é falar sozinho na rádio sem contestação. Você foi ao Rio denunciar que a Rádio Cultura era de elementos comunistas, como fez a Educadora em tempos idos” (...) ²³

No final dos anos 50 e início dos anos 60, período próximo ao momento em que a primeira concessão de TV²⁴ foi obtida por alguém na cidade, Uberlândia contava com quatro emissoras de rádio (Difusora, Bela Vista, Educadora e Cultura) e quatro jornais impressos (O Repórter, Correio de Uberlândia, O Triângulo e Tribuna de Minas).

A **Rádio Difusora** era a mais antiga de todas e havia sido fundada em 1939 por Aristides de Figueiredo com o apoio financeiro de um comerciante paulistano de aparelhos de rádio chamado Joaquim Penteado. Penteado estava interessado em

²³ “Geraldo Ladeira é candidato mentiroso, leviano e demagogo”. Correio de Uberlândia. 28/09/1959. Citado por Santos, Regma Maria dos. “Os meios de comunicação na memória e no discurso político em Uberlândia (1958-1963)”. 1993, pp. 122-123, Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1993, pp. 122-123.

²⁴ A concessão da TV Triângulo foi obtida em 1962, através do decreto 1127, de 04/06/62, pelo empresário Edson Garcia Nunes A primeira transmissão experimental da TV Triângulo foi feita um mês após o golpe militar de 31 de março de 1964.

comercializar os aparelhos de rádio na região e por isso apoiou financeiramente a fundação da Difusora com o objetivo de expandir a venda dos aparelhos receptores.

Na década de 40 Mizael de Castro adquiriu a Rádio Difusora e repassou seu controle para Geraldo Mota Batista no início da década de 50, depois do casamento deste com sua filha. Geraldo Mota Batista era mais conhecido por Geraldo Ladeira pois dizia ser primo de um radialista famoso da Rádio Nacional chamado César Ladeira.

Geraldo Ladeira chegou em Uberlândia em 1950, depois de ter trabalhado na “Rádio PRS7” de Ribeirão Preto, para exercer a função de locutor na “Rádio Difusora”. Além da Difusora Ladeira também controlava outra rádio, a Bela Vista. Segundo entrevista concedida pelo técnico em eletrônica, atualmente trabalhando na TV Paranaíba, Mário Rodrigues dos Reis, a Rádio Bela Vista foi fechada pelo governo militar sob a alegação de estar operando irregularmente, sem a concessão prévia do Ministério das Comunicações.

“A rádio Bela Vista foi uma criação do Ladeira, ele tentou uma frequência estranha, tentou avançar o sinal, tanto que a Bela Vista foi fechada pelo governo. Era uma emissora clandestina, era uma emissora irregular. O Ladeira manteve-a por vários anos”. (...) ²⁵

Na rádio Difusora, Ladeira possuía um programa onde permitia que as pessoas pudessem se manifestar ao vivo para fazerem reclamações sobre os serviços públicos municipais. Como pertencia ao PSD antes de se filiar ao PR, aproveitava para criticar os membros da UDN em seus programas sobre política, veiculados diariamente às 18:00.

Ladeira chegou a ser prefeito de Uberlândia entre 1958 e 1961, pelo PR (Partido Republicano) graças à influência que obteve junto ao eleitorado com estes programas. Antes de pertencer ao PR, Ladeira fazia parte dos quadros do PSD, porém se desfilou após ser derrotado na convenção para a escolha dos candidatos à prefeito para Toninho

²⁵ Mário Rodrigues Reis cedeu entrevista gravada em sua casa, com aproximadamente 60 minutos.

Rezende, um cacique tradicional do partido. Ladeira se desfilou do PSD para lançar-se candidato a prefeito pelo PR, fundado em Uberlândia por ele mesmo, sem ao menos se desincompatibilizar com as atividades jornalísticas exercidas na rádio Difusora.

Naquela oportunidade não havia nada que impedisse os proprietários de jornais ou de emissoras de rádio de se utilizarem de seus meios de comunicação para auto promoção e nem sequer uma lei que desse direito aos candidatos, que não possuíssem tais meios, de ocuparem gratuitamente um horário eleitoral para divulgarem suas propostas à população. O horário político era comercializado como qualquer outra mercadoria, o que permitia uma ampla vantagem aos proprietários de rádios e jornais. Naturalmente, Ladeira se aproveitou desse privilégio e usou o rádio na sua campanha para prefeito.

Na eleição daquele ano Toninho acabou sendo derrotado por uma diferença de 270 votos para Ladeira. Depois dos votos terem sido recontados por seis vezes Toninho se deu por vencido e Ladeira assumiu a prefeitura sem se afastar das atividades da Rádio Difusora, conforme poder ser observado nesse trecho da entrevista concedida pelo jornalista aposentado, Sérgio Martineli :

“Quando ele ganhou a prefeitura ele bateu um coronel aqui famoso que era o Toninho Rezende, pai do Alfredo Rezende . Houve uma convenção do partido e o Ladeira ganhou de 30 a zero do Toninho Rezende para ser o candidato a prefeito pelo PSD. Eles anularam esta convenção, fizeram outra e o Toninho ganhou de 30 a zero do Ladeira e foi o candidato do partido. O Ladeira saiu do partido, filiou-se ao PR, e aonde ali era a discórdia, o Ladeira fez o comitê de propaganda e disse que ali era o “PSDesinho” do Ladeira. E ele tinha a rádio né, naquele tempo não tinha horário político gratuito, o cara tinha que pagar para fazer propaganda, então ele tinha a rádio e tinha um programa das seis horas da tarde que se chamava mais ou menos assim “Reclame, você pode reclamar” ... aí ele dizia assim “olha eu adoro o Toninho Rezende, eu adoro! Sabe o que é um cara adorar uma pessoa? Sabe porque eu adoro ele? Porque ele é um marido maravilhoso para a dona Maria, um pai maravilhoso pros filhos ... mas ele não sabe nada, o Toninho não sabe nem assinar sô! Mas como é que vai botar esse prefeito”(risos) ... Que delícia ! ... E no último dia da campanha ele foi lá na rádio e falou “olha, hoje vai ter um baile e um jantar lá no Toninho, hoje é o último dia da campanha, amanhã vocês vão ter que votar para escolher o prefeito. Vocês vão tudo para lá e come, bebe, dança, namora, leva as “muié” para casa e amanhã vocês votam em mim” ... (risos). Você sabe o

que aconteceu, ele ganhou por 279 votos, aí veio gente de Belo Horizonte ... recontavam os votos e não dava diferença. Recontaram 6 vezes, e davam sempre os 279.

E sabe qual a primeira coisa que o Ladeira fez? A prefeitura era ali onde é o Palácio dos Leões. A prefeitura e a câmara eram ali ... ele pintou tudo de azul, porque ele tinha um slogan que dizia assim “Tuuudo Azuuul (...)

Como ele tinha a rádio Difusora e a rádio difusora tinha uma onda tropical muito boa ... ia longe. Em Campinas a mãe ouvia os programas dele e ele então começava os programas assim: mamãe, aí que saudades da mamãe, tá tuuudo azuul por aqui ... (risos).”²⁶

A UDN que possuía bastante força em Uberlândia desde a sua fundação, não deixou por menos. Em 1955, através de seus chefes políticos, Nicomedes Alves dos Santos (fazendeiro e proprietário de uma rede de cinemas em Uberlândia e região), João Naves de Ávila (fazendeiro e proprietário do frigorífico Omega), Guiomar de Freitas (fazendeiro e dono do frigorífico Caiapó) e José Zacarias Junqueira (também fazendeiro) adquiriram a **Rádio Educadora**²⁷ objetivando claramente rebater as críticas de Ladeira e ocupar espaço radiofônico à busca do poder.

A Rádio Educadora havia sido fundada em 1952, iniciando suas atividades em 1953, pelos radialistas Adib Chueiri e Paulo de Castro, sendo o último partidário do PTB. Sua direção, após a transferência de proprietários em 1955, foi entregue para Moacyr Lopes de Carvalho que implantou uma programação diversificada e popular que continha desde programas de auditório até radionovelas produzidas por roteiristas e atores locais. Essa rádio, a partir daí conseguiu a liderança da audiência e tornou-se a “queridinha da cidade”. Programas sertanejos, programas policiais e rádio teatro eram realizados ao vivo com o público lotando um auditório feito para acomodar 300 pessoas, localizado na avenida Afonso Pena próximo à praça Tubal Vilela.

“Quando o pessoal da UDN... porque aqui sempre existiu duas correntes políticas fortes, era a UDN e o PSD, o pessoal da UDN estava achatado,

²⁶ Entrevista cedida pelo jornalista aposentado Sérgio Martineli, que trabalhou na rádio Educadora, no jornal Correio de Uberlândia e no jornal Primeira Hora dentre outras várias publicações em Uberlândia.

²⁷ Hoje a Rádio Educadora AM, de propriedade da Rede Mineira de Rádio e TV, está arrendada para grupos evangélicos de Uberlândia.

machucado, com o Ladeira que acabava com eles, que tinha um programa do tipo 'peça o que você quiser, reclame, você tem o direito de reclamar, o que que você quer... o que que você isso e tal' ... e o pessoal falava e lascava o pau na UDN quando o prefeito era da UDN, então eles compraram essa rádio que tinha como sócios Nicomedes Alves dos Santos, que na ocasião além de fazendeiro, tinha rede de cinema aqui e em Ribeirão Preto e em Goiânia ... a empresa era Empresa Teatral Uberlândia LTDA. Depois o João Naves de Ávila, que tinha o frigorífico Omega, era um dos maiores fazendeiros da região, e que hoje tem até nome de avenida. Era um homem extraordinário, baixinho mas inteligente, que não tinha cultura nenhuma mas enxergava do outro lado do rio sem passar no meio da água. Tinha o José Zacarias Junqueira da família Junqueira, o Guiomar de Freitas que era dono do frigorífico Caiapó, então este pessoal tornou-se dono da Educadora e entregou a direção da rádio a um cidadão que chamava-se Moacir Lopes de Carvalho... que ficou 11 anos no seminário ...só não tinha uma voz bonita o que sempre foi o pesar da vida dele. E este homem fez um rádio moderníssimo aqui, com novelas, programas de auditório, contratou numa certa época o Aluizio Silva de Araújo que trabalhava com o Manuel da Nóbrega e que fazia cadeira de barbeiro na Mayrink Veiga, já nesta fase de degeneração do conceito da alta roda. Como jogador de futebol que depois de jogar no Corinthians vai jogar em Araras, depois vai para Sertãozinho depois joga aqui em Araguari, até não dar mais, aí fica branco cai o dente ... em rádio é a mesma coisa, o sujeito vai indo e vai afinando. Então este homem conseguiu uma liderança e a rádio Educadora tornou-se a queridinha da cidade".²⁸

Nos anos de mandato como prefeito Ladeira enfrentou a fúria dos partidários da UDN e do PSD, revelada através dos jornais e rádios controlados pelos respectivos partidos. Ao que tudo indica, conforme apontam estudos realizados com jornais da época por Regma Maria dos Santos, a maioria da população, que não lia jornais, acompanhou com interesse e assiduidade diária através das rádios, as crônicas e reportagens sobre acusações de corrupção, que as partes faziam mutuamente, apaixonadamente e com alta intensidade.²⁹

Na fala do jornalista aposentado Sérgio Martineli, é possível perceber com clareza como era forte a presença do rádio e da imprensa escrita na política, as ligações partidárias de cada um, além da interação existente entre os dois distintos veículos. A **Rádio Educadora** pertencia à partidários da **UDN**, que por sua vez possuíam proximidades com os jornais **Correio de Uberlândia** e **Tribuna de Minas**, ambos

²⁸ Martineli, op. cit.

também ligados à **UDN**. A **Rádio Cultura** e os jornais **O Triângulo** e **O Repórter**, eram ligados ao **PSD**. A **Rádio Difusora**, sob controle de Ladeira, era ligada ao **PR**, uma dissidência do PSD, devido a uma briga de caciques. A **Rádio Bela Vista** também era controlada por Geraldo Ladeira.

“O rádio tinha uma influência tão forte que ao meio dia a Educadora fazia uma crônica contra o PSD, as cinco horas da tarde a Cultura que era PSD, mas brigada com o Ladeira metia o pau no Ladeira e na Educadora e as seis hora entrava o Ladeira para rebater as outras duas. Isso foi uma luta política pelos rádios todos os dias, de segunda a sábado ... então era uma coisa tão pitoresca ... aquelas piadas, as contagens o povo, gozava um gozava outro, e esse Moacir Lopes Carvalho, da Educadora, que tinha um horror pelo Ladeira, horror, sabe o que é um horror. Se o trem da Mogiana descarrilhasse e passasse em cima do Ladeira acho que ele seria o cara mais feliz ... Ele resolveu escrever uma peça de teatro ... aqui tinha um elenco de teatro muito bom sabe que a educadora criou, fazia teatro também ... escreveu uma peça que se chamava assim: “Ladeira, o moço de Campinas”. E o Moacir então escreveu isso. Exibido no Praia Clube para o povo sem cobrar ingresso, gozando o Ladeira. O Ladeira foi lá assistir a peça, e quando acabou a peça pessoal batendo palmas e o Ladeira subiu no palco e disse assim: “eu vim abraçar o autor desta peça, Moacir Lopes de Carvalho, de uma grande cultura, um homem extraordinário, só que ele não é simpático como eu (risos).”³⁰

É interessante perceber também que a aquisição de rádios por parte dos partidários da UDN e do PSD se deu após a instrumentalização da Rádio Difusora para fins políticos pelo seu principal locutor e proprietário, Geraldo Mota Batista, o “Ladeira”.

Geraldo, que havia chegado de Ribeirão Preto e casado com a filha do fazendeiro e proprietário da Difusora, Mizaél de Castro, provocou nos seus adversários a necessidade de aquisição de veículos de comunicação de massa que atingissem a população iletrada. Os representantes do poder econômico “modernizaram-se” tecnologicamente para reproduzir a estrutura do poder estabelecido em Uberlândia.

A aquisição de rádios e jornais por parte dos herdeiros do coronelismo em Uberlândia demonstrava que as coisas não estavam mudando de maneira substancial no cenário político do sertão brasileiro. Pelo contrário, estas aquisições revelavam que os antigos

²⁹ SANTOS, Regma Maria de, op. cit.

donos do poder se “modernizavam” através de novas tecnologias, com a finalidade de se reestruturarem ao nível simbólico.

Durante seu mandato, Geraldo Ladeira, através do “Departamento de Imprensa da Prefeitura”, criou uma coluna denominada “Gabinete do Prefeito”, num espaço alugado nas páginas do “Correio de Uberlândia”, para rebater as críticas recebidas tanto através da imprensa escrita quanto radiofônica³¹.

O jornal “Correio de Uberlândia” naquele momento estava atrelado aos interesses da UDN, partido rival do PSD e do PR. A aparente contradição, ao permitir a utilização de seu espaço pelo prefeito, explica-se pelo fato da necessidade de sustentação econômica por parte do jornal³² e pelo interesse que o assunto suscitava na população que lia os jornais e acompanhava o festival de acusações e defesas, feitas por ambas as partes sobre as improbidades administrativas.

Segue-se um artigo do Correio de Uberlândia com denúncias contra o prefeito Geraldo

Mota Batista:

“À Câmara Municipal foi formulada uma denúncia segundo a qual, o prefeito municipal teria infringido o dispositivo legal, passível, por isso mesmo, de enquadramento na lei de responsabilidade. (...) Devidamente examinada a matéria, o relator que a este subscreve, opina: ‘Pelo exame do assunto constata-se que realmente, houve infração a disposições legais uma

³⁰ Martineli, op. cit.

³¹ “Não é por acaso que o prefeito Municipal criando o Departamento de Imprensa da Prefeitura, loca espaço no Jornal “Correio de Uberlândia” denominado de gabinete do Prefeito, onde este rebate críticas recebidas e expõe os atos do chefe do executivo municipal, reconhecendo a importância dos meios de comunicação muito pelo contrário, o valoriza sobremaneira, como podemos observar neste artigo: *Rede de Jornais. Uma extensa rede de jornais e emissoras vem divulgando notícias de Uberlândia distribuídas pelo departamento de Imprensa da Prefeitura. A aceitação de nosso noticiário tem sido a melhor possível e aproveitamos ao ensejo para agradecer a todos os órgãos de imprensa pela acolhida que vem dando a nossos trabalhos “ Gabinete do Prefeito. Correio de Uberlândia. 14/07/1959.* In: SANTOS, Regma Maria dos. op. cit., p. 141.

³² “No entanto, a oficialização do Departamento Municipal de Imprensa é feito através de projeto do vereador Valdir Melgaço Barbosa, que não contraditoriamente, pode através das páginas de seu jornal lucrar com o espaço vendido à Prefeitura, justificando ser de importância para Uberlândia a criação de um órgão que divulgue a cidade tanto interna como externamente”. (Idem, p. 142)

vez que na aquisição de materiais para o serviço do carnaval, não houve a necessária concorrência administrativa, e que segundo informações por escrito, prestadas pelo prefeito, as contas não se fazem perfeitamente.”³³

Os editorialistas do Correio faziam críticas à Ladeira e recebiam a réplica, através do rádio, especificamente a Difusora, como fica demonstrado no trecho jornalístico a seguir:

“O prefeito municipal, Dr. Geraldo Ladeira depois dos episódios administrativos incorreu num erro, em não ter querido cumprir a lei da Câmara. Mas meditou posteriormente, e na sessão secreta, e, em sua emissora, pelo menos, deu a entender que irá cumprir a lei.”³⁴

Ladeira por outro lado rebatia as críticas dos editorialistas do Correio de Uberlândia.

“O uberlandense já não está se deixando levar pelas apreciações de alguns articulistas sobre a administração Geraldo Ladeira. Isto pelo fato de atendendo em parte a nossos convites, estar realizando visitas as obras dos ‘Reservatórios Elevados’, prédio do serviço do Patrimônio e Departamento anexos, Estação Rodoviária, Mercado Municipal, Almoxarifados, etc. O fato é que o povo vai evoluindo, procurando ver as causas com os próprios olhos e deixando determinados articulistas no lugar que a história lhes reservou: o ostracismo por não terem contato com as cousas como realmente elas estavam acontecendo.”³⁵

O jornal O Triângulo também não deixava por menos, segue-se um trecho de reportagem publicada neste jornal, que pertencia a Renato de Freitas, também proprietário da **“Rádio Cultura”**, onde fica evidente a postura tendenciosa daqueles veículos de comunicação e a articulação entre os dois.

“(…) será realizado por Renato de Freitas, um programa de fiscalização enérgica, decente e honesta dos atos do atual prefeito e dos demais poderes de nossa comuna. Acontecimentos outros, também de âmbito geral, receberão ali, alguns comentários que visarão sobretudo colocar o povo ciente de que não se realiza em nossa cidade”³⁶

³³ “Prefeito na lei de responsabilidades: Perda do cargo. Correio de Uberlândia”. 09/05/1961. (Idem, op. cit., p. 148).

³⁴ Idem, p. 144.

³⁵ Idem, p. 142.

³⁶ “Tribuna do povo, novo programa político”. O Triângulo. 15/02/1959 (Idem, p. 126)

Renato de Freitas, adquiriu sua concessão da Rádio Cultura e o jornal às vésperas da eleição municipal de 1958, entrando na vida política com a consciência da importância de se possuir um veículo de comunicação de massa. Ali falariam ao público quem ele quisesse e, nas entrelinhas dos programas políticos, ou de entretenimento, seu nome seria divulgado. Freitas adquiriu ainda em 1972, juntamente com Tubal de Siqueira e Silva a TV Triângulo, sobre a qual falaremos com mais detalhes adiante, ainda neste capítulo.

*“Nesta altura dos acontecimentos o Renato de Freitas que também era PSD e tinha uma ala dissidente daquele que era do Ladeira, que tinha Homero Santos, João Pedro Gustin, como deputados, um estadual e outro federal. O Renato acabou mexendo e trouxe para cá a **Rádio Cultura** que existe até hoje e que também como um empresário da comunicação foi um ótimo prefeito, que comunicação não era com ele. Um homem que não ligava muito, muito rico, famoso, financeiramente, então aí cansou-se do jornal como eu disse. O jornal O Triângulo, deu para os empregados e vendeu a rádio Cultura para a TV Triângulo que já estava no ar e que esteve na mão deste grupo da UDN que não acreditou na televisão, Nicomedes, João Naves de Ávila”.*³⁷

O jornal **O Triângulo** havia sido fundado em Araguari em 1928 e vendido para um grupo de Uberaba no ano de 1945. Em 1958 foi adquirido pela “Empresa Gráfica do Triângulo Ltda” de propriedade de Renato de Freitas. Freitas se desincompatibilizou definitivamente com O Triângulo quando passou o jornal aos seus funcionários na década de 70 para saldar dívidas trabalhistas.

Na década de 80 foi vendido para o jornal de Uberaba, de propriedade de Fabiano Fidelis, Jaime Moisés e filhos. Fidelis deixou o jornal sob a direção de um sobrinho que exercia a função de juiz classista em Uberlândia, chamado Sérgio Henrique de Oliveira. Depois que Jaime Moisés vendeu sua parte para a Benati, Fideleis também se dispôs da sua participação acionária. Em 2000 O Triângulo foi fechado dramaticamente, assolado por quase 50 ações trabalhistas correndo no fórum contra a empresa. Hoje Uberlândia só possui um jornal, o “Correio”, de propriedade do grupo Algar.

Por outro lado, havia o jornal “**O Repórter**” que apoiou a eleição do prefeito Geraldo Ladeira, como fica demonstrado nestes trechos da reportagem publicada à época da convenção do Partido Republicano, realizada no auditório da Rádio Difusora:

“A reunião teve lugar no auditório da Rádio Difusora, cujo recinto ficou superlotado em vista do grande número de pessoas presentes inclusive muitas senhoras e senhoritas. (...) Homologadas foram as candidaturas de Geraldo Mota Batista, para prefeito e do advogado Pedro Scwindt Filho para deputado estadual. Nesta oportunidade, o candidato Geraldo Mota Batista fez suas despedidas do Partido Social Democrático, profundamente emocionado, do qual fora por força de acontecimentos de todos conhecidos com outros destemidos e leais companheiros, obrigado a sair. E assim, com os resultados brilhantes de ontem. O Partido republicano aí está, em plena luta, capacitado para uma grande campanha eleitoral enfrentando nas urnas de 3 de outubro, com candidatos probos e esclarecidos, os que à frente lhe surgirem, sem temores de derrota, porque defende a causa do povo, deste mesmo povo que sofre o peso do rôlo compressor da presente conjuntura”³⁸

No entanto, no transcorrer do mandato de Ladeira, o mesmo jornal passa a fazer acirrada oposição ao prefeito. Seria por não ter conseguido os mesmos créditos publicitários do Departamento de Imprensa da Prefeitura, adquiridos pelo “Correio de Uberlândia”, ou por estar representando interesses de outros grupos? Talvez as duas coisas juntas.

Segue-se abaixo trechos do jornal O Repórter criticando o prefeito por ter demitido 70 diaristas contratados pela prefeitura no mandato anterior ao seu:

“Nos últimos dias pelas palestras de lar e esquina, grande celeuma tem se levantado a propósito de dispensa em massa de trabalhadores da prefeitura. O chefe do executivo vem sendo acremente criticado por este ato, que aliás já foi cumprimento do nosso dever jornalístico, fomos ao Palácio da Praça Antônio Carlos em busca de informações (...) Segundo nos foi dito, foram dispensados setenta pessoas. (...) Acrescentou o sr. Américo de Abreu que não vê outro recurso para a salvação do caso, pois o prefeito não dispõe de verba orçamentária para manter o pessoal que encontrar como diarista, e talvez acrescentamos nós, nem trabalho para essa multidão.”³⁹

³⁷ Martineli, op. cit.

³⁸ SANTOS, Regma Maria dos, op. cit., p. 130.

³⁹ Idem, p. 131.

Em resposta, o prefeito usou o rádio para rebater as críticas, como fica evidenciado na tréplica do jornal O Repórter ainda sobre o caso das demissões de funcionários públicos:

“O prefeito municipal ocupou ontem o su alto falante para dizer que quem escreve a nota publicada em nossa edição de ante-ontem, Quarta feira, sob o título ‘O prefeito quer a miséria para os diaristas’ não sabe dirigir a sua própria empresa, portanto não pode entender de assunto administrativo. (...) Engana-se completamente o sr. Prefeito pois o nosso jornal conta 28 anos de existência, toda ela sob a direção atual (...)”⁴⁰

O Repórter fora fundado em 1933 pelo jornalista Artur de Barros que, posteriormente, admitiu como seu sócio João de Oliveira. Em 1966 o jornal deixou de existir, com a morte do jornalista João de Oliveira.

“O Jornal o Repórter começou na década de 30, era um jornal assim humorístico, um jornal espirituoso, comentava os namoros, citavam os jornais brincando. Ele foi fundado pelo jornalista Artur Barros. Depois o Artur admitiu o João de Oliveira como sócio, e depois de um certo tempo o João de Oliveira ficou sendo o único proprietário. O jornal ficou nas sua mão até acabar, com o seu falecimento. João de Oliveira também era um jornalista dedicado, trabalhador, mas o jornal dele não conseguiu assim o destaque do Correio. Ficou mais ou menos no nível do Triângulo. Eu colaborei muito lá, com muita honra, gostei muito de trabalhar lá.”⁴¹

Era intensa e desigual aquela luta de interesses políticos representada através da imprensa e do rádio. Como se vê apenas os que possuíam os instrumentos de produção para fabricar uma representação do mundo, favorável aos seus interesses, é que poderiam de fato adquirir chances reais de alcançar a fortuna no meio político.

A influência do rádio portanto, era tanta, até então, que se passaram alguns anos após a chegada da TV para que ele fosse destronado pela tela do vídeo. Dentre os vários motivos disso, dois particularmente merecem destaque: em primeiro lugar, a novidade requeria poder aquisitivo suficiente para a obtenção do aparelho receptor e a maioria da população não tinha recursos para tal; em segundo lugar, as imagens recebidas através

⁴⁰ Idem, p. 132.

de um sistema de transmissão precário - que se utilizava de inúmeras e grandes torres receptoras localizadas no caminho entre São Paulo e o Triângulo Mineiro - eram tão ineficaz, que chegavam com pouca qualidade. Isto desestimulava a expansão dos telespectadores, pois dificilmente eram capazes de ver ou ouvir alguma coisa com nitidez suficiente para entender o que estava se passando na telinha.

“Mas para montar uma emissora de televisão era preciso ter televisores. E para conseguir a quantidade de televisores para começar as atividades, o Dr. Edson providenciou repetidoras de televisão que trouxessem imagens do estado de São Paulo. Essas imagens eram captadas em Buritizal e por repetidoras dele vinha até Uberlândia. Para pagar estas repetidoras ele vendia cotas da TV Triângulo, vendia um televisor ... para pagar o custo da repetidora. E com isso ele conseguiu vender bastante televisores. (...)

Funcionava o canal 3 que era experimental, funcionava uma repetidora que vinha com a imagem da tupi, aquela que nós pegávamos aqui de Buritizal, na “Casa de Tábua” recebida aqui no alto da Matinha (...) a imagem não era satisfatória, mas era imagem puxa vida, era a televisão, dava para as pessoas verem, uma imagem sofrível mas era uma novidade essa coisa toda. De maneira que quando entrou o canal 8 com imagens boas e sólidas aí consolidou tudo. (...)

Primeiro para criar a audiência foi preciso que o Edson Garcia Nunes vendesse os televisores para a cidade para depois montar a emissora local.(...)

Aqui em Uberlândia tinha o Jorge Simão e o irmão dele que montaram uma indústria de televisores. Eles iam a São Paulo compravam seletor, a caixa , os componentes, hoje como se compra na Tailândia o seletor da Matsuchita, como se compra na Coréia e vão para Manaus para serem montados, o Jorge ia à São Paulo e comprava o seletor da Douglas, a caixa de outra empresa e ia montando o aparelho na indústria de televisores Harley. Depois o Morum Simão montou outra indústria chamado Morsi.” (...)⁴²

Por isso, a opção, naquele primeiro momento, de montar apenas uma retransmissora para captar o sinal da Rede Tupi de São Paulo foi descartada e adotada a idéia de se criar uma emissora com imagens transmitidas de um estúdio localizado aqui mesmo.

As primeiras transmissões foram experimentais e feitas para o público assistir em aparelhos de televisão vendidos antecipadamente ao evento inaugural. O público, na maior parte do tempo não via as imagens com nitidez. Num aparelho colocado no

⁴¹ Entrevista gravada cedida pelo historiador Antônio Pereira, com duração de aproximadamente 30 minutos.

⁴² Mario Rodrigues Reis, op. cit.

escritório do empresário Edson Garcia Nunes, localizado no edifício Valentina, no centro da cidade, onde inclusive chegou a funcionar o primeiro estúdio, o público não se animava, pois o que se via era uma foto com a câmera apontada para ela durante todo o dia e trocada de tempos em tempos.

Edson Garcia Nunes foi o primeiro empresário a conseguir a concessão de uma TV geradora de imagens em Uberlândia. Possuía uma empresa de construção civil bastante ativa na cidade, denominada Companhia de Empreendimentos Gerais do Brasil (CEGEB) que, pela documentação pesquisada e depoimentos colhidos junto aos entrevistados, operava também como casa de crédito.

Houve na realidade, em 1963, uma exibição em circuito fechado, com imagens captadas na praça Tubal Vilela e transmitidas para televisores espalhadas em pontos estratégicos da cidade. Este evento foi uma demonstração da SEMP, indústria de aparelhos de rádio e televisores que, juntamente com a CEGEB, procuravam seduzir o público com a novidade tecnológica, na intenção de vendê-la. Novidade no interior do país, para aqueles que não tinham condições de viajar aos grandes centros e conhecer a televisão.

Interessante perceber também a presença de um imaginário sobre a televisão enquanto veículo de educação, arte e cultura, redentora da “ignorância das massas iletradas”, civilizadora e iluminadora. Nada que pudesse lembrar uma visão apocalíptica transpassava os textos apologéticos escritos pelo pessoal da imprensa local, que viam na chegada da TV em Uberlândia novas oportunidades de trabalho com a expansão dos investimentos e das tecnologias de comunicação de massa.

Mais uma vez a mística da redenção humana ao alcance de todos, através dos meios de comunicação de massa, acabavam por ocultar o jogo do poder estabelecido, pelo controle dos imaginários sociais. “Educar as massas” era muito mais uma estratégia

para se estabelecer uma posição sobre o controle da “maneira de se ver o mundo” do que uma ação pedagógica libertadora que visasse permitir a formação espontânea dos imaginários sociais.

Para comemorar o acontecimento tão esperado e extraordinário, prenhe de expectativas “transformadoras” da condição humana, foi realizado um desfile pela principal avenida da cidade pela CEGEB e pela SEMP do Brasil, empresa interessada no mercado de televisores em expansão no país. Para tal, crianças foram escaladas para demonstrarem “ao povo” através de alegorias, faixas com frases sobre a chegada da TV associadas ao “progresso de Uberlândia e réplicas de televisores, a “maravilha da TV”, como era apologeticamente denominada.

“Com um desfile que teve lugar ontem pelo centro da cidade, a CEGEB mostrou ao povo que a televisão já chegou à Uberlândia. O aparelho completo para a instalação da TV Triângulo e canal 4 já foi visto pela população citadina na prévia da CEGEB do que será, dentro de pouco, pouquíssimo tempo, a maravilha da TV. (...)

Altos mentores da SEMP Rádio e Televisão, encontraram-se em Uberlândia, entrosada com a diretoria da CEGEB, para dar início imediato das operações finais de instalação do mais arrojado veículo de educação, arte e cultura em Uberlândia.(...)

Ontem à noite foram instalados receptores em diversas pontos da cidade para uma transmissão experimental em circuito fechado. Na Praça Tubal Vilela foi apresentada uma “prévia” de televisão em Uberlândia, com projeção de diferentes imagens captadas pelos “camera man” que aqui se encontram.(...)

Hoje será oferecido um coquetel aos altos dirigentes da SEMP que se acham em visita à Metrópole do Triângulo’⁴³.

(foto) desfile realizado na avenida afonso pena com crianças, para demonstração do aparelho de televisão. Maquetes representando a torre de emissão de imagens e uma TV também eram carregada pelas crianças ...

Na realidade ocorreram transmissões diretamente de São Paulo, mas devido à deficiência tecnológica na recepção de imagens não era possível visualizar tudo com

⁴³ “CEGEB: Televisão em Uberlândia”, p.01. Correio de Uberlândia. 06-07/10/1963.

nitidez suficiente o dia todo. Nos primeiros anos, o que houve mesmo foi uma significativa produção local de telejornalismo, teleteatros, entrevistas e a reprodução de filmes e desenhos animados em película adaptados a um aparelho videográfico⁴⁴. Em alguns casos até a transmissão de filmes cinematográficos projetados nas salas de cinema para os aparelhos televisivos foram captados pelos “câmera-mans”⁴⁵.

Com a chegada do Video-tape⁴⁶ a TV Triângulo passou a comprar “pacotes” da TV Exelcior e da TV Record de São Paulo. Um aparelho gravava novelas e programas de auditório nos estúdios destas emissoras que eram trazidos em malotes para serem exibidos com até alguns dias de atraso quando o sistema de transporte falhava⁴⁷.

Em 1972, pouco depois de efetuada a transação comercial de transferência de proprietários, a TV Triângulo se tornou uma afiliada da Rede Globo e foi inserida na Rede Nacional de televisão.

O sistema televisivo brasileiro, modernizado pelos militares em 1969 com a criação da EMBRATEL (Empresa Brasileira de Telecomunicações) e a compra de equipamentos mais sofisticados e eficientes de transmissão de imagens, permitiu que uma rede nacional fosse concretizada com o objetivo de “integrar” o território ao controle do Estado através do Ministério das Comunicações. Os serviços de satélite eram fornecidos pelos norte-americanos que, por aquele momento, já haviam chegado à Lua, concretizando o controle sobre a “colonização” da atmosfera através da NASA e,

⁴⁴ Não seria ainda o video-tape e sim um aparelho videográfico que adaptava a produção fílmica para a transmissão. Só em 1966 é que Edson Garcia Nunes adquire o aparelho de video tape e passou a comprar

“pacotes” de novelas e seriados das redes Exelsior e Record de São Paulo. Isto inclusive significou uma queda significativa da produção local que se baseava em programas musicais, teatrais e de entrevistas realizados durante o ano de 1965.

⁴⁵ Entrevista gravada cedida pelo fotógrafo aposentado, Roberto Cordeiro, que trabalhou na fundação da TV Triângulo.

⁴⁶ Coluna Divertimentos, p.03. Correio de Uberlândia, 29-30 de março de 1966.

⁴⁷ RODRIGUES, Mário, op. cit.

consequentemente, garantido a reprodução dos investimentos feitos na expansão espacial.

A televisão, além da necessidade de ajustar a tecnologia com qualidade satisfatória, também teria que preparar os trabalhadores da comunicação para a novidade. A maioria, senão mesmo todos que foram contratados ou trabalharam como “voluntários” na TV Triângulo da década de 60, veio do rádio ou simplesmente eram amadores, sem nenhuma experiência em televisão.

“Para saber como isso começou é isso aí ... são pequenas coisas ... isto nunca começa assim ... ‘ô vamos construir isto aqui, e vamos aplicar dinheiro’ ... não tinha nem dinheiro suficiente para aplicar. Naquela ocasião foi tão difícil que o Edson Garcia Nunes não podia mais continuar com a televisão lá por volta de 1967, 1968 e deixou de pagar o 13º salário, e os empregados assinavam que recebiam. Eu fui um dos que assinei porque eu precisava da televisão. A televisão era a nossa vida, precisávamos daquilo, era uma equipe de trabalhadores, de artistas de técnicos, que necessitavam de ajudar e nós ajudamos a construir a televisão. (...)

Estes eram principalmente do rádio, tinham os locutores do rádio, tinham os técnicos que eram todos vieram do rádio. O Mário Rodrigues, o Otávio de Melo que eram os montadores das torres dos rádios de Uberlândia. O Mário esteve desde o começo. E começaram a vender as cotas e aquela coisa toda e graças a Deus hoje a televisão funciona uma maravilha, e graças ao Edson Garcia Nunes assim começou.

A televisão é uma espécie de rádio sem som. TV é imagem e som, rádio é apenas som. Então aqueles locutores antigos da rádio em Uberlândia, Difusora, Bela vista, Educadora, vieram para a televisão, porque na televisão tinha mais nome. (...).⁴⁸

Radionovelas se transformaram em telenovelas e muitos atores que se destacaram no rádio não alcançaram o mesmo sucesso na televisão pois suas imagens muitas vezes não correspondiam ao que as pessoas imaginavam ao ouvi-los. Até as matérias jornalísticas veiculadas pelos programas eram cópias do que era produzido pelo rádio durante o dia. Portanto, seria difícil, num primeiro momento de vivência com a nova tecnologia, exigir que a transição fosse imediata.

⁴⁸ CORDEIRO, Roberto, op. cit.

Os idealizadores do empreendimento televisivo sabiam desses problemas e tinham consciência que substituir o rádio não seria tarefa fácil, tanto que, juntamente com a propaganda sobre a chegada da TV em Uberlândia, financiavam e vendiam televisores.

Uma das estratégias utilizadas por Edson Garcia Nunes para conseguir sucesso no empreendimento foi a venda de “cotas” da empresa de televisão, com a finalidade de arrecadar recursos financeiros que o possibilitassem comprar os equipamentos necessários para a emissora, além de obter capital de giro que sustentasse as exigências financeiras do empreendimento. Esta estratégia teve um sucesso relativo pois conseguiu atrelar as cotas à venda de televisores. Segundo alguns entrevistados, centenas de televisores foram comercializados sem que a emissora estivesse efetivamente pronta para começar suas operações.

Era preciso que as pessoas assistissem TV e que os comerciantes se sentissem convencidos de, além do rádio, também se utilizarem do novo meio para veicularem seus produtos aos consumidores.

“CEGEB financia TVs

Outra pergunta que dirigimos ao diretor superintendente da CEGEB, versou sobre como os uberlandenses e triangulinos poderão ter seus televisores. A resposta foi pronta, denotando o adiantado do planejamento da CEGEB, que previu tudo: A CEGEB deseja colocar em cada lar triangulino um receptor de TV. Para tal fim está disposta a financiar em planos revolucionários a todos os interessados. Nosso departamento de relações públicas, dentro de 30 dias percorrerá todas as cidades levando prospectos, dados informativos e contratos para os esclarecimentos dos negócios e bases de facilidades para a aquisição dos aparelhos de diversas marcas, já estando mesmo a CEGEB em entendimento com as diversas distribuidoras de aparelhos de TV do Rio e S.P.”⁴⁹.

Para tanto, a chegada da TV foi anunciada pelos jornais da cidade, como está registrado em suas páginas, e pelo rádio segundo a memória dos entrevistados, antes que, de fato, ela viesse a operar satisfatoriamente. Temos reportagens do Correio de Uberlândia

⁴⁹ “CEGEB na Vanguarda da televisão em Uberlândia: no ar dia 25 de dezembro”. Correio de Uberlândia, 17 de junho de 1962.

anunciando a novidade, inclusive com citações e entrevistas feitas pelos jornalistas nos anos de 1962 a 1964, sem que ninguém tivesse visto praticamente nada da “maravilha da TV”⁵⁰.

O historiador Tito Teixeira menciona esta estratégia de criação e expansão do público telespectador denominando-a, “Operação TV”, revelando-nos também a existência de um conflito de interesses pelo controle da emissora.

“Sendo a idéia nova e pouco conhecida, Adib Chueiri encontrou forte resistência e pessimismo de alguns que argumentavam ser demasiado cedo para ser lançado empreendimento de tamanho vulto, sem possibilidade da imprescindível concessão.(...) antes do início de qualquer atividade para a captação de sinais de televisão se fazia necessário que a cidade absorvesse um número mínimo de aparelhos solicitados que justificassem o empreendimento. Lançou-se então o plano “Operação TV”, em que a CEGEB, propondo se instalar uma rede de retransmissão do canal 4 de São Paulo, oferecia ao público uma forma prática e acessível a aquisição dos seus televisores, servindo de pesquisa para certificar-se de que o mínimo necessário seria atingido.”⁵¹

(foto) O Historiador Tito Teixeira dá entrevista à Dantas Ruas nos estúdios da TV Triângulo

A questão sobre a concessão da TV é controversa. Segundo o jornalista Sérgio Martinelli e outros entrevistados a primeira concessão de TV estivera “nas mãos” do chefe político Nicomedes Alves dos Santos e do pessoal da UDN, controladores da

⁵⁰ Sobre reportagens da chegada da TV em Uberlândia ver Correio de Uberlândia, 28/20/62 p.07; 27/11/62, p.01 e 03; 18/10/63, p.01; 29/01/63, p.01; 06/04/63, p.01; 08/07/63, p.01. A expressão maravilha da TV é devido à sua frequente utilização em reportagens, especialmente numa publicada em 17 de junho de 1962

quando do desfile de apresentação da televisão no centro da cidade.

⁵¹ TEIXEIRA, Tito. Bandeirantes e Pioneiros do Brasil Central. História da Criação do Município Uberlândia. Uberlândia: Uberlândia Gráfica Editora. 1º vol., 1ª ed., 1970.

Rádio Educadora, que a recusaram por acharem que ela traria mais uma “dor de cabeça”, ou que era “cedo demais para tal investimento”. Com a “desistência” de Nicomedes, Edson aproveitou-se e assumiu o empreendimento.

“Quando o pessoal da UDN, que teve a concessão nas mãos, começou a titubear na decisão, a esperteza do Edson Garcia Nunes como empresário, que não era bem quisto nada, porque ele fazia realmente muitas falcatruas, obtinha muitas vantagens ilegais, desonestas, acabou por conseguir isso. Então onde foi instalada esta televisão, exatamente no Shopin ali da Florianópolis, aquele mercadão que tem lá hoje (...)

Disseram “não isso vai dar muita dor de cabeça”, e acabou caindo nas mãos do Edson Garcia Nunes, o famoso porquinho da época, um homem que fazia os negócios e que entortava todo mundo, ninguém passava ele para trás, ele é que passava todo mundo pra trás, e até ele de vez em quando, quando esquecia. E aí então a Cultura tornou-se uma rival muito séria da Educadora mas assim mesmo não conseguia vencer (...)

E como precisava de televisores, o Edson Garcia Nunes apoiou uma empresa dessa família do Semi Simão, que era o pai do John Simão, eles criaram uma empresa para produzir televisores, então eles começaram vender televisores aqui na cidade, para poder instalar a televisão que realmente foi um sucesso. Eles venderam de cara 500 aparelhos, você já imaginou isso na época, sem nada, e o povo acreditando, e a primeira grande transmissão foi um jogo da seleção mudo porque eles colocaram a imagem com o Pedro Luis narrando porque não tinha som, mas foi direto. E foi instalado ali com aquela precariedade com aquela coisa, aquela luta, tudo programa ao vivo. E para poder ter uma programação de alto porte foi feito um convênio com a TV Excelsior de São Paulo, então as novelas chegavam como chegavam como os filmes, numa lata. O capítulo era passado com dois dias de atraso.

Aí ele resolveu construir aquela enormidade lá em cima (no Umarama) foi construída pelo Edson Garcia Nunes ... e ele fez tudo aquilo lá com permuta, tijolo cimento, vitró. Trocando anúncios por materiais. E aquilo ia indo em vento e popa que ele acabou comprando uma emissora em São José do Rio Preto...⁵²

No entanto, considerando-se o que foi relatado pelo historiador Tito Teixeira fica no ar ainda uma dúvida sobre o assunto, já que Nicomedes se mostrou bastante interessado numa possível concessão de TV em 1968, quando o governo militar anunciou que iria permitir novos canais para o interior do país, como será discutido com mais profundidade ainda neste capítulo.

⁵² Martineli, op. cit.

A estréia da TV era anunciada com data marcada para começar e constantemente adiada. A questão é que os adiamentos constantes certamente se deviam à dificuldade de retorno financeiro do empreendimento que necessitava de demanda por parte da população para que os comerciantes investissem em propaganda. Sem um mínimo de aparelhos receptores e com a concorrência do rádio, era preciso esperar o momento certo.

“Finalmente chegou a Uberlândia a era da televisão. Acompanhando paripasso o progresso extraordinário da metrópole do triângulo, brevemente a cidade jardim estará ostentando sua emissora de TV canal 8, com raio de ação de 250 quilômetros, compreendendo o Triângulo Mineiro e parte de Goiás. Essa nova conquista do progresso uberlandense, deve-se a CEGEB, organização que, projetando a cidade na era fabulosa dos arranha céus, agora entra no panorama da arte-cultura-informação, dotando-a de sua esperada radio televisão”⁵³.

Além do mais, Edson Garcia Nunes necessitava produzir um efeito sobre o público que o autorizasse a falar em nome da nova tecnologia ou que o colocasse à frente de seus concorrentes demonstrando a todos – aos concorrentes e ao público - que já tinha o controle sobre a TV.

Para Edson Garcia Nunes, era como se fosse necessário demonstrar, através desta estratégia, que já possuía a concessão e usá-la para desestimular os adversários, conquistar a simpatia do público, ocupar um espaço e ter visibilidade perante à população para, assim, tentar manter a dianteira na corrida pelo controle sobre a TV.

Tornar-se um “guardião do sagrado”, obter o controle das técnicas de manejo sobre as representações e símbolos que permitissem manter influência sobre a distribuição do poder, dos privilégios e do prestígio na sociedade uberlandense era de uma importância fundamental para o empresário Edson.

(foto) *Edson Garcia Nunes, fundador da TV Triângulo.*

⁵³ “CEGEB na vanguarda da televisão em Uberlândia: no ar dia 25 de dezembro”. Correio de Uberlândia, 17 de junho de 1962.

Sua participação no movimento separatista do Triângulo Mineiro de 1967 foi de um entusiasmo acima do comum, segundo os entrevistados que o conheceram pessoalmente. Mobilizava constantemente toda a equipe de telejornalismo para onde quer que fosse, afim de noticiar os congressos que contavam com a presença maciça “das forças vivas” e das “classes produtoras” da região - como era comum serem denominados os políticos e homens de negócios da terra e da cidade em Uberlândia.

Tudo isso era documentado fartamente pelas câmeras da TV Triângulo e, segundo depoimento concedido em entrevista pelo técnico em eletrônica Mário Rodrigues dos Reis⁵⁴, foi totalmente destruído nos anos que se seguiram à nova direção da TV. Talvez estas imagens até não tenham sido destruídas, pois segundo a discussão já apresentada na introdução deste trabalho, existem muitas dúvidas a respeito da veracidade de informações apresentadas pelos representantes da TV Triângulo, atual TV Integração. O cuidado e a consciência de que estas imagens são um “tesouro sagrado” capaz de um dia servir para algum investimento simbólico no campo da formação da memória coletiva não está descartado pois certamente os proprietários destas TVs possuem algum contato com jornalistas e historiadores esclarecidos que colaboram e lhes informam da riqueza e do significado disso tudo.

*“Ele (Edson Garcia Nunes) reunia os políticos e preparava os políticos para o debates que deveria ser feitos na televisão que passou a gerir estes debates, ela gerenciava os debates. É uma pena ... eu tenho alguns ... não tenho ... Se fosse na TV Paranaíba eu conseguiria guardar muitas coisas, mas na TV Triângulo a modernidade chegou antes de mim e muita coisa que era importante foi jogada fora.”(...)*⁵⁵

⁵⁴ Mário Rodrigues Reis, op. cit.

(foto)Edson Garcia Nunes, ao meio, Floriano Rubim, criador da emenda constitucional para criação de novos estados da federação em 1967, à direita, durante um dos congressos realizados pelos separatistas.

Apesar dos entrevistados e dos documentos pesquisados não revelarem explicitamente a filiação partidária de Edson Garcia Nunes na época da aquisição da TV, é possível encaminharmos a hipótese de que ele estaria a meio caminho entre o PSD e a UDN, transitando até pelos espaços do PTB, pois que a concessão foi conseguida no governo João Goulart.

Após a venda da Televisão para Tubal de Siqueira e Silva e Renato de Freitas, Edson se filiou ao MDB e candidatou-se a prefeito de Uberlândia em 1976. Foi derrotado pelo candidato da ARENA, Virgílio Galassi.

Nos anos 60, em Uberlândia, a TV era esperada como uma adequação à etapa do desenvolvimento capitalista internacional que o país como um todo vivenciava desde 1945 no pós guerra. A construção de Brasília e a estrada rodoviária federal - asfaltada para que os caminhões de carga pudessem transitar transportando migrantes e mercadorias do sul para a nova fronteira econômica do norocentroeste - eram um combustível altamente inflamável para que o imaginário da população a respeito do “progresso e desenvolvimento nacional” revelassem entusiasmos e esperanças de melhores tempos.

No entanto, a população também vivia as contradições das promessas de progresso e ascensão, na medida em que as expectativas eram frustradas com a crise financeira e inflacionária do final do governo Juscelino Kubitschek, a renúncia de Jânio em 1961, a

⁵⁵ Idem.

tentativa, por parte dos militares e da UDN de evitarem a posse do vice presidente João Goulart e, posteriormente, a sua deposição em 1964.

A TV em Uberlândia chegou em meio a este ambiente de promessas por uma vida melhor anunciada pelos “gestores do progresso” local e por outro pela dura e crua realidade econômica vivida pelo país naquele momento cheio de contrastes sociais.

No entanto, desde o início da década de 50, as primeiras transmissões e programas já eram produzidos no Rio e São Paulo. Alguns já conheciam a televisão através de viagens feitas até aos grandes centros urbanos e, evidentemente, através de informações obtidas nos jornais, revistas, rádios, cinema e até de “ouvir falar” de quem havia assistido.

As primeiras transmissões oficiais da TV Triângulo foi feita cerca de 40 dias após o golpe militar de 31 de março de 1964 e fora anunciada com antecedência e com frequência, como já mencionado neste capítulo, pelo Correio de Uberlândia. Isto aconteceu dois anos depois de obtida a concessão para o funcionamento da emissora, através do decreto 1127, de 04/06/62, pelo empresário Edson Garcia Nunes. Segue-se abaixo um trecho da entrevista cedida por Mário Rodrigues dos Reis sobre o assunto:

“E finalmente em 1964, num segundo domingo de maio entrou no ar pela primeira vez o canal 8 de Uberlândia já outorgado pelo apoio do ministro Alfredo Nasser e outros ministros da época (...) quarenta dia depois da gloriosa revolução de 64. (...)”⁵⁶

(foto) Logotipo da TV Triângulo. Ao lado o mapa do Triângulo com a antena retransmissora a partir de Uberlândia. A antena, alcançando toda a região do Triângulo Mineiro, tornou-se um símbolos de poder cobiçado por muitos.

Segundo depoimentos prestados pelos entrevistados e pesquisas feitas em jornais, todos na cidade sabiam e comentavam que a obtenção da concessão em Brasília se devia à habilidade de negociador do Sr. Adib Chueri, conhecido lobbista no Congresso da época

⁵⁶ Idem.

e que teria intermediado junto aos políticos a concessão da retransmissora para Edson Garcia Nunes.

Adib Chueiri, além de um veterano radialista e co-fundador da Rádio Difusora Brasileira, possuía experiência e fama de negociador de concessões de rádio na capital brasileira. Segundo o fotógrafo aposentado Roberto Cordeiro, grande parte das concessões de rádios de Uberlândia havia sido conseguida por ele com dinheiro vivo dos empresários da comunicação. Cordeiro disse, também, ter presenciado momentos em que Edson Garcia Nunes entregava pessoalmente nas mãos de Chueiri pacotes de dinheiro antes dele partir de viagem a trabalho para Brasília.

*“O Adib Chueiri era um tipo simpático, metido a político, embora nunca tenha sido candidato a nada. Ele saía a procura desses órgãos controladores das comunicações ... mas levava dinheiro ... levava dinheiro... não sei o que que ele fazia com o dinheiro ... mas levava dinheiro. Uma vez eu vi ele levando 5.000 cruzeiros, outra vez ele levou 10.000 cruzeiros, e eu vi também. E tinha um plano para 15.000 e outro plano para 30.000 cruzeiros para resolver o problema lá do controle de um novo canal de televisão para Uberlândia”.*⁵⁷

Ainda segundo Cordeiro, Adib Chueiri era sócio de Edson Garcia Nunes, porém perdeu sua participação na empresa de televisão por causa de “manobras”, consideradas pelos entrevistados como injustas.

(foto) Adib Chueiri, em pé, apresenta programa de entrevistas nos estúdios da TV Triângulo.

Numa reportagem publicada no Tribuna de Minas, Adib Chueiri é citado como responsável pela obtenção de concessões de rádio para empresários locais.

⁵⁷ Roberto Cordeiro, op. cit.

“(...) a redação deste matutino tem em registro que das cinco emissoras de rádio e uma de televisão existentes nesta cidade excluindo a veterana Rádio Difusora Brasileira, as demais vieram a ser instaladas aqui graças ao trabalho de Adib Chueiri”⁵⁸.

Nem mesmo o historiador Tito Teixeira deixou de fazer menção à Chueiri em seu livro sobre a história de Uberlândia.

“O advento da televisão em Uberlândia, teve como criador e principal incentivador o Sr. Adib Chueiri, que, conhecedor dos meios necessários à regulamentação e implantação de um canal de televisão, em 1960 procurou a interessar os vários grupos financeiros da cidade, para a sua consecução.”⁵⁹

Também, através de Teixeira, podemos constatar a existência de um conflito de interesses, mesmo este não evidenciando com clareza os envolvidos diretamente na questão. As dificuldades de instalações técnicas satisfatórias, para dar início às atividades da televisão, somavam-se à impaciência dos acionistas da empresa e forneciam motivos para os grupos rivais ao de Edson Garcia Nunes lançarem descrédito sobre o empreendimento.

*“ Enormes foram os obstáculos a serem vencidos para que o sinal do canal 4 pudesse chegar a Uberlândia (...) depois de tudo instalado em obediência à técnica, o sinal não foi satisfatório, como também não o era para Uberaba. (...) Com esta falha experimental, foi criada uma onda de insatisfação entre os adeptos do empreendimento, bem como entre os que por este ou aquele motivo era contra sua realização. (...) E enquanto se chocavam interesses e opiniões a CEGEB, através do espírito irrequieto do seu diretor e da paciência chinesa do seu idealizador Adib Chueiri, avançava resoluta, no firme propósito de dar à Uberlândia mais uma força geradora de seu progresso”.*⁶⁰

⁵⁸ “Nova Televisão”, p.01. Tribuna de Minas, 24 de setembro de 1968.

⁵⁹ TEIXEIRA, Tito. Bandeirantes e Pioneiros do Brasil Central. História da Criação do Município de Uberlândia. Uberlândia: Uberlândia Gráfica Editora. 1º vol., 1ª ed., 1970, pp. 495 – 496.

⁶⁰ TEIXEIRA, Tito, op. cit. , p. 496.

A TV Triângulo, hoje com 38 anos de existência, detém um grande poder de audiência, por ser afiliada e associada à Rede Globo de televisão. A associação com a Globo se deu em 1972, um ano depois que os empresários Tubal de Siqueira e Silva, Renato de Freitas, Rubens de Freitas e Rubens Leite adquiriram de Edson Garcia Nunes o controle sobre a empresa.

Dentre estes empresários citados que adquiriram a TV Triângulo, além de Tubal de Siqueira e Silva - que hoje divide o controle da empresa com a Rede Globo do Rio de Janeiro, desde que Luiz Humberto Dorça, seu último sócio, vendeu a sua parte -, destaca-se Renato de Freitas, por ter sido prefeito de Uberlândia por duas vezes. A primeira entre os anos de 1967 a 1970 e a segunda entre 1973 e 1976.⁶¹

A venda da TV Triângulo foi marcada por um dramático conflito pessoal entre Edson Garcia Nunes e Tubal de Siqueira e Silva. Segundo relatos feitos pelos entrevistados a transação comercial da TV Triângulo foi motivada por um processo judicial de tentativa de homicídio provocada por Edson contra Tubal no “Café Butantã”⁶². Edson Garcia Nunes depois de uma discussão com Tubal puxou o revólver do bolso e tentou atingi-lo. A arma falhou e Tubal processou Edson. Para não ser condenado à prisão, Edson cedeu à proposta de Tubal de vender-lhe a TV. Edson aceitou e Tubal até hoje é proprietário da TV Triângulo, atual TV Integração.

(foto) *Em pé, de camisa florida, Tubalzinho, um dos sócios que adquiriu a TV Triângulo de Edson Garcia Nunes, e atual proprietário da emissora.*

⁶¹ Renato de Freitas demonstrava interesse pela comunicação há muito tempo, como já tratado neste trabalho. Segundo Regma Maria dos Santos, o jornal “O Triângulo” - que havia sido fundado em 1928 - em 1956 fazia parte da Empresa Gráfica do Triângulo Ltda que era de sua propriedade e de Rafael Marino Neto, ambos filiados ao PSD (Partido Social Democrático). Rafael Marino Neto foi vereador entre os anos de 1956 e 1960 e seu jornal, como já comentado, fazia uma acirrada oposição ao prefeito Geraldo Ladeira, também um proprietário de rádio na cidade.

⁶² O Café Butantã é um tradicional ponto da cidade onde os frequentadores se reúnem para discutir política.

A mudança de proprietários, que por um lado afastou da produção televisiva local grande parte dos artistas, técnicos e jornalistas que atuaram na década de 60, por outro propiciou maiores investimentos em tecnologia e maior integração à Rede Globo. Segundo Ana Carolina Temer⁶³, a produção local que já havia caído sensivelmente em 1966 com o advento do Video Tape, praticamente reduziu-se aos horários de jornais locais e alguns vespertinos dominicais. Era o padrão de qualidade da Globo que se instalava e tornava-se referência para outras redes nacionais.

Como qualquer outra TV do interior, a TV Triângulo foi abandonando gradativamente qualquer projeto de produção local mais elaborada e se submetendo à força da tendência monopolista devido, em grande parte, ao alto grau de profissionalização e de investimentos que uma TV requer normalmente. No entanto, desde aquele momento conservou-se um tempo reservado à produção jornalística local, mesmo porque, no mínimo, para assuntos políticos domésticos sempre seria útil e necessário mantê-lo, como também sempre o foram na imprensa escrita e na radiodifusão, na história das comunicações.

(foto) Renato de Freitas, à esquerda, tornou-se sócio proprietário da TV Triângulo às vésperas das eleições na qual foi eleito pela segunda vez prefeito de Uberlândia.

Pelo demonstrado até aqui os novos proprietários da TV Triângulo, além de perceberem o meio televisivo como um excelente investimento econômico, naturalmente tinham consciência, naquele momento, do significado de possuir o controle sobre a televisão. Penetrando em todas as casas, representaria uma força equivalente a que o rádio

⁶³ TEMER, Ana Carolina Rocha. *Colhendo Notícias, Plantando Imagens: A reconstrução da história da TV*

Triângulo a partir da memória dos agentes do seu telejornalismo. São Bernardo do Campo, Universidade

Metodista de São Paulo, 1998. (dissertação, Mestrado).

possuía, com a vantagem de, em pouco tempo, substituí-lo em grande medida, sem extingui-lo totalmente, como podemos constatar hoje em dia.

O rádio, apesar do advento da TV, ainda é um poderoso meio de comunicação com características próprias e até algumas vantagens em relação à TV. Por ser barato e monopolizar a atenção do público nos momentos do dia em que a TV não pode manter os olhos dos telespectadores aprisionados nas imagens, o rádio ainda é visto como um instrumento importante na fabricação de imaginários sociais

Por isso, ainda hoje, não há nenhuma emissora de TV que tenha desistido de manter uma concessão de rádio para se dedicar somente à transmissão de imagens videográficas. Muito pelo contrário, quando é possível, acumulam mais de uma para atuar com maior abrangência possível.

É o caso da TV Integração (novo nome de fantasia da TV Triângulo) que hoje possui o controle sobre a emissão televisiva e duas rádios com frequências diferentes, uma FM (Rádio Cultura) e outra AM. Também é o caso da TV Paranaíba, afiliada da rede Band, que possui uma Rádio Paranaíba FM e a Rádio Educadora AM.

A TV Paranaíba, pertencente à Companhia Mineira de Rádio e Televisão, é outra emissora que merece destaque pois, apesar de ter sido propagandeada na década de 60 pelos jornais da cidade, só veio a iniciar seu funcionamento em janeiro de 1978. Inicialmente, seu proprietário majoritário foi Ary de Castro Santos e, após a sua morte, a TV Paranaíba passou como herança a seu filho Ari Santos Jr., o Arizinho. Desde a sua fundação ela é afiliada da Rede Bandeirantes de Televisão, retransmitindo sua programação e reservando espaço de tempo para o telejornalismo.

Ary de Castro Santos, filho do velho coronel e chefe político da UDN Nicomedes Alves dos Santos, era genro de Virgílio Galassi, que foi prefeito de Uberlândia por quatro mandatos. Ary manteve evidentes e estreitas ligações políticas com o Regime Militar

na década de 70, o que lhe teria valido a concessão da emissora de TV. Ao voltar de seus estudos realizados em Campinas e Rio de Janeiro, no ano de 1942, iniciou sua carreira profissional como estagiário da Rádio Difusora Brasileira demonstrando desde então o interesse pelas comunicações. Seu pai, Nicomedes Alves dos Santos foi proprietário de uma rede de cinemas em Uberlândia e região denominada “Companhia de Diversões Cine-Teatro Uberlândia”, da “Rádio Educadora”, como já mencionado neste trabalho, e sócio do “Correio de Uberlândia”, antes de investir diretamente na TV. A Companhia Mineira de Rádio e Televisão possuía nos seus primeiros anos vários sócios fundadores entre eles Nicomedes Alves dos Santos, Ary de Castro Santos, Ruy Castro Santos, Branly Macêdo e Virgílio Galassi, os dois primeiros filhos de Nicomedes e os dois últimos genros.

“O Nicomedes ele não estava vivo quando a emissora começou a funcionar. Ele participou apenas no contrato inicial. Até a outorga da emissora houveram várias modificações na estrutura contratual da emissora. Na época da outorga os sócios eram Virgílio Galassi, Ruy de Castro Santos, Ary de Castro Santos e Branli Macêdo, dois filhos e dois genros de Nicomedes. A TV Paranaíba pertence hoje à família do sr. Ary de Castro Santos, ao espólio do Ary de Castro Santos. A dona do maior número de ações. A Dona Maria Lídia e seus filhos, o Arisinho a Eliane e a Heloísa são os sócios não aparentes no contrato social mas são aquelas pessoas que por serem herdeiros são os donos.”⁶⁴

Quanto ao fato da TV Paranaíba ter sido propagandeada desde 1968 mas iniciado suas atividades só em 1978, explica-se pela rivalidade existente entre o grupo de Virgílio Galassi, representante político da antiga UDN e de setores ruralistas-imobiliários e o grupo de Renato de Freitas, representante do antigo PSD, também ligado à terra e aos negócios imobiliários urbanos.

Ambos estavam na ARENA durante o regime militar por força da lei do bipartidarismo que proibiu o pluripartidarismo após o Golpe de 64. Para o grupo de Nicomedes e Galassi era necessário se “modernizar” com a aquisição da nova tecnologia para fazer

frente às mudanças. O velho coronel Nicomedes, através de seu genro Galassi, talvez estivesse se lamentando por não ter assumido a concessão da TV Triângulo quando, segundo a análise sobre a entrevista concedida pelo jornalista aposentado Martineli⁶⁵, esteve com ela “nas mãos em 1962”. Na entrevista concedida pelo técnico em eletrônica Mário Rodrigues Reis, percebe-se a preocupação do grupo em adquirir a emissora de TV para fazer frente aos seus adversários. A presença de Adib Chueiri junto ao grupo demonstrava que havia uma clara disposição em adquirir a emissora.

“Eu não tenho as datas aqui mas 68 foi o ano em que estava se criando a separação do Estado, foi quando o presidente Costa e Silva esteve aqui, em 69 para poder criar a Universidade Federal de Uberlândia. Neste período o Adib Chueire novamente disse ... ‘olha, tá vendo a televisão era de vocês, e vocês deixaram passar, ela tá cantando de galo ... então tem que se fazer outra televisão’ (...)

Naquela época foram criados vários canais, tecnicamente o Brasil foi redistribuído novamente em muitos outros canais, e Uberlândia comportaria mais três canais. Então o Adib demonstrou para o seu Nicomedes, para o Ary de Castro, Santos, para o Ruy, para o Virgílio Galassi, que eles poderiam ter uma emissora. Da mesma forma que tinha o Edson Garcia tinha a sua emissora. Com isso eles constituíram a Rede Mineira de Rádio e Televisão, que só foi outorgada em 1975. (...)

Logo que começaram liberar concessões no Governo Geisel foi liberada a TV Paranaíba a rádio FM Paranaíba, e nós colocamos no ar em junho de 1978. Nós começamos a construir aquela torre lá em setembro de 1976. (...)⁶⁶

Naquele momento, o CONTEL – Conselho Nacional de Telecomunicações - havia anunciado a possibilidade de ceder novas concessões para os municípios do interior segundo uma reportagem publicada pelo jornal Estado de São Paulo transcrita pela Tribuna de Minas dois dias depois de anunciada a criação da TV Paranaíba pelo matutino uberlandense.⁶⁷

O grupo a que pertencia Virgílio Galassi tinha pressa em adquirir a concessão de TV, como fica evidente nas reportagens do jornal Tribuna de Minas. Uma pressa até certo

⁶⁴ Mário Rodrigues Reis, op. cit.

⁶⁵ Ver na página 44 trecho citado da entrevista cedida por Martineli.

⁶⁶ Mário Rodrigues, op. cit.

⁶⁷ “CONTEL tem canais de televisão para os municípios”, p.03. Tribuna de Minas, 18 de abril de 1968.

ponto cuidadosamente planejada pela disposição temporal das reportagens. Dia 16/04/68 foi anunciada a TV Paranaíba e dia 18/04/68 transcrita do jornal Estado de São Paulo a “novidade” interessante. Uma matéria jornalística provavelmente conhecida com antecedência pelos diretores da então “Rede Mineira de Rádio e Televisão Ltda” através de contatos de dentro do governo militar. Apesar de constituírem a empresa televisiva sem nenhuma perda de tempo, sequer possuíam a concessão e a aparelhagem necessárias para fazer funcioná-la. Uma jogada política para impressionar os adversários e conseguir prestígio junto à população. Uma cena teatral com a finalidade de demonstrar poder.

“Preenchendo todas as exigências do Código Nacional de Telecomunicações, foi constituída a Rede Mineira de Rádio e Televisão Ltda que instalará dentre em breve em nossa cidade uma possante emissora de televisão U.H.F. que terá potência irradiadora correspondente a dez Kilowatts, alcançando um raio de trezentos quilômetros de imagens e sons de primeiríssima ordem. Estudos técnicos, feitos por engenheiros de eletrônica devidamente registrados no CONTEL, estão em sua fase final e serão juntados às exigências jurídicas para em seguida serem apresentadas ao ministro das comunicações, para as suas demarches normais de conformidade com o código Nacional de Telecomunicações e demais portarias que regulam o assunto.

Todo o material dos estúdios e transmissores, inclusive o que de melhor e mais perfeito possa existir, tanto no exterior quanto no país, serão adquiridos.

Será uma das emissoras de mais alta categoria e terá inclusive os carros de reportagem externos em microondas, podendo cobrir a região através desse serviço de grande importância.

Video-tapes, ultramodernos, serão instalados em convênio as mais importantes emissoras do país e da Europa para a apresentação de programas de grande porte.

Retransmitindo em U.H.F. através dos satélites internacionais, estão previstas, inclusive, transmissão direta da copa do mundo de 70 através das estações distribuidoras de sinais em instalação no Brasil.

A nova emissora funcionará 15 horas por dia levando-se em conta um vasto programa Educativo, Cultural, técnico e artístico em convênios com fundações do mesmo gênero e a valorização de seus programas incluem menos patrocínio comercial e mais atividades artísticas de conformidade com o que se verifica nos principais centros de televisão em todo o mundo. (...)

*Estaremos sempre informando nossos leitores dos andamentos de mais este notável progresso para a nossa região.*⁶⁸

⁶⁸ “Nova Televisão para Uberlândia”. Tribuna de Minas, p.01. Uberlândia, 16 de abril de 1968.

No jornal Tribuna de Minas uma reportagem sobre instalação da TV Paranaíba demonstra a aproximação do famoso lobbista Adib Chueiri junto ao grupo de Virgílio Galassi. Chueiri que até então era sócio minoritário da TV Triângulo, foi afastado da emissora por Edson Garcia Nunes através de manobras pouco esclarecidas e cheia de mistérios. Segundo o fotógrafo aposentado Roberto Cordeiro, Edson teria enganado Chueiri e tomado dele a parte em ações que lhe haviam sido reservadas na ocasião da obtenção da concessão em 1962.

Isso teria afastado Chueiri do grupo de Edson e proporcionado sua atração para o grupo de Nicomedes, Ari e Virgílio. Concretizada a aproximação com o grupo da UDN o jornal Tribuna de Minas comenta os esforços realizados por ele no Congresso Nacional em 1968 com a finalidade de obter uma nova concessão de TV.

“Depois de passar dois dias na capital federal do Brasil, o empresário Adib Chueiri esteve ultimando vários negócios atinentes à TV Paranaíba. (...) Regressou ontem à Uberlândia muito contente com os bons resultados que lhe foram alvos em Brasília. O que lhe permite adiantar a certeza de a televisão, que está em seus cuidados, entrar em funcionamento no prazo, quando muito tardar até trinta e um de agosto, no aniversário da cidade, as repetidoras estarão em franco desenvolvimento, nesta época sendo a primeira fase. Os diretores daquele TV tem dado o máximo de atenção ao Adib para que o resultado seja mesmo a breve estréia desta televisão, o que será outro presente para a urbe, coração do triângulo e caixa forte da região.”⁶⁹

Ao que tudo indica o “caixa forte” do Adib Chueiri era pertencente ao grupo de Virgílio e a frequência com que eram publicadas as reportagens sobre a TV demonstravam a ansiedade para que a concessão saísse logo. Era preciso pelo menos aparentar que tudo estava saindo bem em Brasília apesar da emissora só ter iniciado suas atividades 10 anos após anunciada a constituição da “Cia Mineira de Rádio e TV Ltda”. Para o grupo

⁶⁹ “TV Paranaíba será breve”, p. 01. Tribuna de Minas. Uberlândia, 13 de junho de 1968.

era necessário passar a imagem de empenho e garra na conquista do “progresso de Uberlândia” mesmo que a TV não saísse na data marcada.

Um jogo de cena para ocupar espaço nas páginas dos jornais e tentar marcar a memória coletiva com seus “grandes esforços progressistas”. Isto poderia ser bastante útil para as eleições de 1970, contra o candidato do prefeito na época, Renato de Freitas, seu maior rival.

Mais útil ainda seria quebrar o monopólio televisivo de Edson Garcia Nunes e dividir com ele o potencial do novo veículo, sob a imagem de guardião dos sagrados símbolos e representações de poder e prestígio da sociedade uberlandense.

A concessão de uma emissora de TV não saiu mas Virgílio foi assim mesmo o candidato do “grupo udenista” - agora filiados na ARENA, o partido de sustentação do regime militar -, para a prefeitura de Uberlândia em 1970, derrotando Arnaldo Godoy de Souza, também da ARENA e candidato de seu adversário, Renato de Freitas.

Renato estava sendo bombardeado pela Tribuna de Minas desde 1968⁷⁰, quando foi acusado pelo vereador Adriano Bailoni de irregularidades administrativas. Teve suas contas rejeitadas pela câmara e isto teve ampla cobertura do jornal Tribuna de Minas.

Se já possuíssem a emissora de TV certamente a teriam usado para veicular notícias criticando o prefeito. Com isso provocariam descrédito sobre Freitas e, naturalmente, aumentariam as chances do grupo de retornar ao poder. Antes de Renato o prefeito fora Raul Pereira de Rezende da UDN - mesmo partido de Virgílio Galassi na ocasião.

Contudo foi Renato que conseguiu uma emissora de TV em 1972. Novamente às vésperas de uma eleição municipal, tal como ocorrera em 1958 por ocasião da vitória do radialista da rádio Difusora Geraldo Ladeira, Renato percebera a importância de se possuir um meio de comunicação de massa para obter a fortuna na política. Só que desta

⁷⁰ “Ex-prefeito deu golpe no povo comprando terrenos à preço miserável”, p.01. Correio de Uberlândia, 07/10/1982.

vez Renato não a obteve através de concessão obtida junto ao Ministério das Comunicações, e sim através da compra da TV Triângulo juntamente com sócios de grande capital econômico e político como Tubal Siqueira e Silva o “Tubalzinho”, filho do prefeito de Uberlândia pelo PSD entre 1951 e 1955, Tubal Vilela da Silva.

Uma “sorte” pois se não fosse o conflito pessoal entre Tubal e Edson Garcia Nunes, que desencadeou a transferência da emissora, Renato não a teria conseguido naquele momento oportuno.

A propaganda de instalação de uma nova emissora de TV em Uberlândia veiculada como sendo uma “realidade” sem ao menos seus pretendentes possuírem a concessão e os equipamentos necessários para seu funcionamento frustravam a população que manifestava-se telefonando para a redação do jornal Tribuna de Minas, cobrando dos jornalistas uma definição sobre o assunto.

“Por várias vezes a redação da Tribuna de Minas é chamada ao telefone para esclarecer às pessoas que desejam saber ao fundo, pela nota que publicamos sobre a TV Paranaíba. (...)”

Pois bem, o comendador Adib Chueiri, está trabalhando com afinco nêsse sentido. Os primeiros materiais específicos deverão estar ainda esta semana na Metrópole do Triângulo e os demais necessários não tardarão a serem entregues aos administradores de tão importante assunto.(...)”

E assim sendo a TV Paranaíba já é uma realidade. Portanto quem acredita no progresso de Uberlândia não deve dar ouvidos aos boatos de que tudo é brincadeira.

A outra TV, a Paranaíba, estará funcionando em Uberlândia até 1969, segundo disse pessoalmente o comendador Adib Chueiri⁷¹”.

Os jornalistas aproveitaram a ocasião para também fazerem críticas à “outra emissora de TV”, revelando nas entrelinhas a rivalidade entre os grupos.

“(...) Uns desejam saber se vai ou não sair a nova transmissora de imagem e som, para a alegria do uberlandense que parece estar cansado com tantas reprises e a rotina cotidiana da troca de programação da televisão já existente. (...)”⁷²

⁷¹ “Nova Televisão”, P.01. Tribuna de Minas, 24 de setembro de 1968.

⁷² Tribuna de Minas, op. cit, p.01.

O jornal também não perdia a oportunidade de anunciar a quem pertencia a “Rede Mineira de Rádio e Televisão LTDA”, associando-a ao “idealismo” de seus criadores, mesmo a empresa estando só no papel sem a necessária concessão e equipamentos para funcionar regularmente. Tudo não passava de uma propaganda para alavancar o negócio e os nomes de seus proprietários, se é que seria correto falar em propriedade de algo que ainda não existia de fato, mas apenas no papel. No entanto não nos interessa polemizar apenas sobre se era certo ou errado tal postura mas, acima de tudo, demonstrar os esforços do grupo em aparecer junto ao público com a imagem de “gestores do progresso e da modernidade”. Era preciso marcar a memória coletiva com símbolos e insígnias de prestígio e respeito e assim “demarcar um território” no imaginário social associado aos “esforços de seus idealizadores” que mesmo realizando um investimento privado, claramente voltado para interesses particulares, pareceriam estar fazendo algo “pelo progresso e pelo bem comum”.

“A TV Paranaíba veio à tona devido ao idealismo de uberlandenses da estirpe dos senhores: Ary de Castro Santos, Virgílio Galassi, Nicomedes Alves dos Santos, Ruy Castro Santos, doutor Branly Macêdo de Oliveira e Adib Chueiri.”⁷³

A TV Paranaíba obteve a concessão para funcionar em 1975, através de decreto publicado pelo presidente-general Ernesto Garrastazu Médici. No entanto só saiu do papel em 1978 ⁷⁴, apesar de ter propagandeado que ainda em 1975 estaria funcionando, como fica evidente na matéria de primeira página do Correio de Uberlândia.

“Uberlândia ganhou um novo canal de televisão. O decreto 75.312, assinado pelo presidente Ernesto Geisel, em 28 de janeiro de 1975, abre uma concessão para a Rede Mineira de Televisão Ltda, grupo liderado pelo empresário Ary de Castro Santos, que também é diretor-geral da Rádio Educadora. O decreto foi publicado no Diário Oficial da União no dia 3 deste mês e o novo canal deverá estar em funcionamento dentro de um ano,

⁷³ “Você ganhou a TV Paranaíba”. P. 01. Tribuna de Minas 19 de julho de 1969.

⁷⁴ “Transmissão inaugural da Paranaíba” Publicidade de primeira página (voltar para copiar a publicidade) 29-28/06/78; 25/05/78 p.01; 05/05/78 publicidade, p.01.

prazo que a concessão defina, para a empresa vencedora da concorrência, colocar no ar a segunda televisão de Uberlândia. Os responsáveis desejam, no entanto, num “tour de force”, colocar em funcionamento, em caráter experimental, o canal 10, dentro de aproximadamente 180 dias ou seja seis meses”⁷⁵.

Como era de praxe, não faltaram na reportagem alusões de altruísmo do empresário e acionista majoritário da “Rede Mineira de Rádio e Televisão Ltda”, Ary de Castro Santos, e da importância desta para o “progresso e o desenvolvimento” de Uberlândia e região, revelando, através do alcance territorial da emissora, a amplitude do poder simbólico representado por aquele vultoso investimento econômico.

“No âmbito local, segundo Ary de Castro Santos, vai existir uma programação à altura de nossa região, quando programas noticiosos e de grandes entrevistas, marcarão a vivência de Uberlândia e dos demais municípios do Triângulo. A notícia para o uberlandense, representa não só uma nova conquista no campo da comunicação, mas também, a confiança do Governo da Nação em favor do nosso progresso e desenvolvimento”⁷⁶.

A consciência e a importância dada pelos detentores destes meios à atuação da TV, marcando a “vivência de Uberlândia e dos demais municípios do Triângulo”, revela com bastante clareza o papel fundamental da mídia nas formações do imaginário social e concomitantemente da memória coletiva.

Revela também, através dos textos produzidos pelos jornalistas da imprensa, o grande interesse e vínculo dos mesmos aos projetos e imaginário das oligarquias locais, auxiliando-os e colaborando para que as imagens fabricadas de “progresso e desenvolvimento” ficassem associadas aos investimentos feitos na área de comunicação pelos mesmos grupos políticos que financiavam os jornais.

A dependência dos recursos financeiros para a reprodução do veículo jornalístico revelam os limites e as “amarras” dos profissionais da notícia em relação aos interesses

⁷⁵ “Decreto Presidencial autoriza novo canal de TV para Uberlândia”, p.01. Correio de Uberlândia. 06 de fevereiro de 1975.

⁷⁶ Idem.

de seu capital mantenedor, que por sua vez se vêem amarrados à uma lógica invisível, própria do capitalismo. Ou seja, a competição pela maior fatia do mercado de audiência que homogeneiza as reportagens e matérias divulgadas em vez de oferecer a diversificação de idéias e visões de mundo presentes na realidade concreta.⁷⁷

A “confiança do Governo da Nação”, como mencionado no trecho jornalístico anterior, era necessariamente recíproca pois, se não fosse, não haveria a concessão para o grupo de Ary e de seu cunhado Virgílio Galassi. As ligações com o regime militar eram evidentes desde os primeiros anúncios da criação da “Rede Mineira de Rádio e Televisão Ltda”, em 1968, através do jornal Tribuna de Minas.

Aliás, o Tribuna de Minas foi um jornal que durante toda sua existência esteve claramente ligado aos interesses do grupo udenista incorporado à ARENA após o golpe de estado de 1964. Em suas páginas é possível perceber o quanto esta relação era íntima, a ponto dele praticamente se confundir como porta voz do grupo. O destaque que era dedicado aos seus integrantes se alternava com a visibilidade dada à fundação da “Rede Mineira de Rádio e Televisão Ltda”.

Denúncias contra os adversários do grupo em questão eram alvo predileto do jornal, como foi o caso, em 1968, contra o prefeito na época, Renato de Freitas, antigo militante do PSD filiado também à ARENA⁷⁸.

O comunismo também aparecia como um inimigo em suas páginas. Segue-se abaixo uma manchete de primeira página e trechos da reportagem que aponta para uma operação da polícia secreta do exército a procura de “subversivos”:

“Em Uberlândia subversivos foram presos.”

⁷⁷ BOURDIEU, Pierre. *Sobre a Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997, p. 133.

⁷⁸ O jornal Tribuna de Minas foi fundado em 1º de maio de 1966 e dirigido durante 14 anos pelo jornalista Ruy Nascimento. Nascimento trabalhara oito anos no Triângulo para Renato de Freitas e possuía 20% das ações da Rádio Cultura, antes de sair destas empresas para fundar o seu próprio jornal⁷⁸. O Tribuna deixou de existir em meados da década de 80 depois que seu proprietário e fundador Ruy Nascimento vendeu-o para Herculano Naves.

A polícia secreta do exército esteve em Uberlândia, segundo informações seguras, onde efetuou várias prisões de elementos aqui radicados,⁷⁹

Seus pronunciamentos contra a anistia geral para os que foram cassados pelo golpe de 64⁸⁰ e contra as manifestações estudantis em 1968⁸¹ contrastavam-se com a apologia à “revolução de 64”, através de elogios ao Ato Institucional número 5⁸² e através de reportagens pedindo a punição dos “subversivos”⁸³. Visões apologéticas do golpe militar de 64 também apareciam em reportagens de primeira página, como por exemplo, a respeito das comemorações do quarto aniversário do Golpe Militar⁸⁴.

Ainda em relação à TV Paranaíba, é possível perceber que as pretensões do empresário Ary de Castro Santos, não se esgotavam com a TV. Investimentos na busca da concessão de uma outra emissora de Rádio, foram feitos, como fica evidente no próprio nome da empresa. Além disso, também anunciavam planos de adquirir um jornal, como ficou demonstrado na reportagem publicada na Coluna “Rádio e TV” do jornal Correio de Uberlândia.

“A Rádio FM Paranaíba já está em caráter experimental, oferecendo excelente seleção musical.

A Rede Mineira de Rádio e Televisão, vai assim completando o seu esquema de comunicação que contará com a Rádio Educadora, a Paranaíba FM e a TV canal 10. Nos planos de Ary de Castro Santos, Arisinho e Jorginho Inglês, um jornal para completar a organização”⁸⁵.

No que diz respeito à imprensa escrita, um novo jornal em Uberlândia naquele momento, final da década de 70, só poderia dar certo se vencesse o já veterano Correio de Uberlândia.

⁷⁹ “Em Uberlândia subversivos foram presos”. P. 01. Tribuna de Minas 1º de agosto de 1970.

⁸⁰ “Contra a anistia geral”, p.01. Tribuna de Minas 05 de dezembro de 1967.

⁸¹ “Baderna Subversiva”. P. 01. Tribuna de Minas 27 de outubro de 1967.

⁸² “Como os brasileiros receberam o AI5” p. 01. Tribuna de Minas 17 de dezembro de 1968.

⁸³ “Processo revolucionário vai continuar até punir o último”. p. 01. Tribuna de Minas 11 de fevereiro de 1969.

⁸⁴ “Comemorações do aniversário do governo em Uberlândia e região”. p.01. tribuna de Minas 13 de março de 1969 e “Marchemos com a revolução”. p. 01. Tribuna de Minas 30 de abril de 1970.

⁸⁵ Colunana Rádio e TV, p.07. Correio de Uberlândia, 25 de abril de 1978.

O Correio de Uberlândia foi fundado em 1938 pelo fazendeiro José Osório Junqueira, de Ribeirão Preto, onde também era proprietário de outros sete jornais. Osório vendeu o jornal na década de 40 para um grupo de fazendeiros e empresários urbanos ligados à UDN, entre eles João Naves de Ávila, Nicomedes Alves dos Santos e Alexandrino Garcia. Até a venda do jornal para o grupo da UDN, ele era dirigido pelo filho de José Osório, Luis Nelson Junqueira, tendo como redator chefe Abelardo Teixeira.

Em 1952 havia assumido a direção do jornal o vereador e depois deputado estadual pela UDN, Valdir Melgaço Barbosa. O fato de ter sido um veículo da UDN favoreceu a ascensão deste partido na cidade e juntamente com ele vários políticos, bastante atuantes no passado, como o ex- deputado estadual, federal, chefe da casa civil no governo Costa e Silva e governador, Rondon Pacheco. Em 1954, com o suicídio de Getúlio Vargas, a sede do jornal quase foi invadida por correligionários do PTB em Uberlândia⁸⁶.

Depois de ter sido adquirido pelo irmão do comendador Alexandrino Garcia, Agenor Garcia, a direção do jornal passou para as mãos do professor Jacy de Assis, e posteriormente para a sua irmã Ruth de Assis. Segue-se abaixo, um trecho da entrevista cedida pelo jornalista aposentado Sérgio Martineli, sobre o assunto:

“O Correio de Uberlândia não nasceu pela iniciativa dos Irmãos Garcia, foi um jornal que teve aqui alguns jornalistas famosos, e que quando foi adquirido pelo grupo dos irmãos Garcia e o Agenor, o maior acionista, ele pertencia a um grupo da UDN que era liderado pelo professor Jacy de Assis, fundador pioneiro da nossa Universidade e da Faculdade de Direito e advogado (...) mas o jornal nunca esteve entregue a pessoas que não eram especializadas em jornal, colocavam curiosos para dirigir, e isto foi criando um impasse dentro da empresa até que sufocou, depois de 5 diretores que estiveram por lá eu acabei assumindo encontrei uma forte resistência dentro da empresa de funcionários, mas como a gente era jovem, você com 41 anos de idade, você ainda é jovem, enfrentamos tudo e vencemos todas as batalhas ...”⁸⁷

⁸⁶ “Trajetória marcada por lutas e sucessos”, p.C1, Caderno Revista, Correio, 7 de fevereiro de 2001.

⁸⁷ Martineli, op. cit.

Naquele momento a família Garcia, que é atualmente proprietária do grupo Algar⁸⁸ e que na década de 50 havia conquistado o controle sobre a telefonia em Uberlândia⁸⁹, obteve o controle total sobre a empresa jornalística, aumentando assustadoramente seu poder de influência sobre a opinião pública, já que detinha nada mais nada menos que o monopólio no setor de telefonia e um jornal, o “Correio de Uberlândia”. A questão da aquisição do controle acionário da CTBC pela família Garcia é polêmica. O historiador Tito Teixeira deixa a entender no seu capítulo dedicado à história da telefonia em Uberlândia que o grupo liderado por Alexandrino Garcia obteve o controle sobre a Companhia Telefônica Teixerinha devido à uma manobra junto à câmara de vereadores e ao poder executivo de Uberlândia.

Hoje o grupo Algar possui o controle sobre uma grande empresa de TV a Cabo, a “Image TV”, que atua em Uberlândia e na região. Não nos deixaria surpreso se em algum momento esse grupo vier a adquirir, parcial ou integralmente, o controle sobre a TV Integração, concessionária da rede Globo em Uberlândia e pertencente a Tubal de Siqueira e Silva e a Roberto Marinho, como já mencionado anteriormente neste trabalho. Uma vez adquirida a concessão através do Ministério das Comunicações, o empresário que não conseguir mantê-la economicamente viável pode vendê-la a quem melhor preço pagar. Cabe aos empresários interessados na área de comunicação, esperar

⁸⁸ A Algar é uma Holding que tem como empresa mãe a CTBC telecomunicações que detém, atualmente e desde sua fundação o monopólio da telefonia em Uberlândia e região que abrange desde o sul de Goiás, passando pelo Triângulo Mineiro até o norte de São Paulo. Possui também participação no controle sobre empresas de telefone que atuam em Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo e nordeste brasileiro.

⁸⁹ A respeito das controvérsias na aquisição do controle sobre a telefonia em Uberlândia ver, TEIXEIRA, Tito. *Bandeirantes do Brasil Central: História da Criação do Município de Uberlândia*. Uberlândia, Ed. Uberlândia Gráfica Ltda, 1970. (v. I e II), p. 268-273. Ver também Simonini, Giselda Costa da Silva. *Telefonia: Relações Empresa e Cidade (1954-1980)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de pós-graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 1994, pp. 49-58.

a melhor ocasião para a conquista da empresa e do mercado simbólico que ela representa, ou até mesmo para uma eventual aliança.

Não nos parece que a Algar não esteja observando a possibilidade de tal investimento econômico-simbólico, pois já a fez no passado através de seu patriarca fundador, o Comendador Alexandrino Garcia e seus correligionários da UDN. Estes sabiam da importância, muito mais simbólica do que econômica, de adquirir um veículo de comunicação de massa, pois o fizeram para instrumentalizar seus interesses políticos e empresariais, ao comprarem o “Correio de Uberlândia” do fazendeiro ribeirão-pretano José Osório Junqueira.

De 1972 até 1988, o jornal Correio de Uberlândia foi dirigido pelo jornalista Sérgio Martinelli. Profissional do rádio e da imprensa escrita desde os 16 anos de idade em Ribeirão Preto, sua cidade natal, veio para Uberlândia no final da década de 50 vender pneus da multinacional Firestone. Apesar de bem sucedido na carreira de vendedor abandonou-a logo no início da década de 60 para se dedicar a sua grande paixão: o rádio. Durante 10 anos dirigiu e coordenou programas de grande sucesso na Rádio Educadora, transferindo-se para a imprensa escrita na década de 70, para então dirigir o jornal Correio de Uberlândia.

O Correio, naquele momento, tinha como acionista majoritário Agenor Alves Garcia, com 55% do total das ações. O restante era dividido entre os “Irmãos Garcia”, proprietários do atual grupo Algar e da Companhia Telefônica do Brasil Central, a CTBC.

Dez por cento das ações foram cedidas por Agenor Alves Garcia para Martinelli, que reverteu a situação falimentar do jornal, reestruturando-o e transformando-o no jornal de maior circulação da cidade e região.

“O Correio circulava somente às terças quintas e sábados com 8 páginas ... e nós pegamos o jornal com muitos problemas, funcionários seis meses sem

receber, falta de pagamento do INPS naquele tempo, inclusive além dos atrasado tínhamos uma multa, e a primeira coisa que nós buscamos foi regularizar esta parte financeira valendo-se do prestígio dos irmãos Garcia, é claro. Fizemos um empréstimo no banco, acertamos todos os funcionários, pois não pagando os funcionários não temos direito de exigir nada, fizemos uma remodelação completa no jornal, dispensamos aqueles redatores que tinham um talão de recibo no bolso e nunca para o jornal. Tudo que se dava notícia era cobrado a parte por fora, e moralizamos o jornal que estava totalmente destruído moralmente dentro da comunidade uberlandense. Isso durou 60 dias apenas porque a gente aproveitou para diminuir as ramas da máquina impressora que era aquele papel largo e demos ao jornal um estilo de modernização dentro das medidas do Estado de São Paulo e Folha de São Paulo. O jornal ficou todo bonitinho (...) até julho estávamos com a casa em ordem tudo pago tudo direitinho passamos o jornal então para 12 páginas e a editá-lo de Terça a Domingo e criamos nesta oportunidade o slogan que dizia: Correio de Uberlândia o diário de todos os dias.”⁹⁰

O Correio tornou-se praticamente o único jornal de Uberlândia, apesar da existência de dois outros (O Triângulo e A Tribuna de Minas) monopolizando os melhores anunciantes, além de um montante de 4.000 assinaturas, uma quantidade bastante alta naquele momento para uma cidade que nunca havia adquirido, e nem ainda possui, a fama de grande leitora de jornais⁹¹. O apoio da Associação Comercial e Industrial de Uberlândia foi fundamental para a recuperação do Correio segundo Martinelli, uma vez que, com o apoio do empresariado só alcançaram sucessos, consolidando a liderança do jornal. Segundo as palavras de Martinelli:

“Felizmente a gente que tinha um certo conceito já como profissional de duas multinacionais aqui, angariamos o apoio total. O primeiro deles foi da associação Comercial e Industrial de Uberlândia do nosso amigo Nilo Rejane de saudosa memória que era o diretor do grupo Caçula um dos mais fortes daqui. Com o apoio do empresariado não havia mais necessidade de se preocupar, o faturamento triplicou, modernizamos a nossa clicheria, porque naquele tempo ainda não tínhamos o famoso of set de agora. Então a clicheria passou a ter uma nova estrutura funcionando regionalmente obtendo um faturamento maravilhoso e o jornal também faturava bastante e fomos vencendo todos os obstáculos e tranqüilamente alcançávamos sucessos e mais sucessos porque estava conosco o Luis Fernando Quirino e também o José Expedito da Silva. Nós saímos da

⁹⁰ Martineli, op. cit.

⁹¹ Atualmente (2001), Uberlândia conta com apenas um jornal diário, o “Correio de Uberlândia” de propriedade da ABC empreendimentos e em comparação com sua população atual de 500.000 habitantes o número de 8.500 assinantes com tiragem de 12.500 exemplares diários é considerado muito pequena.

Educadora e fomos os três para lá. As nossas criações de anúncios, mensagens de natal e ano novo, dia das mães, dia dos pais, dia do motorista, visitas de presidentes aqui, enfim fizemos ... se você ver a coleção do nosso jornal vai sentir que era tudo feito por nós, produzidos por nós, numa gráfica de chumbo, que não era brincadeira.”⁹²

Em 1988, Agenor Alves Garcia e Sérgio Martinelli transferiram suas ações e, conseqüentemente, o controle total da empresa para o grupo Algar. Esta teve interesse em adquirir o jornal porque o presidente José Sarney proporcionou um financiamento altamente vantajoso para a importação de máquinas impressoras norte americanas, atualizadas e produtivas, e que até hoje (2001) servem à gráfica Sabe, de propriedade do Correio.

Sarney permitiu a importação dessas máquinas apenas às empresas jornalísticas pois, segundo denúncias veiculadas na época, estaria interessado em montar uma rede de jornais no Maranhão e Piauí. Sendo assim, a Gráfica Sabe, de propriedade da Companhia Telefônica do Brasil Central, só poderia adquirir máquinas de última geração à preços financiados com baixíssimos juros pelo governo federal, se possuísse um jornal.

Agenor e Martinelli cederam ao pedido do Comendador Alexandrino Garcia e lhe transferiram o controle sobre a empresa. Um ótimo negócio sob o ponto de vista econômico e simbólico que o Correio não noticiou e naturalmente não noticiará jamais, enquanto estiver sob o comando da família Garcia.

No entanto já noticiou que o jornal nunca foi uma empresa atrativa do ponto de vista lucrativo, e que de vez em quando até dá prejuízos, o que evidencia que o interesse maior é manter o controle sobre um meio de produção que lhes favoreça na formação da “opinião pública”. O fato de hoje o “Correio” ser o único jornal da cidade demonstra que o monopólio da imprensa por parte do grupo Algar provoca um sensível retrocesso

⁹² Martineli, op. cit.

na sua precária igualdade de expressão, pois só o que interessa à empresa e ao grupo político que representam é veiculado ao público.

Desde então a gráfica Sabe já prestou serviços até para a Abril Cultural de São Paulo e imprimiu listas telefônicas de várias empresas estatais, hoje privatizadas pelo governo de FHC.

“Em 1988 o Correio foi vendido para o grupo ABC, hoje grupo Algar que tinha interesse de comprar o nosso jornal porque havia saído um financiamento dessa máquina que hoje tem o grupo Algar na gráfica Sabe. Uma máquina impressora de grande valor profissional, faz a cores, faz tudo que você quiser, até revistinhas para a Abril . Então acabaram comprando o jornal porque o Agenor que era o maior acionista com 45% acabou cedendo às exigências do Comendador Alexandrino que era o poderoso chefe e uma figura muito maravilhosa, excepcional, que deu a esse grupo todo esse volume de conceito de empresa, porque nós chegamos a ter no grupo 65 empresas.

(...) o jornal acabou ficando neste período de 1988 para o grupo ABC que fazia do jornal um trampolim para fazer a lista telefônica para toda a região (...) Foi feito um financiamento de 30 anos com 1% ao mês , com mais 5 anos de carência (...). Isso foi propiciado pelo Sarney que foi presidente da república, que segundo os jornais falavam, eu não garanto, estava fazendo uma rede de jornalismo no Maranhão e no Piauí. Então facilitou a importação dos EUA que só poderiam comprar isso com os jornais. Gráficas como a Abril por exemplo não poderiam importar só os jornais, foi quando nós tivemos que ceder então as nossas ações que eram maioria minha e do Agenor, pois tínhamos 55% e portanto o controle absoluto do jornal. Tudo bem, aconteceu.”⁹³

No entanto, a partir de 1981, o “Correio” deixou de imperar como o veículo de maior penetração da imprensa escrita na cidade de Uberlândia. O Jornal “Primeira Hora” havia sido fundado, num momento histórico de crise do regime militar, especialmente dedicado a fazer oposição aos grupos ligados à ditadura além, é claro, de contrapor-se ao monopólio do “Correio”, das TVs e Rádios a estes também ligados.

Com investimentos vultosos em equipamentos de última geração, para aquele momento, como por exemplo em máquinas de impressão colorida e em “Off-set”, o “Primeira

⁹³ Idem.

Hora” destacou-se imediatamente de seu concorrente que até então usava técnicas de impressão tipográfica, de baixa qualidade e pouca produtividade. Foi uma grande novidade na cidade e representou um golpe na representação de modernidade e progresso utilizada costumeiramente pelos representantes do poder estabelecido.

Como o “Primeira Hora” veiculava claramente uma imagem comprometida com as forças de oposição ao regime militar, a eficácia do discurso de modernidade e progresso por parte do “Correio tipográfico, sem cores e com fotografias de baixa qualidade”, ficou abalada.

O “Primeira Hora” foi fundado juntamente com a Editora Gráfica Regional por um grupo de políticos do PMDB para servir como veículo de divulgação de suas idéias em Uberlândia e Região na época em que o país vivia a “abertura democrática” do governo Figueiredo. Desde 1978 este grupo se preparava para lançar o jornal, ou seja, desde aquele momento a idéia começou a ser colocada em prática, com o objetivo de estar pronto em 1982 para as eleições municipal e estadual. Naquele ano faziam 16 anos que os brasileiros não votavam para governador, proibição do regime militar desde 1966⁹⁴.

Os fundadores e proprietários majoritários desse veículo de comunicação foram Ronan Tito, Luis Alberto Rodrigues, Zaire Rezende, Durval Garcia, Luis Ricardo Goulart, Orestes Gonçalves e o empresário José Lelis⁹⁵.

“O Jornal Primeira Hora foi um jornal que fez história em Uberlândia. A idéia surgiu em 1978, 1979, de um grupo oriundo do antigo MDB que era liderado pelo então deputado federal Ronan Tito e pelo estadual Luis Alberto Rodrigues, mas para o jornal mesmo, as pessoas que fizeram lançar este projeto foram Ronan Tito, Luis Ricardo Goulart o Cadinho, Orestes Gonçalves, Zaire Rezende e José Lelis. Estes de fato foram aqueles que tomaram a iniciativa do projeto em Uberlândia. Naquela época foi fundada a Editora Gráfica Regional que imprimia o Jornal Primeira Hora, foi um

⁹⁴ As eleições municipais estavam marcada para 1980 e foram adiadas para 1982, sendo os mandatos do prefeito prorrogados por mais dois anos, como foi o caso de Virgílio Galassi, prefeito de Uberlândia na época.

⁹⁵ Dentre os fundadores citados acima, Ronan Tito foi eleito deputado federal pelo MDB em 1978 juntamente com Luis Alberto Rodrigues, eleito para deputado estadual também pelo mesmo partido. Dali é que surgiu a idéia de se montar um jornal, O Primeira Hora, para continuar o projeto político do grupo.

jornal que teve muita coisa de sucesso e insucesso. Comercialmente é o exemplo de como não fazer jornal, e politicamente ele cumpriu um papel fundamental para a história de Uberlândia. Foi através do Jornal Primeira Hora, que se deu a possibilidade de fato de se quebrar aquela política que até aquela data existia em Uberlândia. Fora pela primeira vez que a oposição e outros segmentos chegaram a prefeitura de Uberlândia, além daquele setor que sempre dirigiu que era o ramo das imobiliárias que através de suas lideranças. Então o jornal teve um papel fundamental para a eleição do PMDB com o candidato Zaire Rezende em 1982.(...)⁹⁶

Além destes citados o jornal tinha mais 64 sócios sendo sua maioria composta por militantes do PMDB, de Uberlândia e cidades vizinhas, além de professores da Universidade Federal de Uberlândia.

Segundo depoimento prestado por Eduardo Afonso, um dos “ex-sócio-proprietário s” do jornal, todos tinham direito à voto nas assembleias do jornal apesar da diferença de participação acionária que cada um possuía. O próprio depoente possuía duas cotas da empresa, adquirida por serviços prestados a mesma, e tinha o mesmo direito de voto dos fundadores e proprietários majoritários, como já citados anteriormente.

“(...)Este grupo de pessoas reuniu-se e fizeram uma sociedade que foi um sonho na forma de se realizar. Ela tinha, me parece, 64 sócios. Eles fizeram uma sociedade limitada, poderia ser uma sociedade anônima, mas no caso era uma empresa limitada que não sei o número exato de cotas que foram vendidas (...) a maioria vinda da Universidade de Uberlândia, ou oriundos do MDB. Pela liderança do Zaire, do Ronan e do Luis Ricardo Goulart. Esse grupo teve também uma grande participação de professores da universidade. E qual que era a novidade numa coisa que comercialmente não tinha como dar certo? (...) Essas 64 pessoas tinham direitos iguais nas assembleias então independente, como é o meu caso, que prestei serviços durante um ano e meio dois anos para a elaboração e lançamento do jornal fazendo serviços de escritório etc. Como eles não tinham recursos para ... como nós não tinham recursos... Independente do valor que a pessoa tinha colocado em capital ela tinha o direito a um voto nas assembleias. E isso foi um motivo depois que nós verificamos que não tinha possibilidade. Como eles não tinham recursos para me pagar eles me deram duas cotas e eu tinha direito de voto igual aqueles que tinham mais ações como o Zé Lelis, Zaire Rezende, Ronan Tito que eram os maiores acionistas e possuíam um valor muito alto em recursos financeiros já que foi um projeto muito caro. Então isso não tinha como dar certo. Enquanto um tinha duas cotas o outro

⁹⁶ Entrevista gravada de aproximadamente 60 minutos, cedida por Eduardo Afonso que é membro do PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro) e secretário do prefeito municipal de Uberlândia Zaire Rezende.

*tinha 4.000, 5.000 e cada um tinha o direito a um voto nas assembléias da sociedade”.*⁹⁷

O jornal foi projetado para circular em cerca de 35 cidades da região do Triângulo Mineiro além de Uberlândia. O objetivo era divulgar as candidaturas do PMDB ao governo do Estado (Tancredo Neves) e para as prefeituras das respectivas cidades onde possuía sócios e conseqüentemente a distribuição e a circulação. As notícias eram produzidas por jornalistas sediados em Uberlândia e nas várias cidades onde circulava para que fossem divulgadas matérias de interesse de seus sócios, fora da sede da matriz.

*“O jornal circulava em mais ou menos 35 cidades e não tinha lucro, aliás era prejuízo. Nós mandávamos o jornal todos os dias através de ônibus para estas cidades, inclusive tínhamos correspondentes em algumas delas. Alguns pagos outras pessoas simpatizantes, e os sócios faziam o papel de divulgadores do jornal e também de mandar as notícias da cidade em que moravam.”*⁹⁸

O “Primeira Hora” foi um importante instrumento de luta contra a ditadura militar na medida que quebrou o monopólio dos veículos da imprensa local e de muitas cidades vizinhas que estavam articulados aos interesses dos agentes associados à ditadura militar. Foi um jornal que se contrapôs claramente aos outros existentes na cidade e influenciou decisivamente para que, pelo menos o Correio, se modernizasse tecnicamente.

O “Correio”, “O Triângulo”, “A Tribuna de Minas”, todos eles eram claramente defensores dos interesses dos grupos mais conservadores e economicamente poderosos da sociedade uberlandense. Geralmente ligados aos negócios rurais e imobiliários urbanos e outros negócios de grande lucratividade como a telecomunicação e o comércio atacadista, não faziam senão divulgar notícias de interesses destes.

⁹⁷ Idem.

⁹⁸ Idem.

Através das páginas do “Primeira Hora” a população leitora de jornais teve a oportunidade de acompanhar as críticas feitas ao regime militar e identificar os agentes locais que estiveram ligados a ela.

Seus fundadores e sócios majoritários se articularam a partir dos “cursilhos” feitos pela Igreja Católica onde tiveram a oportunidade de discutirem estratégias para combater o regime militar. A própria Igreja colaborou indiretamente para que o jornal se erguesse.

“(...) este grupo tinha origem também da Igreja Católica através dos cursilhos. Foi um grupo que nasceu dos cursilhos e entrou na política para fazer e acontecer e para mudar a história com a eleição de Zaire Rezende. Sentimos a necessidade de formar, ter um órgão para chegar à comunidade e aí foi lançado o jornal Primeira Hora.”⁹⁹

Denúncias de arbitrariedades contra os opositores do regime militar eram veiculadas frequentemente, pelas páginas do Primeira Hora. Publicações contra arbitrariedades e ações anti-éticas por parte da administração municipal anterior a Zaire Rezende também alertaram a população para com as atitudes dos partidários da ditadura, enfraquecendo-os diante da opinião pública.

No entanto foi um jornal claramente ligado aos interesses partidários do PMDB e, naturalmente, seus diretores, apesar de permitirem as mais diversas manifestações contra o regime com o intuito de enfraquecê-lo, usavam-no como instrumento de promoção eleitoral do partido. Não poderia ser diferente já que o jornal teve sua razão de existir para cumprir o papel de divulgador das idéias políticas de seus sócios e apoiadores, como o é em qualquer circunstância eleitoral em que um veículo de comunicação é criado.

⁹⁹ Idem.

O jornal Primeira Hora deixou de circular no final de 1988, sendo sucateado no início de 1989 pelo seu novo proprietário. Os funcionários também não receberam os acertos trabalhistas¹⁰⁰.

Era um jornal que não possuía estrutura comercial e publicitária que o mantivesse por muito tempo. As verbas publicitárias destinadas pelos empresários locais de maior poder econômico eram direcionadas para os jornais que mantinham vínculos com uma posição política diferente do Primeira Hora.

“Um dos motivos do jornal ter falido foi que, em primeiro lugar, comercialmente o projeto era um fracasso. Em segundo, o pessoal em Uberlândia não tinha hábito de ler. Terceiro porque os comerciantes não tinham hábito de fazer divulgação. O outro motivo é que as pessoas, os empresários, não faziam parte desse grupo do Zaire, pelo contrário eles eram oposição a nós. Como é que a gente ia fazer um jornal que tinha que ser sustentado através de verbas publicitárias se as verbas publicitárias estavam na mão de nossos adversários? Apesar do seu projeto interessante era um jornal de oposição àqueles que tinham a verba publicitária. Uma das falhas do governo Zaire em 1982-88 foi o distanciamento que ele teve do empresariado, e nós levamos tempo para reaproximarmos deles e por isso levamos tanto tempo para retomar o poder. Então o PMDB procurou reaproximar, retomar, mostrar para estes segmentos o quanto foi importante o governo Zaire Rezende. Tanto é que hoje o vice do Zaire na época era o o presidente da ACIUB que fazia oposição a ele que é o Celson Martins”.
(...)¹⁰¹

Por isso logo após a vitória do PMDB em 1982, foi criada uma acessoria de comunicação” que passou a organizar a divulgação dos atos de governo de Zaire Rezende. O “Diário Oficial”, órgão de comunicação oficial da prefeitura, foi extinto naquele momento pois só circulava nos bastidores da câmara, e os editais e licitações para obras públicas acabava ficando restrita a poucas pessoas, geralmente aos lobbies dos interesses privados dentro do Estado.

“Na época dizia-se que estávamos fazendo publicidade para o jornal ... porque na época nós acabamos com o Diário Oficial. O Diário Oficial fazia meia dúzia de jornais e circulava só nos corredores da prefeitura e pronto. Quando tinha um edital, uma licitação ninguém ficava sabendo ... então nós

¹⁰⁰ Idem.

¹⁰¹ Idem.

*passamos a fazer a divulgação dos atos oficiais nos jornais da cidade”. (...)*¹⁰²

Com a extinção do Diário Oficial em 1983, a prefeitura passou a destinar verbas publicitárias para os jornais e emissoras de TVs da cidade com a finalidade de divulgar os editais e licitações à um público mais extenso. Todos os jornais e TVs receberam aquelas verbas publicitárias e os de maior circulação e penetração recebiam a maior parte delas. A TV Triângulo por ser a emissora de maior penetração recebia mais verbas que as outras emissoras, e o Primeira Hora, por ser o jornal de maior circulação também passou a receber a maior fatia dos recursos da assessoria de comunicação da prefeitura destinada à imprensa escrita.

*“Com a administração Zaire de 1982, a orientação era que todos os atos do governo deveriam ser divulgados. Era um direito da população serem divulgados, então o Zaire montou uma assessoria de comunicação e o jornal que até aquela época nunca tinha pego uma linha da prefeitura e por ser o jornal de maior circulação da região, passou a receber verbas da prefeitura, inclusive todos os jornais e não somente o Primeira Hora. O Triângulo, o Correio, e a Notícia. A TV Triângulo por ter maior penetração recebia mais verbas que as outras televisões, e o Primeira Hora recebia mais verbas por ter maior circulação dentre os jornais. Hoje nós continuamos com o Diário Oficial, devido ao grande número de contratos que fazemos, a grande quantidade de leis ... hoje há a necessidade de mantermos um Diário Oficial por que se tivermos que pagar o centímetro quadrado de publicidade de jornais o custo será muito grande. A lei de responsabilidade fiscal é um dos motivos dessa medida. Mas ao mesmo tempo montamos uma assessoria de comunicação uma secretaria que dá toda a cobertura para a imprensa. Hoje é uma forma do governo estar colaborando com os jornais e suas redações. A Secretaria de Comunicação está em contato com estas redações para provê-los de material do dia a dia”. (...)*¹⁰³

Com a vitória de Virgílio Galassi nas eleições de 1988, o jornal se inviabilizou, pois os novos ocupantes da prefeitura certamente iriam mudar a política de divulgação de editais e licitações para impedir a sobrevivência do Primeira Hora, e assim evitar que a oposição pudesse divulgar reportagens e matérias contra seus interesses, como de fato o fizeram.

¹⁰² Idem.

Antes das eleições de 1988 a venda do jornal já havia sido negociada e o novo proprietário, ao ver que o poder iria mudar de mãos e percebendo as dificuldades de sobrevivência futura, encerrou suas atividades, vendendo as máquinas impressoras e demais equipamentos. As dívidas trabalhistas com os funcionários e jornalistas que ainda estavam desenvolvendo atividades no jornal ficaram pendentes também.

*“O jornal Primeira Hora deixou de existir depois do processo eleitoral. Nos três primeiros anos ele teve dificuldade mas quando chegou na prefeitura através das verbas publicitárias que ela passou a dedicar aos jornais em Uberlândia, ao Notícia, ao Correio e ao Triângulo, e com verbas maiores para o Primeira Hora que era o maior em circulação, ele se manteve. Mas em 1988, quando o PMDB perde a eleição, o jornal estava sendo negociado, com uma pessoa que era de fora e achando que existia a possibilidade de nós estarmos na prefeitura. Quando nós perdemos o novo dono tomou a decisão de fechar no início de 89 em janeiro. Vendeu os equipamentos e enfim foi traumático, deixou de pagar os funcionários, então aquele projeto que tinha nascido com carinho naufragou de uma forma que os sócios não gostariam que acontecesse”.*¹⁰⁴

Naquele momento o jornalista Sérgio Martinelli ocupava a função de diretor do Primeira Hora para tentar organizar suas finanças e salvá-lo da falência. Porém o sucesso obtido por Martinelli na época em que reestruturou o jornal Correio de Uberlândia não se repetiu. O jornal faliu e logo em seguida foi sucateado, deixando de existir. Segue-se abaixo o relato de Martinelli sobre sua passagem no Primeira Hora:

*“A gente depois saiu do Correio e foi para o Primeira Hora (...) fiquei apenas 90 dias lá, apenas para fazer um saneamento básico lá né. Botei todo mundo para fora, acabei com estas impressões de jornais da região. O faturamento era do bolso do pessoal, era tudo explorado, era tudo bagunçado, sexo, todo mundo grávida, mulherada grávida, era um jornal de prostituição, parecia um motel jornalístico (risos)”.*¹⁰⁵

A impressão que nos dá ao ler este relato é que a falência do Primeira Hora está ligada ao significado que este teve num momento crucial da vida política da cidade. Em 1982, a vitória de Zaire Rezende está diretamente ligada à estratégia de comunicação montada

¹⁰³ Idem.

¹⁰⁴ Idem.

por ele e seus correligionários. A necessidade de um veículo de comunicação que pudesse divulgar cotidianamente as críticas ao regime militar e rebater as visões de seus grupos de sustentação, foi de fundamental importância. Sem o jornal talvez a derrota do regime militar estaria comprometida. No entanto, todas as rádios, TVs, e jornais de Uberlândia que apoiavam o regime militar estavam empenhados em mantê-lo e mesmo assim estes foram derrotados. Não cabe creditar total responsabilidade ao Primeira Hora pelo enfraquecimento dos grupos que dominavam a política local, pois a mídia está imersa num contexto mais amplo e condicionada a circunstâncias que extrapolam um possível e inexorável poder comunicativo.

O interessante no episódio da falência do Primeira Hora é que, consciente ou inconscientemente, um antigo diretor do Correio de Uberlândia, jornal que esteve claramente comprometido com o regime militar, foi o responsável pelo seu sucateamento. Parecia que um jornal que teve tanta importância para o enfraquecimento do poder estabelecido não poderia continuar funcionando, pois possuía um significado simbólico difícil de ser “apagado” da memória coletiva e portanto de pouca utilidade para uma eventual estratégia de retorno ao controle do aparelho municipal. O poder da mídia, que não é inexorável, sem dúvida nenhuma é de fundamental importância da luta pelo poder, principalmente porque, considerado como um meio de produção político, possibilita que seus controladores possam aparecer para o público mais amplo.

O grande problema enfrentado pela democracia moderna é a enorme desigualdade na manifestação das idéias através dos meios de comunicação de massa. Sem recursos financeiros necessários e uma reforma radical na legislação sobre a distribuição de concessões de TV e rádios e, mesmo na impossibilidade de se montar um jornal impresso, não é possível obter os meios necessários para que os mais diversos segmentos sociais tenham o direito de divulgarem suas idéias a um público mais amplo.

¹⁰⁵ Martineli, op. cit.

Os meios de comunicação de massa estarão sempre nas mãos de quem possui grandes recursos financeiros e influência junto à estrutura de poder e conseqüentemente a reprodução simbólica das insígnias do poder estabelecido continuarão como um privilégio, enquanto persistir esta situação.

Apesar de não estarmos vivendo num regime totalitário clássico, é como se estivéssemos, pois o conceito de totalitarismo, aplicado somente à questão da política estatal, exclui a reflexão sobre o monopólio dos mega-grupos capitalistas. Estes detém monopólios extraordinariamente gigantescos pelo planeta afora, agindo como verdadeiros “czares” da economia, impedindo, pela “lógica” do mercado, a igualdade na livre manifestação das idéias.

CAPÍTULO II

A CIDADE NA ÓTICA DO PODER: REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS E CONSERVADORISMO POLÍTICO NA UBERLÂNDIA DOS ANOS 80

Em 1982 Zaire Rezende foi o vencedor das eleições municipais em Uberlândia derrotando os candidatos do PDS (partido de sustentação da ditadura militar) e causando a estes grupos políticos uma interrupção de poder até certo ponto inesperada. O jornalista Luiz Fernando Quirino na sua coluna “A vida é mesmo assim” publicada diariamente no Correio de Uberlândia naquele ano de 1982 e intitulada “Que Cacetada!”, expressa a “surpresa”.

“Mineiro trabalha em silêncio. E mineiro vota em silêncio. Se a gente falasse em política, até meia noite de domingo, jurava que a eleição em Uberlândia ia ser equilibrada, com a minha turma chegando junto. Alceu, Zé Carneiro e Espíndola tinham muitas razões para acreditar numa vitória. Do outro lado tinha o Renato que podia dar trabalho. Lá no Luizote, lá na Martins, a gente ouvia um murmúrio de descontentamento, mas ninguém falava nada. Só um bando alegre de jovens gritava o nome de Zaire. Ah! Coisa da juventude, coisa de estudante”¹⁰⁶.

A aparente surpresa era um jogo de cena teatral para dar a impressão que não havia motivos para tal derrota, pois aqueles que foram recusados nas urnas pela maioria teriam “feito tanto pela cidade”, “*salvando a gente através da concessão de créditos ... trazendo coisas*”, que para o jornalista Luis Fernando Quirino, do “Correio de Uberlândia”, era praticamente impossível esperar uma rejeição. Não havia surpresa e sim a necessidade de aparentá-la.

“Então, numa cidade que tinha o Parque do Sabiá, as casas populares, os convênios assinados com a Universidade, o Homero Santos salvando a gente através da concessão de créditos, Pedro Gustin trazendo coisas, ia dar oposição? (...) Antigamente, tinha um negócio de urna tal representar um certo grupo de eleitores, urnas de determinadas sessões representavam uma

¹⁰⁶ “Que Cacetada!”, p.08., in: A vida é Assim Mesmo . Coluna assinada pelo jornalista Luiz Fernando Quirino. Correio de Uberlândia. 17/11/82.

tendência. Agora não. As urnas tinham de tudo: jovens, meia idade, velhos conservadores e, por isso, não haveria mais dúvida.. Quando pararam lá pela meia noite, Zaire Rezende já estava estourando. E os meus? Equilibradíssimos na busca do terceiro lugar.(...) Madame Ubercity não contava com isso. (...) E a realidade veio abalar a todos nós, que participamos da atual administração, sempre amparada pelo João e pelo Francelino. Uberlândia virou mesmo metrópole. (...) Alceu Santos, o amigo de todos. Renato a eterna alternativa. Zé Carneiro, tão legal na hora de arranjar as casas pra quem precisava. E o povão com tudo isso na cuca, entrava na sessão rabiscava direitinho o voto vinculado e escrevia Zaire”¹⁰⁷.

Era preciso passar a idéia de que aquilo foi um acidente de percurso e que existiam na realidade “forças inexplicáveis” que geraram a insatisfação da população com relação ao partido da ditadura. Uma maneira de gerenciar a derrota e projetar para as próximas eleições uma imagem favorável e resgatável através da memória coletiva. A intenção da imprensa era marcar a memória coletiva com imagens e representações enaltecidas das “grandes e sublimes realizações feitas pelos grandes homens públicos” com vistas ao retorno nas próximas eleições. Na coluna de Fernando Quirino novamente é possível constatar a tentativa de demonstrar uma inexplicável atitude de incompreensão por parte do “povo” a respeito das “grandes obras” realizadas pela administração de Virgílio Galassi.

“Impossível negar os feitos de uma administração que construiu um estádio de futebol que é um exemplo para toda Minas Gerais e que estreou com a presença da seleção brasileira, fazendo o último jogo antes de seguir com nossos sonhos para a Espanha. A entrega do Parque do Sabiá, a construção do Parque do Lagoinha. A presença quase que costumeira do presidente Figueiredo, do vice presidente Aureliano Chaves. Os convênios, cada vez mais abrangentes, entre instituições e nossa Universidade. A abertura de avenidas majestosas, a vinda da Souza Cruz, da Daiwa, a Granja Rrezende exportando frangos, os frigoríficos se agigantando, as empresas de ônibus levando nossa mensagem de grandeza a tantas outras cidades, as empresas de caminhões, os grandes armazéns atacadistas, e sei lá quanta coisa mais. Tudo isso cantado em prosa e verso pelos meios de comunicação. O eleitor tinha que estar ao lado deste desenvolvimento. Votar na oposição para que?

¹⁰⁷ “Que Cacetada”, op. Cit., p. 08. Correio de Uberlândia.

No dia 16 de dezembro eu estava lá com a famosa cara de vaca atolada, expressão que o Cel. Schiavinato introduziu definitivamente no nosso vocabulário”¹⁰⁸

Na seção editorial do Correio intitulada “Política” temos uma visão um pouco mais raivosa e xenófoba na busca de explicações para a derrota do partido da ditadura em Uberlândia. O jornalista editor aponta as lições da derrota e atribui a “histórica vitória” do Dr. Zaire à “*maquiavélica campanha da oposição ajudada pela Igreja Católica*”, e não à insatisfação da sociedade com o partido e os homens que apoiavam a ditadura militar. A imagem construída pelo jornal visava culpar os “forasteiros” que estariam “desmoralizando” através de uma “lavagem cerebral”, as “grandes obras” daqueles que amavam com fervor patriótico, tanto a cidade quanto seu povo. No editorial leia-se:

“A vitória do PMDB e em especial aquela conquistada pelo DR. Zaire, vai ficar na história política uberlandense. Ninguém em sã consciência, acreditava que o PDS poderia perder as eleições em Uberlândia, depois de uma administração dominada por obras de infraestrutura e de projeção, pelo dinâmico prefeito Virgílio Galassi.

Mas o resultado que já ratificou o triunfo da oposição em Uberlândia, município que contou com o apoio total do presidente Figueiredo e seus Ministros, bem como do governo do Estado, mostra as lições importantes para os homens da situação. Infelizmente, eles não sentiram que a maquiavélica campanha da oposição e mui especialmente aquela feita nas comunidades de base pelo candidato Zaire e seus companheiros, apoiados pela Igreja, que transformou o púlpito em palanque, amarga agora uma derrota que não estava no programa de trabalho do partido situacionista, que pelo muito que fez em favor da gente uberlandense, jamais poderia pensar que seria esmagado nas urnas.

De nada adiantaram os alertas feitos. (...) Além dos novos forasteiros que chegaram, em busca de um lugar ao sol, teve o PDS, contra si o eleitorado jovem, que votou na oposição protestando contra o governo, levado, certamente, pela lavagem cerebral que recebeu da oposição, que teve sua fala desmoralizadora “entendida” por um punhado de eleitores novos, sequiosos de chegar à boca da urna. (...)

Mas o que valeu mesmo foi a lição de redemocratização dada pelo presidente Figueiredo, que se não for compreendida pela oposição que cresceu politicamente, poderá levar o país a uma nova jornada de recessão da liberdade, que pode se tornar libertinagem, pela euforia desordenada daqueles que agora chegaram ao poder, nos principais centros desta Pátria amada, idolatrada, salve, salve”¹⁰⁹.

¹⁰⁸ Síndrome da China. Coluna In...fernando. p.12. Correio de Uberlândia. Uberlândia, 07 de dezembro de 1982.

¹⁰⁹ “Política”, p.01. Correio de Uberlândia. Uberlândia, 20 de novembro de 1982.

Percebe-se aqui neste momento, a utilização de slogans freqüentemente usados em eleições posteriores, pelos “donos” do poder na cidade, em que se faz menção ao “amor por Uberlândia” em contraposição à um suposto “interesse” de “estrangeiros” sem vínculos afetivos e histórico-tradicionais com a cidade, que nada teriam a perder atacando os valores locais estabelecidos.

No entanto, nem todos os “estrangeiros” deveriam ser considerados “inimigos” dos valores locais. O jornalista Luis Fernando Quirino ironizava as diferenças e a proximidade entre os uberlandenses, nascidos em Uberlândia e os uberlandinos, nascidos fora da cidade e erradicados aqui. Recebido de “braços abertos” pelos uberlandenses, os uberlandinos seriam os “sócios-contribuintes” para o “progresso e desenvolvimento” da cidade.

*“Os uberlandenses, são os filhos das famílias fundadoras da cidade e todos acabam sendo primos entre si. (...) E abriram as portas da cidade, para todos os que nela acreditassem viessem trazer sua força de trabalho. Estes chegaram, para ampliar a cidade, e acabaram com a tranquilidade e a vida farta, são os uberlandinos. (...) Os uberlandenses são os sócios proprietários do Praia Clube (...) os uberlandinos são os sócios contribuintes, que pagam as mensalidades para fazer o clube crescer.”*¹¹⁰

Virgílio Galassi, prefeito em exercício durante as eleições de 1982 pelo Partido Democrático Social, que apoiava a ditadura militar iniciada em 1964 – e que depois viria a se desmembrar em dois outros partidos na década de 80, o PFL e o PPS -, recebia amplo destaque no jornal “O Correio de Uberlândia”.

A visibilidade creditada à Virgílio Galassi não era novidade pois outros jornais, a TV Paranaíba e as emissoras de rádio também ligadas ao seu grupo político - das quais ele era sócio juntamente com seu cunhado Ary de Castro Santos, como já mencionado no capítulo anterior -, desde as décadas de 60 e 70 já haviam construído sua imagem como

¹¹⁰ Nós , os uberlandinos. O In...fernando. p.12. Correio de Uberlândia. Uberlândia, 22 de novembro de 1982.

“político ativo e dinâmico, engajado aos interesses mais nobres da sociedade uberlandense”.

Portanto, analisando o período eleitoral de 1982 verificamos que tal imagem foi mantida e reforçada inclusive como elemento chave da campanha dos candidatos de seu partido, o PDS, obviamente apoiados por ele durante todo o processo e recebendo amplo destaque no jornal “Correio de Uberlândia”.

Ao que tudo indica, pela leitura das edições do “Correio” que acompanharam o processo eleitoral de 1982, o alvo das críticas mais contundentes veiculadas por esse jornal era Renato de Freitas, político que havia se alternado como prefeito de Uberlândia com Virgílio Galassi na década de 70 e que representava seu maior adversário naquele momento. Tanto isso é plausível que não há nenhuma propaganda eleitoral de Renato de Freitas veiculada pelo Correio durante as eleições de 1982, mas existem inúmeras publicações com espaço publicitário ocupados por Ronan Tito, Zaire Rezende e Luis Alberto Rodrigues.

FOTO DO Correio com a propaganda eleitoral de Zaire

Denúncias de irregularidades por parte da administração de Renato de Freitas eram estampadas dois meses antes das eleições em letras garrafais. Um suposto subfaturamento de terrenos de particulares desapropriados pela prefeitura, quando esta estava em suas mãos entre os anos de 1973 e 1977 foi alvo de jornalistas e munição útil ao grupo de Virgílio. A intenção era evidente: enfraquecer Freitas perante o eleitorado com a esperança de dividi-lo entre os demais candidatos do PMDB e demais partidos e garantir a manutenção do poder nas mãos da legenda do PDS. É perfeitamente possível que a oligarquia de Virgílio ao perceber a eminência da derrota nas urnas tenha

procurado formas de enfraquecer Renato de Freitas, que havia se transferido para o PMDB naquele momento. Este era visto por eles talvez como a maior ameaça. Saber se Renato de Freitas era ou não inocente das acusações é difícil e não é o objetivo do presente trabalho procurar saber se houve injustiça ou não no trato dado pelo Correio de Uberlândia quanto as acusações de corrupção. Mesmo porque Renato e Virgílio eram representantes de oligarquias rivais que sempre se utilizaram dos mesmos expedientes administrativos para manterem seus capitais políticos. A estratégia de desmoralização de Renato de Freitas realmente ocorreu como tentativa de enfraquecimento da oposição. Na seqüência lia-se no correio às vésperas da eleição para prefeito em 1982:

“Naquela sessão, um aparte solicitado pelo vereador Alceu Santos (...), o vereador Bailoni Jr. fez este pronunciamento, o qual está inserido e aprovado na ata de 15 de setembro: Renato de Freitas irá dar asfalto ao povo como deu as linhas de ônibus, que foi inclusive desonesto em declarar publicamente que aquele asfalto não seria pago, porque era das linhas de ônibus, e depois que o prefeito atual entrou, teve que cobrar porque era de lei. Outro aspecto que gostaria de ressaltar é que 4 anos depois que o prefeito Virgílio assumiu a prefeitura, o DMAE estava fazendo redes de água e esgoto mais baratas (...) concorrências que foram motivo de inquéritos, corrupção”¹¹¹.

Numa entrevista concedida por Virgílio Galassi ao “Correio”, logo após as eleições, veio a confirmação da estratégia para promover o enfraquecimento da candidatura de Renato de Freitas como justificativa para a derrota nas urnas. O importante para os partidários da ditadura naquele momento era desqualificar a derrota para Zaire Rezende, que fora apoiado pela Igreja Católica e por um grande número de professores e estudantes da Universidade Federal de Uberlândia, “forasteiros” ou não.

*“Pergunta - Só para encerrar; o senhor admite agora, depois de terminadas as apurações e consolidada a vitória da oposição, que o PDS conseguiu dividir o partido e não somar?
Resposta – Não. Eu acho que os resultados alcançados pelo PDS foram muito corretos. Nós tínhamos programado chegar com os três candidatos, mais ou menos juntos no pleito.*

¹¹¹ “Corrupção Campeou no governo de Renato de Freitas”, p. 01. Correio de Uberlândia, 05/10/82.

Interferência do repórter - mas o Zaire somou quase a totalidade dos três?

Seqüência da resposta – Talvez o próprio PDS seja o responsável por isso. Porque foi feita uma carga muito grande contra o DR. Renato de Freitas, que era apontado como o vencedor e equilibrando nossas forças, lançamos o Espíndola como candidato, para que ele atuasse no mesmo reduto do DR. Renato. Estratégia que funcionou, mas que prejudicou o DR. Renato de Freitas em benefício do DR. Zaire Rezende. Nas outras eleições, acredito que teremos outras razões, outros homens, outras emoções, começando tudo de novo. Porque cada eleição é uma história que tem que ser contada separadamente.”

Por outro lado, o mesmo jornal construía matérias enaltecidas sobre a administração de Virgílio Galassi, destacando suas “grandes e belas obras em prol do progresso e do bem comum da cidade”. A imagem do incansável trabalhador pelas causas do engrandecimento de Uberlândia e seu amor pela terra natal associadas a tradicional imagem de “cidade progressista que a todas as crises superava” demonstravam claramente o objetivo do grupo estabelecido no poder: o de construir uma imagem convincente de que estas coisas só se realizariam através daqueles “verdadeiros e legítimos defensores” dos valores patrióticos locais. A “maravilhosa” cidade de Uberlândia, pelas imagens construídas na carta, não parecia ter problemas graves que despertassem preocupações. A “harmonia e a felicidade” imperavam absolutas e parecia ser resultado da obra realizada pela “competente e abnegada equipe de trabalho” da administração municipal. A imagem de uma cidade “hoje conhecida e divulgada fora dos limites do nosso País” parecia querer nos convencer de que ela seria um exemplo do resultado de uma “boa administração” realizada pelos “abnegados”. Numa carta atribuía ao prefeito e publicada pelo Correio de Uberlândia pouco antes das eleições de 1982, lia-se:

“Virgílio Galassi, enviando a todos os uberlandenses uma carta que tem por título, “Bom dia Uberlândia” (...) o prefeito faz uma retrospectiva da importância das obras realizadas por ele e a grande soma de prestações e benefícios concluídos na sua administração.

Prezado Amigo (a),

Vimos respeitosamente falar aos caros uberlandenses, tanto pela responsabilidade e o dever de nosso cargo, como pelo amor e a dedicação que temos por esta próspera COMUNIDADE.

Aqui estamos para de uma forma simples e objetiva, relatar a todos aos quais devemos satisfação, o amplo programa de trabalho desenvolvido ao longo desses seis anos, onde, com muita honra, empenho e otimismo, conseguimos, com o apoio de todos que habitam esta maravilhosa Uberlândia e a participação expressiva de uma competente e abnegada equipe de trabalho, plantar e fazer florescer uma filosofia de fé e acima de tudo de confiança na força e na capacidade de trabalho de nosso povo de Uberlândia. (...) Uberlândia tão respeitada, e hoje tão conhecida fora dos limites do nosso País, sempre soube ser mais inteligente na decisão e na busca daqueles homens que realmente são capazes, através de sua condição pessoal, da formação de sua equipe e das facilidades que o entrosamento partidário proporciona ao administrador (...)

*(...) temos certeza, uma vez mais que (a família uberlandense) saberá estar ao lado daqueles que realmente têm condições de promover o bem comum”.*¹¹²

Um trecho da “carta aos munícipes” apelava para que os trabalhadores, nativos de Uberlândia bem como os “estrangeiros”, observassem também quem “verdadeiramente” buscava o “bem comum”. A imagem sacralizada das mães e da família associada ao conceito de trabalho como valor cristão aparecem como um apelo ao bom senso da “família de trabalhadores” que tanto colaborou com o “progresso da cidade”.

*“Ao trabalhador de Uberlândia, bem como aquele que de outra cidade veio engrandecer esta terra, às digníssimas mães, aos filhos,, o maior agradecimento pela maravilhosa contribuição ao progresso que conquistamos, pois a maior parte de toda a grandeza aqui existente é o fruto do suor, do trabalho cristão, e do melhor exemplo da nossa família de trabalhadores, a quem a cidade tanto deve”.*¹¹³

Os “jovens estudantes” não ficaram de fora da carta. As imagens de um homem experiente “alertando” os jovens contra algum perigo eminente, além da necessidade de observar as “obras projetadas para o futuro”, visavam mobilizar a angústia daqueles, com relação às possibilidades de garantir a formação profissional e a sobrevivência num

¹¹² “Prefeito envia carta aos munícipes e mostra a importância da vitória do PDS. Correio de Uberlândia. Uberlândia, 10 de novembro de 1982.

¹¹³ Idem.

país assolado pela recessão. As imagens de “entusiasmo” e virilidade da juventude também foram associados à expectativa de um futuro mais estável .

“Ao jovem estudante em especial, o nosso alerta amigo: analise bem a intenção daqueles que só criticam sem apresentar soluções viáveis, e que, sempre às vésperas de eleições prometem TUDO, ATÉ O IMPOSSÍVEL, neste mundo de grandes dificuldades em que vivemos; examinem também nosso empenho nas realizações que se destinam principalmente ao jovem, pois todas nossas obras, além de atender às necessidades atuais, estão, pela sua dimensão, projetadas para o amanhã, que sem dúvida será vivido e conduzido sabiamente por esta com entusiasta juventude de nossos dias.”¹¹⁴

Em outras passagens já analisadas pudemos ver que o apelo à juventude era uma estratégia fundamental. A impressão que se queria passar era a de jovens passando por uma “lavagem cerebral” patrocinada pela “oposição”, que não visava senão, chegar ao poder com promessas impossíveis de serem cumpridas. A expressão “lavagem cerebral” se tornou um recurso usado pelos que sustentavam a ditadura até mesmo em ocasiões posteriores, com o intuito de reforçar a imagem “das obras duradouras e inesquecíveis” feitas em prol do “bem comum”. Juntamente com o apelo ao “amor” por Uberlândia a “lavagem cerebral” se tornou uma marca registrada daqueles que queriam fazer a sociedade esquecer os horrores e opressão implantada pela ditadura militar iniciada em 1964.

Além da ampla visibilidade favorável, dada ao então prefeito pelo Correio de Uberlândia, nos meses que antecederam a eleição, esse também passou a apresentar uma série de programas na TV Paranaíba, amplamente divulgados na imprensa.

“O prefeito Virgílio Galassi deu início, ontem, através da TV, a uma série de 10 programas, todos voltados para a sua administração. O objetivo real é o de mostrar o que foi feito e o que está por ser feito, esclarecendo o povo, em mínimos detalhes, pormenores até então sem o conhecimento público. Falando à reportagem, Virgílio Galassi disse que a série de 10 programas será apresentada com muita diversificação e arriscou até um título: A cidade e o Prefeito; ‘iremos falar de assuntos importantes para que a

¹¹⁴ Idem

*população fique definitivamente informada daquilo que está acontecendo, daquilo que lhe interessa e que representa o seu futuro'. (...)*¹¹⁵

Era preciso identificar o prefeito indicado pelo regime militar como um realizador de obras de grande porte, duradouras e de fundamental importância para o “progresso” da cidade. Quanto mais avenidas, viadutos e indústrias fossem instaladas maior seria a possibilidade de se fazer passar a imagem de uma suposta solução ao problema aritmético da distribuição das riquezas materiais através de mais empregos e etc. Evidentemente que isso é próprio do desenvolvimento capitalista, a instalação de indústrias e a construção de obras públicas dão a impressão que o problema da sobrevivência estará resolvido pelo simples fato de nelas serem empregados a energia dos trabalhadores que nestas circunstâncias não deixarão de ser controlados pela oligarquia estabelecida. Muito pelo contrário o objetivo é reforçar a dominação mantendo todo mundo no “seu devido lugar” numa hierarquia construída e naturalizada, e numa sociedade “apaziguada”. Era preciso reforçar a distinção social sem alterar a estrutura hierárquica simbólica.

Virgílio Galassi se tornara o próprio ator de um roteiro teatral escrito para ser exibido como troféu pela mídia televisiva e escrita. Criador e criatura se imiscuíam e se confundiam numa frenética e desesperada campanha para evitar o que aparentemente era veiculado como “surpresa”: a derrota.

A derrota não foi uma surpresa. Se sentir surpreso fazia parte da teatrocrazia do poder estabelecido; uma estratégia de vitimização¹¹⁶. A sensação que se tem quando lemos as matérias jornalísticas da época é que os partidários da ditadura “não entendiam” como

¹¹⁵ Prefeito apresenta programa em série pela TV local. Correio de Uberlândia, Uberlândia, 19 out. 1982. Caderno 1, p. 01.

¹¹⁶ Segundo Balandier o poder precisa ser representado por atitudes e imagens simbólicas. Para o autor: “Todo sistema de poder é um dispositivo destinado a produzir os efeitos necessários a sua perpetuação. (...) Todo sistema de poder é um dispositivo destinado a produzir efeitos, entre os quais os que se comparam às ilusões criadas pelas ilusões do teatro”¹¹⁶.

era possível o povo depois de “receber tantos benefícios”, ainda votar na oposição. A explicação veio em entrevistas, editoriais e matérias de cobertura sobre a eleição.

Virgílio e seus seguidores haviam canalizado esforços na construção de obras de grande porte com grande apoio financeiro e simbólico do regime militar, então presidido pelo general Figueiredo, não só para fazerem fortuna, como de fato a fizeram, mas para demonstrarem que eles eram capazes de realizar tais empreendimentos que gerariam símbolos adequados à imagem do progresso gerador de empregos para os trabalhadores e demais segmentos sociais.

O Estádio de Futebol do Parque do Sabiá, feito para acomodar nada mais nada menos que um público de 70.000 torcedores - aproximadamente um terço da população local naquele momento, que era de mais ou menos 240.000 habitantes! -, foi uma perfeita demonstração de poder e força por parte da oligarquia representada por Virgílio Galassi. Além do mais, o Correio de Uberlândia noticiava em primeira página que o estádio representava uma “etapa do desenvolvimento” da cidade, procurando assim associar as imagens de modernidade e de “progresso”.

“O prefeito Municipal de Uberlândia, Virgílio Galassi, que está quase por findar sua gestão que já está coroada de êxito e glória, falou em entrevista, sobre a complexo do Estádio do Sabiá . São suas as palavras: ‘Uma cidade que cresce como Uberlândia, que está crescendo e vai crescer, tem que pensar nas suas áreas de lazer e nos seus momentos de esporte. O grande Estádio Municipal é parte integrante desse processo de desenvolvimento que assistimos atualmente. (...) o povo precisa de conforto, segurança, beleza e funcionalidade. Tudo isso faz parte das preocupações daqueles que querem dar algo a sua gente e a sua cidade. (...) Realmente foi um grande momento de acerto’. Conclui o grande prefeito Galassi”¹⁷.

O assombro provocado pela monumental arena de concreto e ferro procurava despertar os sentimentos inconscientes de medo e respeito à autoridade estabelecida. Um desconcertante e esmagador símbolo de intimidação, com a finalidade de demonstrar capacidade de realizações inatingíveis pelos “simples e inferiores mortais”. Uma

tentativa articulada pelo regime militar como um todo para impedir a política através de mecanismos de fabricação de respeito pelo medo inconsciente que temos de desafiar algo que seja incomensuravelmente grandioso, monumental e opressor.

Edmund Burke nos alerta sobre as consequências para o espírito humano diante de obras de arquitetura de grandes dimensões. Segundo esse autor,

*“A grandiosidade de dimensões é uma fonte poderosa do sublime. Essa proposição é demasiado óbvia e observável para necessitar de exemplo; mas não é igualmente comum examinar os meios pelos quais as enormes dimensões, as extensões ou quantidades incomensuráveis causam um efeito tão notável. (...) Uma outra fonte do sublime é a infinitude, que poderia pertencer mais exatamente à causa anteriormente mencionada. A infinitude tem uma tendência a encher o espírito daquela espécie de horror deleitoso, que é o efeito mais natural e o teste mais infalível do sublime. Há poucas coisas, dentre os objetos dos nossos sentidos, que sejam verdadeiramente e por sua própria natureza infinitas. (...) Na arquitetura, as grandes dimensões parecem ser uma condição necessária para o sublime, pois de umas poucas partes, assim como das pequenas, a imaginação não pode alçar-se à idéia de infinitude. Nenhum recurso à grandiosidade na maneira pode compensar a falta de dimensões apropriadas. (...)”*¹¹⁸

O objetivo era demonstrar que a ditadura havia realizado o “progresso” do Brasil mesmo com o país assolado pela recessão, provocada pela crise da dívida externa e monitorada pelo FMI – Fundo Monetário Internacional.

Outra obra monumental realizada pelo grupo de Virgílio Galassi, cronometrada para ser inaugurada próxima à data das eleições de 1982, foi o conjunto habitacional Luizote de Freitas, com 20.000 “casas populares”. A comercialização foi feita depois das eleições, porém antes dela se realizar, listas de eleitores pretendentes a adquirirem as casas foram montadas pelos cabos eleitorais do partido da ditadura condicionando-os a votar nos seus candidatos sob o risco de não a receberem caso eles não vencessem o pleito.

¹¹⁷ “Estádio faz parte do nosso processo de desenvolvimento”. Correio de Uberlândia, Uberlândia, 19 de out. 1982, Caderno 1, p. 01.

¹¹⁸ BURKE, Edmund. *“Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas idéias do sublime e do belo”*. Papyrus Editora e Editora Unicamp. P.77-85.

“Zé Carneiro, tão legal na hora de arranjar as casas pra quem precisava. E o povão com tudo isso na cuca, entrava na sessão rabiscava direitinho o voto vinculado e escrevia Zaire”¹¹⁹

O eterno déficit habitacional brasileiro somou-se proporcionalmente à eterna ambição das oligarquias da construção civil e das imobiliárias de canalizarem a população do campo, expropriada pelos latifúndios, para a periferia dos centros urbanos. Uma demanda crescente em Uberlândia das últimas três décadas do século XX, alimentada pela crescente concentração e especulação de terras do Triângulo Mineiro. Política deliberada do Estado com a finalidade de produzir grandes plantations mecanizadas voltados para a exportação de grãos, para a agroindústria e criação de gado.

Todas estas imagens eram diariamente veiculadas pelo Correio como sendo algo do extraordinário empenho pessoal de Virgílio Galassi assessorado por uma equipe de homens “abnegados” e dedicados ao “trabalho em prol do interesse comum”.

O tom panfletário do jornal Correio de Uberlândia não escondia o apoio total aos candidatos da ditadura nem ao prefeito. Servia como meio de divulgação das realizações da administração municipal e, para completar o quadro de total e irrestrito apoio, o “Correio”, sem cobrar os honorários de publicidade, anunciava em reportagens de primeira página as datas de inaugurações das obras da prefeitura, como por exemplo, na inauguração do Parque do Sabiá. Convocando o “povo” a participar do ritual cívico, anunciava “as autoridades” que estariam participando do ato. O transporte gratuito, para todos que se interessassem em participar do evento e dos sorteios de prêmios, foi uma “cortesia” da “TRANSCOL”, empresa de transporte coletivo urbano de Uberlândia. Normalmente os participantes eram políticos ligados à administração municipal e candidatos à prefeitura e à câmara de vereadores.

¹¹⁹ “Que Cacetada!”, p.08., in: A vida é Assim Mesmo . Coluna assinada pelo jornalista Luiz Fernando Quirino. Correio de Uberlândia. 17/11/82.

“Amanhã, às 9:00 horas, o prefeito Virgílio Galassi estará consumando a parte humanística de sua administração, inaugurando ao lado de políticos, secretários e vereadores,(...) “As pessoas que se interessarem ir ao Parque do Sabiá, não vão pagar sequer passagens de ônibus. A condução será grátis, com os coletivos da TRANSCOL saindo de diversos pontos da cidade, tomando sentido direto para o maior parque de lazer e esportivo do Brasil; o tão decantado Parque do Sabiá.”¹²⁰

Na descrição da programação do ritual cívico podemos observar a fabricação de uma imagem das obras feitas para o trabalhador, considerado o “construtor do nosso progresso e desenvolvimento”. No hasteamento da bandeira nacional e no corte da fita simbólica, a inauguração teria que contar com a presença de um outro símbolo: o “Operário Padrão”. “Representando” o trabalhador, considerado “construtor do nosso progresso e desenvolvimento”, a inauguração da obra era voltada para seu “lazer e esporte”. Para participar da solenidade e usufruir do Parque “aos sábados e domingos”, o trabalhador não precisaria de pagar nenhuma taxa, bastava levar a “carteira profissional de trabalho” e apresentá-la na portaria. No transcorrer da solenidade, o prefeito entregou a “chave do parque” para o operário padrão. Um ato simbólico fabricado para reforçar a imagem de um prefeito que, além de realizar “obras humanitárias”, “entregava a administração” ao “povo” numa postura de desprendimento e desinteresse privado sobre a coisa pública.

“(...) o Parque de Lazer Sabiá, que em fins de semana será o Clube dos Trabalhadores de Uberlândia e de todos os seus familiares. Aos sábados e domingos, os construtores do nosso progresso e desenvolvimento, ao lado dos seus entes queridos, terão livre acesso ao Parque Sabiá, para lazer e esporte, em locais aconchegantes e que foram projetados sob a proteção da natureza.(...)

Ela (a programação) será iniciada às 9:00 h da manhã com o hasteamento da bandeira do Brasil e de Minas Gerais e de Uberlândia. Na seqüência usarão a palavra o Operário Padrão de Uberlândia, José Paulino de Carvalho e o Prefeito Virgílio Galassi. a seguir haverá sorteio dos três principais prêmios. Depois da entrega da Chave do Parque do Sabiá pelo

¹²⁰ “Dezenas de prêmios serão sorteados na inauguração do Parque do Sabiá”, p.01. Correio de Uberlândia. Uberlândia, 06 de novembro de 1982. Ver também no Correio de Uberlândia, ” “Parque do Sabiá será inaugurado Domingo às 9:00 h e com sorteio”, p.01, Uberlândia 05 de novembro de 1982 e “Tudo pronto para a inauguração do clube de lazer dos trabalhadores”, p.01. Uberlândia, 04 de novembro de 1982.

*Prefeito Virgílio Galassi aos trabalhadores, representados na solenidade pelo operário padrão José Paulino de Carvalho.*¹²¹

Não bastava “entregar as chaves do lazer e do esporte” ao trabalhador. Antes da inauguração do Parque do Sabiá, a convocação através do Correio de Uberlândia, também em tom panfletário, para a inauguração do novo prédio da Escola Profissionalizante Américo Renné Gianneti, visava demonstrar preocupação com a “formação” do trabalhador. O convite foi feito em solenidade realizada na ACIUB – Associação Comercial e Industrial de Uberlândia, durante a posse do novo presidente da entidade na época, Celson Martins Borges.

“No encerramento da posse de Celson Martins Borges, falou o prefeito Virgílio Galassi (...)

Convidou os presentes para a inauguração do novo prédio da Escola Profissionalizante Américo Renné Gianneti, no próximo dia 06 de novembro(...)

*Finalizando, Virgílio Galassi (...) colocou-se à disposição da ACIUB, mesmo como empresário e cidadão uberlandense, pois seu mandato de prefeito também está prestes a encerrar, para colaborar nas atividades da entidade, cujo lema, foi, é e sempre será a assistência, o apoio e o progresso da classe empresarial ao próprio município de Uberlândia.*¹²²

A articulação de inaugurações e solenidades simbólicas com o objetivo de reforçar a imagem de uma administração voltada para o “bem comum”, à atuação do reitor da Universidade Federal de Uberlândia na época, Prof. Ataulfo Marques Martins, visava obscurecer através das páginas do “Correio” a luta da maioria dos estudantes e professores universitários contra a ditadura militar e seus representantes.

*“Será inaugurado dia 03 de novembro, pela Universidade Federal de Uberlândia, um conjunto de obras que beneficiarão a comunidade universitária e a população da cidade em geral.”*¹²³

¹²¹ Idem. Correio de Uberlândia, 04/11/82.

¹²² “Na posse da ACIUB Prefeito fez convites para inaugurações”, p. 01. Correio de Uberlândia. Uberlândia, 16 de outubro de 1982.

¹²³ “Na entrevista coletiva o Reitor confirmou inaugurações”. P.01. Correio de Uberlândia. Uberlândia, 30 de outubro de 1982.

A comunidade universitária era tratada, hora como foco de “estrangeiros” que vieram para subverter a ordem da cidade “maravilhosa e progressista”, hora como trunfo de um grupo de abnegados políticos, que através do trabalho incansável na busca do progresso e do desenvolvimento da cidade, haviam colocado Uberlândia no mapa das cidades que possuíam, o ensino superior de excelência e integrado com a comunidade.

Numa matéria publicada na primeira página do “Correio” lê-se em letras garrafas: *“Um prefeito que pode se candidatar até à presidência”*. Esta matéria, segundo o “Correio” teria sido transcrita de outro jornal e escrita por um leitor que nem sabia o nome de Virgílio Galassi, mas já conhecia sua fama de “quem é bom no seu trabalho e faz tudo procurando sempre o melhor para todos.”

“O prefeito de Uberlândia que eu nem sei o nome é digno de respeito e admiração. Quando se entra numa cidade, a gente conhece logo o prefeito, e Uberlândia pode se orgulhar do administrador que tem. É uma das cidades mais lindas de Minas Gerais, super limpa, organizada, bem sinalizada, o que reflete o comportamento da sua população. Um prefeito como este pode se candidatar até a Presidência da República”¹²⁴.

A construção da imagem de um prefeito dinâmico e abnegado fazia parte de uma estratégia para valorizar o personalismo na política. Um “superhomem” com virtudes perfeitas e totalmente voltado para o “bem comum” através de “realizações” duradouras e fundamentais. Ninguém amava mais o “povo” e sua cidade que ele, ninguém possuía um conjunto de virtudes mais corretamente cultivadas e sem desvios do que o “grande prefeito”.

Pesquisas de opinião pública eram publicadas regularmente e com detalhes sobre a preferência do eleitorado em cada bairro, apontando Alceu Santos, um dos candidatos do PDS ¹²⁵, como virtual vencedor das eleições.

¹²⁴ “Um Prefeito que pode se candidatar até à Presidência da República”. Correio de Uberlândia. Uberlândia, 04 nov. 1982. Caderno 1, p. 01.

¹²⁵ Nas eleições de 1982, o eleitor era obrigado a votar em candidatos a governador, a prefeito e a vereador da mesma legenda,. Cada partido poderia escolher vários candidatos a prefeito e o mais votado

*“ A conceituada firma MARPLASA de São Paulo, acaba de concluir uma pesquisa com relação aos candidatos a Prefeito. O resultado final aponta espetacular vitória do vereador ALCEU SANTOS no pleito de 15 de novembro de 1982. Afirma, além dos resultados que vão adiante, constatou os seguintes fatos: 1º) Os candidatos do PDS têm a preferência esmagadora dos moradores dos conjuntos habitacionais Segismundo Pereira, Luizote de Freitas, Santa Luzia, Cruzeiro do Sul e Liberdade; 2º) O candidato Alceu Santos mercê do seu trabalho há longos anos, receberá grande votação tanto dos moradores do centro como dos bairros; O candidato Renato de Freitas é o preferido nas imediações da Rodoviária e imediações do Bairro presidente Roosevelt; 4º) O candidato Zaire Rezende, apesar de ser desconhecido da maioria do povo, tem a preferência por parte ponderável dos estudantes e do clero; (...) Foi confirmado grande prestígio do prefeito Virgílio Galassi, o que vem confirmar a vitória do PDS no pleito municipal de 1982”.*¹²⁶

Após a confirmação da vitória de Zaire Rezende para a prefeitura o desabafo dos candidatos do regime militar contra os que colaboraram para a derrota.

“Bispo e padres socialistas” foram os termos usados por um dos candidatos de Galassi, José Pereira Espíndola, para acusar a Igreja Católica de ser uma das responsáveis pelo fracasso de seu partido nas urnas. O apoio financeiro da Granja Rezende e a acusação de que o “dinheiro estava com o PMDB e não com o PDS” davam o tom de ressentimento da derrota. Numa declaração concedida ao Correio de Uberlândia Espíndola enumera os motivos da derrota:

“Na tarde de ontem, o candidato José Pereira Espíndola, o mais votado do PDS nestas eleições, deu uma entrevista em forma de desabafo ao Canal 8, falando sobre a vitória do Zaire, ao repórter Olívio Calábria.

Espíndola disse que o Zaire chegou a vitória devido a quatro importantes fatores:

1º) a vontade do povo em votar contra o governo, contestando o preço do combustível, dos juros altos e contra a carestia;

2º) Toda a Universidade deu um apoio muito grande ao candidato do PMDB, onde todos os professores e a grande maioria dos alunos e funcionários marchou ao seu lado;

3º) a Igreja Católica, porque o Bispo da Diocese de Uberlândia e os Padres são socialistas como o Zaire, somou assim forças importantes para levar o candidato do PMDB à vitória;

teria além de seus votos os dos outros candidatos de sua legenda somados para compor o quadro final. O candidato e a legenda somados que possuíssem mais votos venceriam as eleições.

¹²⁶ “Pesquisa dá vitória a Alceu”. Correio de Uberlândia. Uberlândia, 28 de outubro de 1982.

4º) *A Granja Rezende, que pagou horas extras aos seus funcionários, deu todo o apoio financeiro ao Zaire (...)*¹²⁷

O editorial do Correio de Uberlândia em apoio às declarações de Espíndola revela a clara posição política partidária do periódico. Destaca a “coragem” do candidato da ditadura e a incompreensão do “povo” em relação à administração de Virgílio Galassi. Mas segundo o editorialista a culpa era novamente da “lavagem cerebral” feita pelas oposições que fizeram-no esquecer as grandes obras realizadas com o apoio do Estado e da Federação. Conclui apelando para que os vencedores observassem que a cidade que “nunca se dividira depois das eleições” e que era preciso incorporarem a “união” em prol do “bem comum” e do “progresso”, colocado em prática pela administração de Virgílio Galassi.

“As declarações corajosas ditas com sinceridade pelo técnico José Pereira Espíndola, candidato do PDS, nas últimas eleições, somaram muitos pontos para este cidadão que tem uma larga folha de serviços prestados à nossa comunidade. (...)

Ninguém até agora, pode contestar as declarações de Espíndola e mui especialmente aqueles que realmente se calaram diante delas, porque a verdade ficou espelhada no pronunciamento do candidato do PDS.

A coragem de Espíndola reflete a realidade da política local, onde, infelizmente, o povo não compreendeu, em sua maioria que a administração feita por Virgílio Galassi, deveria ter sido reconhecida nas urnas. Muita gente votou, trabalhada por uma ‘lavagem cerebral’, que fez com que, inclusive, esquecessem os eleitores o muito que o município recebeu do governo da União e do próprio Estado.

*A sorte está lançada. As declarações de Espíndola foram taxativas e positivas, em relação ao resultado do pleito. Esperamos que agora, os novos governantes venham a sentir que esta cidade nunca se dividiu depois das eleições, e se incorporem, para o bem comum, ao progresso e desenvolvimento que marcamos nesta intocável e expressiva administração de Virgílio Galassi.”*¹²⁸

Antes mesmo do pleito se realizar e de Espíndola “acusar” os “Bispos e Padres socialistas” de serem os responsáveis pela derrota de seu partido nas urnas, os

¹²⁷ “Bispo e Padres socialistas ajudaram também na vitória do Zaire”, p. 01. Correio de Uberlândia. Uberlândia, 18 de novembro de 1982.

¹²⁸ “Política”. P.01. Correio de Uberlândia. Uberlândia, 19 de novembro de 1982.

editorialistas do Correio de Uberlândia já haviam publicado em primeira página uma extensa matéria condenando a posição da Igreja, confundindo, segundo o periódico, política com evangelização. Acusaram os agentes das pastorais da Igreja Católica de usarem um discurso ambíguo, querendo passar uma mensagem através das entrelinhas e de maneira subliminar, que confundia e obscurecia, mais do que esclarecia a opinião pública. A acusação de que tudo não passava de “propaganda subliminar” dos setores progressistas e esquerdizantes da Igreja, evidenciou um ato falho do jornal que só fazia propaganda dos “grandes feitos do prefeito e do regime militar”. Nas linhas da coluna “Opinião”, lia-se:

“O mal que enfraquece a mensagem evangelizadora da Igreja, no Brasil, pelo menos em alguns setores, poder ser caracterizado como vício de ambigüidade. Se até tempos atrás o discurso teológico pastoral estava montado sob o esquema de coerência e objetividade, de sorte a ser um exemplo unívoco de uma mesma doutrina ou visão religiosa do mundo, do homem e da história, agora, ao invés, predomina certa tendência para o ambíguo para a palavra de duplo sentido. Fala-se uma coisa e insinua-se outra.

*A mudança de estilo nada tem de ingênuo. Tem o feito de acidente, de dolo e de embuste. Somente assim a ala progressista e esquerdizante, encastelada em postos-chaves, lograria seus intentos. Isso, porque, em discurso de duplo sentido, alheio às normas cartesianas em prol das idéias claras e distintas, é fácil fazer passar gato por lebre. Numa pauta de linguajar impreciso e polivalente, enquanto se mantém o mesmo veículo semântico e gramatical de comunicação e até se ostenta as mesmas formas doutrinárias em curso e pacificamente aceitas, introjeta-se, de permeio, outra dose de conteúdo estranho. O vocabulário fica inalterado, mas o sentido vai-se modificando paulatinamente. Toma conotações diversas, oposta e, até, contraditória. Destarte, sem choques nem traumas, opera-se a lavagem cerebral de modo indolor, e o resultado será o encaminhamento do arsenal do ideário religioso e evangélico para o fim colimado pelos manipuladores. Tudo acontece, porém, segundo os cânones da técnica da propaganda subliminar”.*¹²⁹

Continuando sua cruzada contra os “falsos profetas da ala esquerdizante” da Igreja Católica, os editorialistas do Correio estabelecem uma relação entre as mensagens evangelizadoras com as idéias de Karl Marx e lamentam a postura “desviante” da Comissão Pastoral da Terra de tratar diferentemente os ricos e os pobres ao santificar os

últimos. Os explorados, para os editorialistas, na ótica da Pastoral estariam “salvos” apenas por serem pobres, enquanto os ricos eram vistos como eternos pecadores.

Pobres, forasteiros, padres socialistas e “vítimas da lavagem cerebral” representavam para os “donos do poder” uma ameaça, na medida que expunham para a sociedade as vísceras da ditadura militar.

“Contudo, coisa diversa está acontecendo por esse Brasil afora. Não faltam ativistas em Comunidades de Base e Comissões de Pastoral da Terra agindo com intenções inconfessáveis. Inoculam, no discurso evangélico, a peçonha das ideologias alienígenas e de politização rasteira. Como assim? Basta ouvir o que dizem. Já não falam mais do “pecado” como situação comum ao gênero humano, partilhados indiferentemente por ricos e pobres. Falam só no pecado do rico. Já o explorado é sempre um santo apenas pelo fato de ser pobre. Assim a salvação redentora de Cristo virou patrimônio reservado para o pobre materialmente. Daí o ativismo social e político medeia só um passo. Karl Marx precedeu a todos nesse passe de mágica. Salvar o homem, a verdadeira religião, está em passar os bens dos ricos para os pobres. E quando o rico está no poder, tem que ser alijado dali e dar lugar ao pobre. Essa cantilena embalou os sonhos de vários povos, agora, estrangulados debaixo da bota de aço dos dominadores de Cuba, Polônia, etc. Conclusão: de nada adianta mudar as estruturas sem mudar o homem”.

Dois dias antes da realização das eleições, os editorialistas do Correio ainda tentavam de forma desesperada reverter o quadro de derrota que se desenhava para os apoiadores do regime militar. Acusavam os ex-banidos e ex-exilados de estarem utilizando exageradamente do passado para arrancarem votos dos eleitores e apontavam para a necessidade de se preocuparem com o futuro, já que o país estava em crise e precisava de “homens competentes” para solucioná-la. A imagem que desejava-se passar dos opositores ao regime era de um bando de pessoas despreparadas e ávidas para ocuparem o poder e portanto sem condições de enfrentarem as exigências do “futuro”. Quando se tratava de enaltecer “os grandes feitos” daqueles que apoiaram o regime, o “passado” se enchia de positividade e tornava-se, sem exageros, a justificativa para qualificar-se os “mais preparados” para resolver os problemas do “futuro”.

¹²⁹ “OPINIÃO”, p. 01. Correio de Uberlândia. Uberlândia, 06 de novembro de 1982.

“(...) Uma coisa a lamentar, na campanha que se encerra, foi ignorada a lei da anistia. Alguns candidatos foram condenados, por posições assumidas, vinte anos atrás, como se, desde então, nada houvesse mudado, neles e no mundo. Outros tentam agora, eleger-se alegando sua condição de ex-preso político, ex-casado, ex-banido. Em suma: cuidam exageradamente do passado, deixando de lado os problemas do presente e ignorando que os homens que serão escolhidos dia 15, terão a incumbência de traçarem os caminhos para o futuro”¹³⁰

É interessante perceber que na mesma edição em que o editorial destaca a importância de se “preocupar com o futuro”, há uma propaganda da empresa de publicidade do grupo ABC Algar - que também é proprietária do jornal Correio de Uberlândia, como já discutido no capítulo anterior – com a seguinte mensagem ocupando uma página inteira: “O FUTURO TAMBÉM SE ELEGE. VOTAR É DECISIVO. COLABORAÇÃO: GRUPO ABC”.

Os editores do periódico criaram uma mensagem subliminar articulando o editorial à publicidade “confundindo” jornalismo com propaganda e deixando claro que apesar de sempre se auto-designar como um veículo de comunicação imparcial, agia como um canal dos grupos que sustentavam a ditadura militar.

Após o término dos trabalhos de apuração eleitoral naquele ano de 1982 pudemos observar que, enquanto esperava-se para a transmissão do cargo, o jornal Correio de Uberlândia ainda manteve-se um fiel propagador de imagens favoráveis ao prefeito Virgílio Galassi, tentando demonstrar a “preocupação” deste com o “futuro da cidade”. O apelo para que prevalecesse a “união”, apesar do poder ter mudado de mãos, evidenciava um certo tom de ameaça àqueles que iriam assumir a prefeitura. Para reforçar a imagem de colaboração e trabalho em prol da “união”, os editorialistas do Correio de Uberlândia apelaram para que o vencedor da eleição municipal desse “continuidade à “admirável obra” do ex-prefeito. Quando Zaire é citado como um homem “bom e humano” e ligado a uma das “famílias mais tradicionais” de

¹³⁰ Idem.

Uberlândia, percebe-se um certo tom de intimidação velada, como se o novo ocupante da cadeira do executivo fosse promover algum “desvio” dos rumos traçados pelas “tradicionais” famílias uberlandenses que tanto “amavam” a cidade e seu “povo”. É possível perceber também que, o jornalista do “Correio”, ao se utilizar da expressão “novo na política” e “oportunidade” de ser um “bom administrador”, revela nas entrelinhas sua intenção de passar uma imagem de que até então a cidade teria sido muito bem administrada por políticos experientes, que por sua vez também teriam ligação com os “valores tradicionais” locais.

“Cidade Espera que Zaire dê continuidade à obra admirável de Virgílio Galassi.

Em Uberlândia, foi dele (PMDB) a vitória e nossa cidade passará a ser governada e dirigida pelo Dr. Zaire Rezende, até agora totalmente desligado da nossa vida política.

Mas é um uberlandense, médico de renome, bastante conceituado, considerado um homem bom e humano, ligado a uma das famílias mais tradicionais e estimadas em nossa sociedade.

Está nas suas mãos a oportunidade de ser um bom administrador e um grande político, porque é um político novo na vida municipal.”¹³¹

Dando continuidade à matéria, o jornalista deixa evidente que os novos ocupantes da prefeitura seriam muito “facilmente respeitados e aplaudidos” se não colocassem em primeiro lugar seus rancores e ódios revanchistas. Os sentimento de ódio nunca teria ocorrido na política local, segundo o jornalista, sendo apenas constatado pequenas divergências pessoais. O simples fato de se ter demonstrado a preocupação com a possibilidade de afloramento desses sentimentos na política, demonstra que ele já estava existindo, principalmente por parte daqueles que foram responsáveis pela sustentação da ditadura militar. Era muito comum naqueles tempos o apelo contra o “revanchismo” na política. Significava uma ameaça velada contra qualquer um que

¹³¹ Cidade espera que Zaire dê continuidade à obra admirável de Virgílio Galassi, p12. Correio de Uberlândia. Uberlândia 19 de novembro de 1982.

ousasse “abrir as feridas” e procurar alguma reparação sobre os danos causado às vítimas da ditadura e à democracia.

“Muito fácil lhe será ser respeitado e aplaudido, pois não tem rancores, não tem ódio e nem malquerenças. (...) Dentro dela, salvo pequenas divergências pessoais, a política nunca deixou ódios, nem raivas, nem brigas. Pode pois, o novo Prefeito espargir a sua mocidade, o seu entusiasmo, o seu trabalho, com o mesmo empenho continuando a obra admirável de Virgílio Galassi. Este deve ser o pensamento brasileiro, procurando todos construir e amar o Brasil, com o mesmo amor.”¹³²

Segundo Pierre Ansart, a afetividade está presente em tudo na história, inclusive na política. Ódios, invejas, desejos de vingança são uma constante na história da política. A política enquanto território exclusivo da razão foi um desejo presente no pensamento ocidental desde os primeiros escritos sobre o assunto. Justamente porque se identificava a forte influência dos sentimentos nas ações ditas “políticas” desejou-se ocultá-los.

*“Poderíamos nos perguntar se a ocultação da afetividade política não seria um aspecto das ideologias contemporâneas dominantes: a ideologia do capitalismo que tende a desvalorizar tudo que não **relève** a produção nem o consumo de bens materiais; a ideologia cientificista que tende a desvalorizar ou a negar a importância das relações não redutíveis ao saber racional. O desconhecimento da afetividade política poderia também representar uma das ocultações ligadas ao mito da racionalidade do político”¹³³.*

O recurso da utilização de velhos símbolos de “união patriótica” e a defesa destes como se fossem propriedade exclusiva daqueles que estavam sendo derrotados nas urnas, aparece com destaque na matéria analisada. A idéia do conceito de “crise” também foi amplamente usado e apropriado como uma “crise” de todos e de tudo. A “crise” do regime militar significava uma vitória para a sociedade civil que se organizava para derrubá-lo através de gigantescas manifestações de rua. A “crise” econômica, que prejudicava a “todos”, era fruto de um modelo econômico que visava a

¹³² Idem.

adequação do país às novas exigências internacionais de reprodução do capital e portanto resultado da própria política adotada pelo regime. A palavra “crise” se tornou amplamente utilizada por todos os segmentos políticos e, os grupos que estavam encastelados no poder, utilizavam-na como um recurso simbólico para canalizar as angústias dos indivíduos a seu favor, tentando ocultar, através do auxílio da mídia, qualquer responsabilidade com a má gestão da coisa pública exercida por eles.

Na matéria jornalística que estamos analisando é possível a articulação daqueles “velhos símbolos” da pátria como por exemplo, a bandeira nacional e o apelo pela “união” e ao “amor”, como remédios para a “crise”. A utilização da imagem de que a “crise” era mundial e que não estaria ocorrendo só no Brasil, serviu para amenizar a responsabilidade sobre ela dos “grandes homens” que trabalhavam com “abnegação” em favor do “bem comum” e a felicidade do “nosso povo”.

*“A hora nacional não é fácil; ao contrário, dentro da crise que sacode vários países, também nós estamos sofrendo as conseqüências dessa crise. É preciso que os brasileiros se aproveitem da abertura política e se encontrem dispostos à mesma luta: - erguer o Brasil, dar-lhe o grande e primeiro lugar entre os povos do mundo. Hoje é dia da bandeira do Brasil; que todos os olhos se voltem para ela, todos os beijos lhe sejam jogados, e todas as palmas lhe sejam batidas. Fique ela tremulando sobre nossas cabeças e nossas cidades, especialmente sobre Uberlândia, certa de que nossos pensamentos e nosso trabalho hão de ser, serenados os espíritos e procurando o bem comum, apenas para a grandeza de nossa terra, e felicidade e a harmonia de nossa gente, o bem estar do nosso povo.”*¹³⁴

Com a aproximação da transmissão do cargo de prefeito o jornal noticia o encontro de Virgílio Galassi com Zaire Rezende. Novamente o Correio de Uberlândia promove a imagem de Galassi como se a cidade estivesse perdendo o que havia de melhor em administração pública, sem se preocupar em esconder sua posição ou aparentar neutralidade no trato da informação jornalística. O tom panfletário continuou a

¹³³ ANSART, Pierre. A Gestão das Paixões políticas. O mal estar ou o fim dos amores políticos?” Trad. Jacy Alves de Seixas, p. 01.

¹³⁴ Idem, ibidem.

prevalecer e a valorização personalista da imagem de Galassi fez o jornal novamente apresentar um ato falho, “confundindo” a “coisa pública” com a “coisa privada”. A matéria que relata o encontro entre os dois, poucas semanas antes da efetiva transmissão do cargo, dava a impressão que o prefeito Galassi estava recebendo o futuro prefeito nas dependências de sua própria casa. Parecia que alguém estaria entregando as chaves de sua propriedade para ser cuidada por um estranho. Desconfiado do que poderia acontecer de mal à ela, temos a imagem de um “guardião” que “resolveu abrir as portas da Prefeitura Municipal para o seu sucessor”. Um momento de confusão inconsciente que revela nas entrelinhas o verdadeiro sentimento daqueles setores que apoiaram a ditadura desde o início e estavam sendo desalojados do poder através de um processo eleitoral.

“Homem público que jamais saiu de sua retidão de caráter, que ninguém pode negar, o Prefeito Virgílio Galassi, resolveu abrir as portas da Prefeitura Municipal para o seu sucessor (...) Ontem Virgílio esclareceu a imprensa, como aconteceu a visita que Zaire Rezende lhe fez na Sexta feita passada: “Foi uma visita muito amiga. Tivemos oportunidade de discutir todos os assuntos, quando coloquei à disposição do Dr. Zaire, a partir de ontem, segunda feira, a Prefeitura Municipal, se ele assim o desejar, para colocar em todos os setores os homens que serão de sua inteira confiança, quando assumir os destinos de Uberlândia. (...)”¹³⁵

A imagem de que a transmissão estaria sendo efetivada num clima de cordialidade e harmonia visava obscurecer os ressentimentos daqueles que “não entendiam” porque o “povo” não compreendia tantas realizações e obras em prol do “bem comum”, feitas com “forte apoio do Estado e da União”.

“A transferência do cargo, dentro dessa cordialidade que já passou a existir, deverá ser muito amiga e muito tranqüila, me parecendo muito bom para a cidade que todos nós amamos e desejamos fazer crescê-la sem

¹³⁵ “Virgílio dá as mãos a Zaire pensando no bem-estar de todos”,p.01. Correio de Uberlândia. Uberlândia, 14 de dezembro de 1982.

*ressentimentos, ódios ou máguas, permitindo assim um gesto nobre, que há muito não acontecia na comunidade”.*¹³⁶

No comentário traçado pelo jornalista do Correio de Uberlândia Luis Fernando Quirino sobre o encontro de Virgílio Galassi e Zaire Rezende, em sua coluna diária, “A vida é assim mesmo”, a imagem construída foi de uma absoluta harmonia entre os dois. Ao contrário do que havia acontecido na transmissão anterior, entre Renato de Freitas e Virgílio Galassi, a constatação feita pelo jornalista era de que havia até um certo “continuísmo” na situação daquele momento. Numa das passagens de sua descrição do que teria sido o encontro, segundo suas fontes, o jornalista declara que a prefeitura colocara à disposição dos novos ocupantes da máquina do município um dossiê descrevendo sua situação financeira sem que com isso fosse preciso provocar uma devassa nas secretarias.

“Se, digamos, Renato de Freitas tivesse sido eleito, haveria este choque, inevitável, pela própria tradição do “derby” Virgílio X Renato. Creio, numa certa análise minha, pessoal, que Renato encontraria mais defeitos na administração de Galassi do que qualidades. Até obras poderiam ser paralisadas e convênios cancelados. (...)

Estou citando este exemplo, data vênua, para demonstrar como há um elo de continuidade na administração municipal, provocado por Zaire Rezende.

Ele se nega a ser o espanhol da velha anedota e prefere, pelo menos nos próximos seis meses, analisar a situação administrativa da cidade, sem cortar o fluxo de obras ou organogramas em andamento. (...)

Cada um das secretarias está fazendo um relatório completo de suas atividades a partir de 1976, contando em minúsculas o que foi feito e o que estava sendo programado.

*Esse dossiê vai ser entregue à equipe de Zaire Rezende evitando (se esse fosse o caso, mas não é) a necessidade de uma devassa nas secretarias, para ficar por dentro de todos os assuntos.”*¹³⁷

Em entrevista concedida ao Correio de Uberlândia Virgílio Galassi tece suas observações sobre as razões da derrota sofrida nas urnas. Para amenizar a vitória do adversário o prefeito admite que a divisão dos “votos conservadores” é que na realidade

¹³⁶ Idem.

¹³⁷ “O encontro Virgílio-Zaire”, p.12. Correio de Uberlândia. Uberlândia, 14 de dezembro de 1982.

levaram Zaire ao poder. Não teria sido o mérito do vencedor mas uma divisão entre os representantes dos grupos conservadores, a verdadeira razão da derrota. Consta que a somatória dos votos recebidos pelos candidatos conservadores, juntos superavam os recebidos por Zaire, que eram considerados por ele, “votos plebiscitários” e “votos de protesto”, do “SIM ou NÃO”. Contraditoriamente, ao responder uma pergunta do repórter se “houve uma traição do povo contra o governo” devido às suas constantes afirmações de que o “povo não havia entendido as suas ações”, afirmou que o voto plebiscitário ou de protesto não significou uma desaprovação ao seu governo e sim que os “estado emocional” do “povo” é que determinou a sorte das eleições porque, ainda segundo Galassi, “o povo não trai ninguém e age apenas de acordo com seu estado emocional”. Tal afirmação é um flagrante de desqualificação do “povo”, enquanto agentes possivelmente preparados para a participação política, porque a participação política deveria ser, sob seu ponto de vista, um ato exclusivamente da razão e nunca da emoção. A massa seria capaz apenas de se emocionar e portanto sempre refém do erro, enquanto aqueles que representavam os “verdadeiros valores da família uberlandense” estariam preparados para agir racionalmente pelo “bem comum”. Uma oposição bastante útil para justificar o poder estabelecido e desqualificar os opositores, estes sempre “motivados pelo ódio e a revanche”. De um lado a imagem dos que usam a razão e “amam a cidade e seu povo”, contraditoriamente aliás, porque a expressão amor à Uberlândia era constantemente usada. De outro aqueles que agem com a “emoção” e portanto são incapazes de participar. Isto evidenciava uma expressão da violência simbólica utilizada pelos detentores dos meios de produção políticos para desqualificar seus adversários com um recurso simplista, mas usado recorrentemente. Existiriam aqueles que “amavam a cidade” e aqueles, que não estando ao seu lado, “não amavam-na”. O slogan, “ame-o ou deixe-o”, utilizado pelo regime militar no auge da

repressão para insinuar que os brasileiros que faziam oposição ao governo não amavam o Brasil, continuava sendo usada de uma maneira “reciclada”.

“Pergunta – Então não houve traição do povo contra o governo?”

*Resposta - Não. O povo não trai ninguém. Eu acho que o povo se manifesta de acordo com o seu estado emocional. E os estado emocional do povo foi realmente, sob certo aspecto, negativo. E nós tivemos nas eleições passadas dois tipos de votos: o voto conservador que teve maioria muito expressiva. Toda a votação do PDS foi conservadora . e também do PMDB, nós tivemos a votação em favor do Dr. Renato Freitas e do Dr. Aldorando Dias de Souza, com o voto conservador. Isso quer dizer que a soma dos dois com os votos do PDS, dá ao grupo conservador de Uberlândia, uma maioria expressiva. No entanto, nós perdemos as eleições, porque parte dos votos conservadores se somaram com os votos plebiscitários, que foram dados ao Dr. Zaire, que representou nas eleições o voto de protesto, o voto do SIM ou NÃO”.*¹³⁸

Passados quatro anos após as eleições municipais de 1982, o país vivenciou mais um processo eleitoral. Em 1986 a eleição de deputados constituintes serviu como preparação do terreno para um novo pleito municipal e estadual. Aqueles que desejavam voltar ao poder municipal teriam que angariar votos para deputado e mantê-los como uma “reserva” depositada com vistas à próxima eleição. Para isso a reprodução e reciclagem das imagens costumeiramente usadas pelos grupos que haviam sido derrotados em 1982 foram novamente utilizadas tendo em vista todas as circunstâncias vividas pelo país naquele momento. Os movimentos sociais se fortaleciam e ocupavam cada vez mais espaços, principalmente aqueles que se uniram contra a ditadura.

Para fazer frente ao fortalecimento dos segmentos que fizeram oposição ao regime militar vimos surgir a UDR, União Democrática Ruralista e o apelo à símbolos de amores patrióticos à terra e às tradições rurais do interior brasileiro, especialmente o mineiro.

¹³⁸ “Com o voto conservador dividido Zaire chegou ao poder”. Correio de Uberlândia. Uberlândia, 23 de novembro de 1982.

Novamente pudemos constatar a colaboração integral do jornal Correio de Uberlândia à este movimento e aos candidatos que apoiaram a ditadura militar, apesar da sua direção ter sido mudada em 1986, com a transferência da maioria de suas ações para o grupo Algar, de propriedade do Comendador Alexandrino Garcia. Na realidade a transferência das ações foi uma jogada empresarial para permitir que a Gráfica SABE, pertencente a Companhia Telefônica do Brasil Central, pudesse adquirir um vantajoso financiamento governamental para a aquisição de um maquinário mais moderno, importado dos Estados Unidos. Como já discutido no capítulo anterior, no governo do presidente José Sarney foi criado um “incentivo” para que os jornais pudessem importar novos equipamentos para suas gráficas. Somente jornais poderiam adquirir o financiamento para a importação do maquinário gráfico. Para que a Companhia Telefônica do Brasil Central o adquirisse e ao mesmo tempo o Correio se “modernizasse” e, acima de tudo, se preparasse para apresentar seus candidatos nas próximas eleições, foi efetuada a transferência das ações de Agenor Garcia para Alexandrino Garcia. Dessa forma a Gráfica SABE se tornou uma das maiores gráficas do país e o Correio se adequou tecnologicamente para o “futuro”.

Nas páginas do Correio, ficaram registradas em 03 de setembro de 1986, a transferência das ações de Agenor para Alexandrino. O texto procurou pintar a imagem de um jornal “sério e confiável” que procurava mostrar “os feitos e as coisas desta Uberlândia”, desvencilhadas de qualquer interesse privado que pudesse perpassar a transação acionária.

“No final da última semana , o empresário Agenor Alves Garcia, que é diretor da Central Chevrolet, negociou 47% da Gráfica e Publicidade “Correio de Uberlândia” com a ABC SABE. Vai deixar agora o cargo de diretor presidente do nosso jornal que ocupou por mais de 20 anos, procurando fazer da nossa empresa jornalística, um veículo de divulgação

*sério, confiável e especialmente mostrar os feitos e as coisas desta Uberlândia que ama e promove além das fronteiras brasileiras (...)*¹³⁹

A mudança na direção do jornal procurou amenizar o tom panfletário usualmente utilizado até então mas não mudou a sua disposição em continuar sendo o porta voz dos interesses dos grupos conservadores de Uberlândia.¹⁴⁰

Durante o processo eleitoral de 1986, nos dois meses que antecedem o pleito, o jornal mantinha um espaço na página três do primeiro caderno denominado “Tribuna Livre”, onde apresentava a proposta de oferecê-lo a todos os candidatos de todos os partidos. Porém o que se verificou foi uma predominante exposição de matérias, entrevistas e reportagens sobre os candidatos dos partidos que compunham em seus quadros aqueles que apoiaram a ditadura militar e que foram o alvo das críticas mais contundentes durante os anos recentes anteriores. No entanto, não se via mais a superexposição creditada à Virgílio Galassi. A linguagem mediática também é feita de silêncios, quando as circunstâncias o exigem. Uma superexposição poderia fazer lembrar o que queria que se esquecesse, ou seja, os vínculos com o regime militar.

No entanto, a reciclagem das imagens destes segmentos foram projetadas pelo Correio como uma “novidade”. O lançamento da UDR, União Democrática Ruralista, em Uberlândia, foi preparada pelo jornal com um destaque privilegiado. Ao mesmo tempo em que o processo eleitoral se desenrolava, lia-se na primeira página do Correio através do editorial do novo diretor empossado, Arly Trindade, elogios à entidade que surgia. As imagens de um “ruralismo” associado ao “movimento municipalista” revelavam que, apesar da constituinte apontar para discussões sobre a reforma agrária, a reação

¹³⁹ “NEGOCIOU A PARTE DO LEÃO”, p. 01. Correio de Uberlândia, 03 de setembro de 1986.

¹⁴⁰ “GRATIFICAÇÃO QUE SÓ OS NOBRES PODEM SENTIR. DIA PRIMEIRO DE OUTUBRO ARLY TRINDADE SERÁ NOVO DIRETOR RESPONSÁVEL DO CORREIO”, p.01. Correio de Uberlândia, 30 de setembro de 1986.

dos grandes proprietários de terras era a de manter a qualquer custo o latifúndio no Brasil.

“Ruralismo e municipalismo” seriam faces de uma mesma moeda, na medida que revelariam a “essência” do Brasil, composto por quase quatro mil municípios. A força do Brasil estaria no interior e, se apropriando das palavras de Ruy Barbosa, o editorialista do Correio escrevia:

*“Ruy Barbosa dizia que a Pátria é a família amplificada. Podemos atualizar, dizendo que a Pátria é o município ampliado, é a soma de quase 4.000 municípios que formam o nosso imenso Brasil. Isto é importante porque o ruralismo guarda dentro de si os ideais do municipalismo. Não existe municipalismo de capital, o verdadeiro ruralismo está no interior de nossa pátria. Agora é a hora de todos os ruralistas se reunirem para o fortalecimento da classe, os anseios, aspirações, suas reivindicações, tudo aquilo que possa interessar, individual ou coletivamente”.*¹⁴¹

A imagem de pequenos rios que nascem nas montanhas de Minas e se confluem para formar os mais caudalosos rios “genuinamente” brasileiros foi utilizada como recurso do editorialista para dar uma legitimidade ao movimento, comparadas à inexorável força da natureza. Segundo o jornalista, da mesma maneira que de Minas nascem os grandes rios, também surgem as “grandes correntes de pensamento político brasileiro”. A imagem de “força” atribuída à “classe produtora”, se contrasta com a serenidade dos mineiros em geral. O mineiro seria pacífico como rios serenos que formam lagos calmantes. Serenidade e força simbolizando a temperança e a determinação para dizer que, apesar da tensão vivida no campo, encaradas como “provocações” aos latifundiários, estes agiriam com equilíbrio. No entanto, naqueles tempos o número de trabalhadores e sindicalistas rurais assassinados por matadores de aluguel não parava de

¹⁴¹ TRINDADE, Arly. “A FORÇA DAS IDÉIAS EM OPOSIÇÃO `AS IDÉIAS DA FORÇA. O RURALISMO TRAZ DENTRO DE SI AS SEMENTES DO MUNICIPALISMO”, p.01. Correio de Uberlândia. Uberlândia, 25 de outubro de 1986.

subir, e o que menos se via era a imagem de “serenidade” reivindicada pelo editorialista, como símbolo do “ruralismo”.

“Ao tornar-se uma força, o RURALISMO passa a ser respeitado e temido. O temor gera desconfiança, a desconfiança o medo, a insegurança. Desvios naturais deverão ocorrer nesta fase inicial da implantação do RURALISMO, algo de mais belo que está acontecendo nos últimos anos no Brasil. São as forças vivas do interior que se agrupam para formar um Brasil maior. Ruralismo e municipalismo são dois rios que se unem. Daqui nascem os grandes rios brasileiros. Do nosso Estado nascem também as grandes correntes de pensamento político brasileiro. Minas Gerais sempre foi e sempre será a grande fonte dos mananciais da democracia. Minas Gerais é um estado de BRASIL por todos os lados. Gente humilde, simples, de caráter pacífico. Capaz de resistir com calma às mais duras provocações, mostrando sempre o dom do equilíbrio e serenidade. Os mineiros são iguais àqueles rios calmos e serenos que vão se ajuntando, formando um grande lago. Quando chega na época da enchente, torna-se caudal irresistível, descendo as montanhas em direção ao mar, onde sempre chegou. Esperamos que a serenidade dos mineiros venha a dar o tom de equilíbrio aos arroubos e bravatas inseqüentes de certos patricios. Minas sempre esteve presente nas horas críticas do Brasil, estamos longe de vendavais, embora nuvens negras venham pairar sobre o céu azul de nossa pátria”.¹⁴²

Continuando sua apologia ao “ruralismo”, o jornalista editor do Correio apresenta-o como uma “excelente idéia” que nada tem haver com a “imagem de uma entidade reacionária” que objetivava combater a reforma agrária. O ruralismo seria uma solução para a crise vivenciada pelo país, na medida que colocaria em prática um novo diálogo com o governo fazendo-se pelo respeito à “força das idéias” em detrimento da “idéia da força”. Para que aquela “imagem de uma entidade reacionária” fosse “corrigida” seria preciso uma “divulgação real” da nova entidade que surgia. Certamente foi o jornal Correio de Uberlândia, um dos veículos que contribuiu para construir a “imagem real” do ruralismo, divulgando suas idéias e os integrantes de sua estrutura.

“A UNIÃO DEMOCRÁTICA RURALISTA ainda não tem um rosto definido, apenas percepções pessoais, mais subjetivas, altamente influenciadas pelos setores da esquerda que desejam vender a IMAGEM de uma entidade reacionária visando combater a reforma agrária. O discurso filosófico, metas e objetivos, planos de ação ainda estão meio nebulosos e precisam ter uma divulgação real desta nova aliança que está surgindo.

¹⁴² Idem.

*Acredito que o partido ruralista está em fase embrionária e depois de 15 de novembro, com a implosão de quase todas as agremiações partidárias ele terá sua gestação normal, podendo nascer gêneros robustos; ruralismo e municipalismo.*¹⁴³

A negação de qualquer possibilidade de se evidenciar uma conotação emocional ou “discursos pictóricos” ao movimento ruralista, aparece como observação fundamental e de legitimação. Se afastados estes “inconvenientes” o Brasil estaria fadado a cumprir sua missão de se tornar uma potência e líder do Terceiro Mundo.

*“Esperamos que no RURALISMO se encontre o mesmo espírito de profissionalismo que se encontra no SINDICALISMO, para que as idéias sejam frutificadas para o diálogo com o governo seja restabelecido, fazendo respeitar, não pelo direito da força, mas pela força das idéias, alicerçadas em agrupamentos sólidos e sadios, desprovido de conotação emocional e belos discursos pictóricos. Enfim um RURALISMO PROFISSIONAL, com a bandeira do municipalismo, para conduzir o Brasil como potência e líder do Terceiro Mundo.”*¹⁴⁴

No mesmo dia em que o texto acima foi publicado em primeira página e com destaque pelo periódico, também na primeira página foi publicado uma pequena nota, em letras maiúsculas, remetendo o leitor para uma entrevista concedida pelo presidente do Sindicato Rural de Uberlândia naquele período, Odelmo Leão Carneiro, demonstrando as propostas da UDR.

*“PRESIDENTE DO SINDICATO RURAL FAZ ABORDAGEM SOBRE UDR. ODELMO LEÃO CARNEIRO, GRANDE LÍDER RURAL BRASILEIRO CONCEDE TAMBÉM ENTREVISTA AO SEU JORNAL CORREIO DE UBERLÂNDIA”*¹⁴⁵

Ainda em pleno processo eleitoral, no espaço “Tribuna Livre”, dedicado à divulgação das idéias de “todos os candidatos e partidos”, podemos ler a divulgação de uma nota distribuída pela assessoria de comunicação da TFP, Tradição, Família e Propriedade, contra a reforma agrária.

¹⁴³ Idem.

¹⁴⁴ Idem.

¹⁴⁵ Correio de Uberlândia. Uberlândia, 25 de outubro de 1986.

*“Em entrevista a emissoras de rádio e televisão, no dia 20 de outubro, o prof. Plínio Corrêa de Oliveira declarou que a ‘TFP tem a alegria de registrar o dia de hoje como sendo de grande atuação no maior centro cultural de toda a América do Sul, que é a cidade de São Paulo’. Com efeito continuou o insigne pensador católico em sua luta contra a reforma agrária socialista e confiscatória, a TFP colocou em ação no dia de hoje, 575 sócios e cooperadores, atuando no centro de São Paulo”.*¹⁴⁶

Ao final da nota e dos comentários sobre o evento organizado pela TFP, o jornalista do Correio esclarece que o periódico abriu espaço para a entidade com o mesmo espírito de isenção e dever informativo que motivou-o a denunciar a destruição dos cartazes de candidatos comunistas a deputado estadual e federal.

No entanto, não era possível de se ler, através do Correio de Uberlândia, sequer uma linha sobre o ponto de vista dos defensores da reforma agrária, em Uberlândia ou no Brasil de uma maneira geral.

“Nota da Redação:

Assim como noticiamos um release que nos foi enviado pelos comunistas de Uberlândia, no lamentável episódio de pichação e destruição dos cartazes dos seus candidatos, o que repudiamos de público, vamos divulgar a matéria que nos foi enviada pelo serviço de imprensa da TFP – Tradição, Família e Propriedade. A TFP esteve divulgando um estudo do polêmico prof. Plínio Corrêa, a respeito do controvertido tema: REFORMA AGRÁRIA. Neste trabalho ele procurou demonstrar que a reforma agrária, nos moldes em que está sendo implantada levará a miséria ao campo.

O Jornal O Correio de Uberlândia não comunga e nem ataca as referidas idéias. Apenas, no exercício salutar de democracia, publica o texto acima”.

¹⁴⁷

Uma semana mais tarde a publicação em primeira página, com destaque, de uma reportagem sobre o início da atuação da UDR em Uberlândia, juntamente com uma Carta da entidade à população da cidade. Nas entrelinhas da carta a revelação de um sentimento de humilhação “de uma classe sofrida e trabalhadora”.

“Dar a César o que é de César simboliza, no texto bíblico, uma profunda afirmação quanto aos direitos fundamentais do homem. A UDR, entidade

¹⁴⁶ “Reforma Agrária leva miséria ao campo e à cidade”, p.03. Correio de Uberlândia. Uberlândia, 05 de novembro de 1986.

¹⁴⁷ Idem.

que nasceu de um ideal, nasceu para ocupar o espaço vazio deixado pela Confederação Nacional de Agricultura. Não representa e nunca pretendeu representar a única verdade de uma classe sofrida e agora tão humilhada embora seus argumentos estejam na força do trabalho, na lucidez de defender seus princípios e na personalidade marcante daqueles que não se curvam diante das adversidades.

Afirmando ser adepta de uma reforma agrária que respeitasse a propriedade privada, ataca a “manipulação da reforma agrária por ideologia estranhas às convicções cristãs”. A imagem de uma cruzada contra toda e qualquer ideologia, fosse ele de direita ou esquerda, tenta obscurecer a secular vinculação da “nova entidade” com a estrutura fundiária brasileira. Ao afirmar que na entidade todos seriam iguais, tenta manipular o símbolo da igualdade obscurecendo as diferenças entre o pequeno e o grande proprietário de terras. A entidade se propõe ser a liderança da salvação nacional.

A UDR é a favor de uma reforma agrária justa e pacífica que respeite a propriedade e a iniciativa privadas, mas é visceralmente contrária à sua manipulação pelos adeptos de ideologias estranhas às convicções cristãs do povo brasileiro!

A UDR não tem compromissos nem com a direita nem com a esquerda e com eles também não se identifica!

A UDR é uma entidade aberta aos homens do campo, sejam eles pequenos, médios ou grandes produtores rurais, não importa, no seu quadro de associados todos são iguais!

*A UDR, respeitando as demais entidades de classe, surgiu para nos dar um alento nesta jornada cívica de redenção nacional fazendo com que o homem do campo ocupe também, no conceito da sociedade brasileira, o seu legítimo lugar tantas vezes usurpado por aqueles que não querem e não sabem dar a César o que é de César! Sala de reuniões, 11 de novembro de 1986”.*¹⁴⁸

Ao longo de um processo eleitoral para operar uma reforma constitucional, o jornal Correio de Uberlândia procurou divulgar o movimento de formação da UDR dando ampla cobertura e espaços para que seus membros divulgassem suas idéias enquanto não pudemos verificar, por outro lado, que os defensores da reforma agrária se manifestassem com igualdade de condições. Pelo contrário, em muitas ocasiões

procurou desqualificar o “outro lado”, apesar de divulgar que agia de maneira democrática ao divulgar com isenção os acontecimentos políticos.

Em meio às cartas e apologias ao ruralismo, uma nota curiosa sobre a estréia do filme “Rosa Púrpura” que abordava o racismo contra os negros nos Estados Unidos do início do século XX, revela a tônica das imagens que o jornal construía por associação. Na primeira página, às vésperas das eleições de 15 de novembro, em lugar de destaque no alto ao lado direito lia-se: *“Uberlândia que já foi chamada de Moscou brasileira, jamais será chamada de África do Sul”*.¹⁴⁹ Associar racismo com comunismo pretendia passar a imagem de que o comunismo seria tão injusto quanto o racismo, ao mesmo tempo que servia para obscurecer o passado escravocrata dos latifundiários brasileiros.

Após os resultados terem sido divulgado pelo TRE, Tribunal Regional Eleitoral, constata-se mais uma vez, nas palavras de Virgílio Galassi, imagens semelhantes àquelas divulgadas pelo diretor responsável do Correio e pela direção da UDR de Uberlândia. A necessidade de se administrar o país com a “simplicidade” que se administra sua própria família, mais uma vez revela-se uma evidência que para os novos coronéis, a coisa pública ainda era “confundida” com propriedade particular e o governo com o despotismo do “pater familia” greco-romano. Com uma foto imponente ocupando um quarto da primeira página do Correio, via-se o retrato de Virgílio, com um semblante sério ao mesmo tempo humilde e com seu olhar de homem devotado. Na legenda da foto lia-se suas próprias palavras:

“Enquanto não estivermos caminhando juntos com a responsabilidade, estaremos caminhando para as buscas de soluções sociais. A Constituinte deve ser tão precisa e tão perfeita que atenda perfeitamente a todos os anseios do povo brasileiro (...)

¹⁴⁸ “UDR de Uberlândia começa a atuar”, p.01. Correio de Uberlândia. Uberlândia, 13 de novembro de 1986.

¹⁴⁹ Correio de Uberlândia. Uberlândia, 14 de novembro de 1986.

*O governo só é governo se na verdade ele for a continuação da família (...) o país costuma pecar exatamente por não dirigir com simplicidade”.*¹⁵⁰

Na continuidade do texto as críticas ao socialismo e à “ilusão do povo com revolução”, evidenciava algumas construções neoliberais ao afirmar que é no aumento da “riqueza” privada que haveria solução para a crise. A imagem do bolo que deveria crescer para depois ser dividido lembrava os tempos mais duros da ditadura, quando o ministro Delfin Neto ia aos jornais e à televisão justificar porque grande parte da população estava passando fome se o país estava passando por um “milagre econômico”.

*“O país tem muito que aprender com o pleito. O voto é um instrumento muito sério mas infelizmente o povo ainda está com a revolução na cabeça. Nós temos que analisar que o socialismo está sendo abandonado por vários países. No Brasil o povo ainda está iludido com o socialismo. Tudo o que vai se fazer é em função do social (...) o antídoto para a pobreza é a riqueza. Não podemos enganar, tirando dos que tem para os que não tem, dessa forma não vamos construir nada. Porém se construirmos a riqueza teremos quantidade suficiente para distribuí-la a quem não tem, gerando e criando empregos e ampliando as oportunidades para todas as famílias’, disse o deputado”*¹⁵¹

Nenhum outro candidato teve tanto destaque como Virgílio Galassi, a não ser Chico Humberto, denominado “papa votos”¹⁵² que, eleito pelo PDT, assumiria a liderança do movimento separatista do Triângulo Mineiro na Constituinte de 1987, depois que foi lançada uma emenda para a redivisão territorial do país¹⁵³.

¹⁵⁰ “Virgílio, deputado federal”, p.01. Correio de Uberlândia. Uberlândia, 29 de novembro de 1986.

¹⁵¹ Idem.

¹⁵² “Chico Humberto um legítimo representante do povo”, p. 01. Correio de Uberlândia. Uberlândia, 27 de dezembro de 1986.

¹⁵³ É sempre possível perceber na história do Brasil, propostas de redivisão territorial do país nos momentos em que a constituição passa por reformas. Em 1930 Washington Luís, representante da oligarquia cafeeira de São Paulo, pediu estudos que viabilizassem a separação do Triângulo Mineiro em atendimento aos pedidos dos organizadores do movimento em Uberaba.

Em 1948, após a queda de Getúlio Vargas e uma reforma constitucional em 1946, uma nova tentativa de organizar o movimento ressurgiu através do deputado uberabense Mário Palmério, do PTB. Em 1967, os militares deformaram a constituição com o objetivo de perpetuarem-se no poder, e para isso precisavam do apoio político de civis. Para atenderem aos interesses de manutenção da vinculação do Triângulo ao Estado de Minas Gerais e ao mesmo tempo conciliarem o apoio de civis ao regime indicaram um representante do Triângulo Mineiro ao governo do Estado.

Em 1987, depois que o último presidente militar deixou o palácio do Planalto, foi instituída uma Assembléia Nacional Constituinte, e uma nova rodada de negociações e barganhas políticas possibilitou que o separatismo ressurgisse em meio à uma tumultuada reforma constitucional, marcada por uma

É interessante perceber que durante a campanha para deputado constituinte não foi possível ler, no Correio de Uberlândia, nenhuma proposta de Chico Humberto ou de outro deputado da região a favor da desanexação do Triângulo Mineiro de Minas Gerais.

No entanto, foi possível perceber através de uma charge publicada várias vezes pelo periódico, um apelo para que o eleitor votasse somente em candidatos do Triângulo Mineiro. Na charge, um candidato paraquedista saltava sobre o mapa do Triângulo Mineiro se regozijando com os votos que receberia dos eleitores locais.

INSERIR A FOTO DA CHARGE

Na década de 80 em Uberlândia e região assistimos ao ressurgimento do Movimento Separatista do Triângulo Mineiro após exatos 20 anos de recesso.

O recesso do movimento, iniciado com a nomeação de Rondon Pacheco para o governo de Minas Gerais em 1969, pelo então presidente general Garrastazu Médici, não significou por parte dos separatistas uma total desistência da velha idéia. Alguns artigos de jornais e entrevistas veiculadas pela TV ainda mantiveram a imagem separatista como um recurso simbólico contra seus opositores “internos” e “externos” apesar dos investimentos do Estado que Rondon canalizou para a região e especialmente para Uberlândia.

O ressurgimento veio no momento da instalação da Constituinte de 1987 e adquiriu uma significativa aderência por grande parte da elite devido ao fato de que naquele momento estava no controle do aparelho municipal de Uberlândia o grupo liderado por Zaire

profunda crise econômica que se arrastava desde o início da década, penalizando a sociedade brasileira em todos os sentidos.

Rezende que havia vencido as eleições durante a crise vivida pelo regime militar em 1982.

Porém não foi só a elite que aderiu, outras camadas sociais aderiram pois os organizadores do movimento conseguiram que duzentos mil pessoas assinassem uma lista reivindicando um plebiscito para que a população do Triângulo Mineiro pudesse escolher se queria ou não manter-se anexada à Minas Gerais.

A idéia de que Minas sempre se preocupou mais em retirar recursos do que investi-los no Triângulo Mineiro voltou à tona, justamente no momento em que o prefeito de Uberlândia e o governador do Estado eram do mesmo partido, o PMDB, e que se aproximavam as eleições de 1988 para as prefeituras. Portanto, sob o ponto de vista eleitoral, um momento estratégico para iniciar a gestão das ansiedades e angústias que surgem nessas circunstâncias.

Através de representações “patrióticas” apelaram para a luta contra o inimigo “externo” comum - neste caso representado evidentemente por Minas Gerais - procurando unificar e manipular as angústias em torno de uma “identidade local própria”, ao mesmo tempo em que desqualificavam seus adversários “internos”, a ponto de obterem, paradoxalmente, inclusive a adesão destes, como foi o caso do próprio Zaire Rezende, que devido ao apoio de grande parte da população ao separatismo, necessitou também de se posicionar a favor do movimento, mesmo sendo integrante do PMDB, partido que governou Minas Gerais na década de 80.

Era preciso mobilizar o eleitorado e direcioná-lo a votar favoravelmente no grupo que havia se desgastado com a vinculação ao regime militar, para com isso retomarem o controle sobre os recursos financeiros públicos e simbólicos do município. Para tal, a adesão ao movimento deveria passar a imagem de que seus autores eram sinceros patriotas a serviço dos interesses de todos os triangulinos, que os problemas sociais

poderiam ser contornados se a carga tributária recolhida aos cofres públicos do Estado fossem mantidas na região e “redistribuídas em forma de benfeitorias para a população local”. O amor pela terra natal ou adotada se tornou a chave de identificação entre os participantes do movimento e aqueles que se posicionavam contra corriam o risco de serem vistos com suspeitas de estarem preocupados mais com interesses particulares e mesquinhos do que com o “bem comum”.

Com esta estratégia talvez tenha sido possível obscurecer, para a população local, as discussões no Congresso Constituinte a respeito da reforma agrária e dos direitos sociais e trabalhistas, numa tentativa de canalização e realocação das energias geradas pelo “desentendimento”. Segundo Jacques Rancière¹⁵⁴ só existe política quando acontece o desentendimento. A constituinte de 1987 só ocorreu por causa dos desentendimentos vividos na sociedade brasileira desde a crise da ditadura. Foi uma possibilidade de realização inovada da prática política sob a crise.

O regime militar promoveu um retrocesso político ao impedir qualquer manifestação de desentendimento que expressasse a insatisfação da sociedade. O separatismo foi uma das estratégias, uma espécie de busca de apaziguamento e entendimento, canalizando energias, pois a solução de qualquer problema social parecia depender da separação que, por si só, geraria a solução de todos os problemas, não sendo preciso recorrer a alternativas que violassem o sagrado direito à propriedade ou modificassem a hierarquia estabelecida.

O movimento separatista da década de 80 teve também um significado especial no que diz respeito aos ressentimentos gerados pela derrota sofrida para Zaire Rezende. Era também o ódio à “democracia participativa” implantada por Zaire que movia alguns

¹⁵⁴ Rancière, Jaques. “O começo da política” , “A razão do desentendimento” , in: O Desentendimento, filosofia e política, São Paulo: Ed. 34, 1996.

integrantes do movimento separatista, justamente aqueles que estiveram instalados no aparelho municipal através de Virgílio Galassi.

A brecha democrática poderia significar mais transparência administrativa e, conseqüentemente, menos espaço de manobra para aqueles que estavam acostumados a gerenciar os recursos públicos sem maiores “preocupações democráticas”. Seria preciso dali em diante buscar justificativas convincentes sobre os gastos da prefeitura ao “povo” e acima de tudo investir mais e melhor em pessoal e em tecnologias de marketing político que administrassem as demandas populares sem alterar as distinções e hierarquias sociais estabelecidas. Mas tratava-se de uma “dor de cabeça” a mais para uma elite habituada ao poder. Uma necessidade de reciclagem simbólica para voltar à cena com chances de sobrevivência no teatro político. Numa entrevista concedida pelo ex-prefeito Virgílio Galassi, este revela o ressentimento guardado contra a democracia e a utilização, novamente, da imagem de que uma “lavagem cerebral” conspirativa, por parte daqueles que o haviam derrotado nas urnas em 1982.

*“Eu sou contra a democracia participativa, porque acho que o povo não participa nada. O povo é simplesmente conversado. Esta é que é a verdade. É um processo infinito de conversação, que não produz nada. A verdade é que as obras das democracias representativas (eu não estou me referindo só a Uberlândia) geralmente são poucas. É um tipo de administração que fica na periferia da cidade, um trabalho de lavagem cerebral e que, na verdade, faz pouca coisa”.*¹⁵⁵

Para tanto, a colaboração da imprensa radiofônica, televisiva e escrita, notadamente o Correio de Uberlândia, foi marcante no que diz respeito à divulgação do movimento separatista. Em 1987 em meio aos trabalhos constituintes, o jornal lançou uma “edição histórica” com um suplemento especial denominado “Jornal da Emancipação”. No editorial, assinado por Arly Trindade e intitulado “Emancipação sim, separatismo, não, procurou-se reforçar a idéia de “Emancipação” em contraposição à de “Separatismo”

¹⁵⁵ “Virgílio Galassi: serei o último a ser candidato”. Revista Flash. Uberlândia. 1987 ou 1988.

para que não houvessem dúvidas sobre sua “legitimidade”. Associar a imagem de uma região “amadurecida” e “pronta” para assumir a autonomia com a idéia de um jovem que estaria saindo da adolescência preparado para a vida adulta era mais conveniente do que utilizar-se da imagem “separatista”, que lembraria muito mais desunião. O Triângulo teria nascido paulista, passado a infância em Goiás e na adolescência herdado o “espírito indomável da liberdade” em Minas Gerais.

“(…) O Triângulo nasceu em São Paulo, de onde recebeu a capacidade de trabalho e a determinação em abrir novas fronteiras; a INFÂNCIA foi passada em GOIÁS, de onde recebeu o sentimento de brasilidade. Finalmente, a ADOLESCÊNCIA foi passada em MINAS GERAIS, de um povo que não admite ser escravo de ninguém. Agora atingimos a MAIORIDADE e, o que é mais importante, a MATURIDADE. Queremos a EMANCIPAÇÃO igual a um filho que se torna MAIOR e que deseja abandonar a segurança e o conforto do lar paterno, para se aventurar para o mundo, ganhar a vida a custo do próprio esforço, seguindo o preceito bíblico de “ganhar o pão com o suor de seu próprio rosto Queremos determinar o nosso próprio destino, ser donos do PRÓPRIO NARIZ, não queremos ser escravos de ninguém”.

Por outro lado, a imagem de “união” deveria ser preservada, afastando o termo separatismo.

“Não é um movimento separatista, pois somos e temos orgulho de sermos mineiros e, por este fato incontestável e óbvio NÃO DIVIDIREMOS E SIM MULTIPLICAREMOS FORÇAS, para a geração do progresso do país

Apesar de considerarem que a “adolescência” foi passada em Minas, os separatistas tentaram passar a imagem de um movimento não contestatório com o objetivo de desvinculá-lo dos movimentos sociais de esquerda.

*“Na realidade não é um movimento contestatório. Na verdade não é um movimento de rebeldia (...) Nós temos um orgulho enorme em termos nascido em Minas Gerais; em termos aqui nossas raízes plantadas, devido às tradições que nascem deste berço dos Inconfidentes”.*¹⁵⁶

¹⁵⁶ “Emancipação, sem inconfidência”. Suplemento Jornal da emancipação, edição especial. Correio de Uberlândia. Uberlândia, 07 de outubro de 1987.

Através da Maçonaria, outra imagem bastante recorrente foi a de emancipação associada à de “libertação” colonial. Emancipar-se lembraria o processo de ruptura do pacto colonial norte-americano e latino-americano, a Revolução Francesa e até a proclamação da república no Brasil, enquanto que “separar-se” estaria mais ligado à Guerra de Secessão, marcada pelo racismo dos sulistas que foram intransigentes com relação ao fim da escravidão nos Estados Unidos e marcados pela “desunião”.

*“Citamos, como exemplos básicos da participação da maçônica na libertação dos povos brasileiros, a própria Independência do jugo português (...) bem como a proclamação da república (...) isto sem falar na libertação dos escravos (...) no movimento da Inconfidência Mineira (...) aos grandes movimentos de emancipação dos povos latino-americanos (...) Também nos estados Unidos da América, sua emancipação política foi totalmente articulada por maçons (...) a França teve sua libertação e a queda da Bastilha vitoriosa graças ao trabalho da Maçonaria naquele país”.*¹⁵⁷

É interessante perceber que ao mesmo tempo em que os participantes do movimento separatista se apropriavam dos símbolos mineiros ligados à Inconfidência, se desvincilhavam dos mesmos ao afirmarem que o movimento não era “contestatório”. Na realidade, a ausência de “heróis” e símbolos mais marcantes da historiografia brasileira para serem utilizados como sustentação do movimento, forçava-os a se apropriarem, contraditoriamente, dos já consagrados.

No entanto, na ausência de “heróis domésticos”, a invenção de alguns é possível de ser percebida através da leitura dos trabalhos historiográficos realizados pelos historiadores do movimento e publicados pela imprensa escrita.

A imagem da ocupação das terras por parte dos “desbravadores” por um lado, e da “resistência” dos índios Caiapós e quilombolas por outro, construída pelo historiador Roberto Carneiro, nos passa a sensação de um “caldeirão de povos” que resultou na “união das diversas raças”. As “raças” negra, indígena e branca com suas respectivas

virtudes teriam formado a “gente triangulina” possuidora de uma identidade diversa da mineira, que inclusive é representada como uma das responsáveis pela usurpação da região. O “amor pela liberdade e pela autodeterminação” seriam uma herança deixada pelos índios e negros que formaram a consciência libertadora e separatista da “gente triangulina”. A capacidade de iniciativa privada, representaria os “desbravadores” do século XIX.

“O grito de guerra dos Caiapós e Araxás continua a ressoando até hoje, inculcando na gente triangulina o amor pela liberdade, pela sua autodeterminação. Ao lado do indígena autóctone surgiu o negro africano, arrancado de sua terra e mercadejado como animal para substituir a mão de obra do índio indomado. Também o negro jamais deixou de aspirar pela liberdade, pelo reconhecimento de sua condição humana” (...)

Essa página escrita com sangue fará parte da história do Estado do Triângulo, em lugar de destaque.

*Passados esses episódios sangrentos, nas primeiras décadas do século XIX, teve início a efetiva ocupação do solo do sertão bravo do Rio São Francisco”.*¹⁵⁸

O palácio da capital do triângulo teria o nome de “Tengo Tengo”, o quilombo destruído brutalmente pelas forças militares de Minas Gerais. Contraditoriamente, é este mesmo “povo” que os líderes separatistas, geralmente grandes proprietários de terras, dizem representar ao insistirem na necessidade da construção de um novo Estado autônomo na federação. A manutenção da conquista da região se dá por outras vias, através de símbolos que omitem o violento processo que resultou na expulsão dos índios e na repressão aos escravos quilombolas que resistiram à escravidão. Isto revela-se como uma prática de dominação confundida com as práticas de resistência das vítimas da colonização do Brasil Central. Quando se trata de negociar com os “sem terra” atualmente, parece que essa “gente triangulina” muda de tonalidade e associá-los à uma

¹⁵⁷ “Emancipação ou Libertação”. Suplemento Jornal da emancipação, edição especial. Correio de Uberlândia. Uberlândia, 07 de outubro de 1987.

identidade marcada pela “resistência” e pela liberdade, deixa de interessar aos detentores do poder.

A imagem do “povo herói” procurava obscurecer as diferenças e os conflitos sociais em torno da “luta” e da “união” por um “sonho secular”, e descaracterizar o caráter elitista do movimento. O separatismo seria uma “utopia” de todos, ou mais uma etapa das “evolução histórica natural”.

*“Uma luta de 150 anos pode, agora, ser o início de mais uma história (...) É a luta de um povo que, consciente da realidade econômica, política e social do país, espera firmar sua história e evoluir com seus próprios recursos”.*¹⁵⁹

O futuro sempre reservaria um momento de prosperidade e felicidade para todos, desde que resguardado o cuidado de garantir a emancipação. Uma região tão rica mas envolta num momento de crise profunda ainda tinha uma esperança: “o futuro”. O ano 2000, na virada do século, a cidade e o novo Estado estariam reunindo as condições ideais para atender às necessidades do povo por “serviços e obras”. O novo Estado, no novo milênio que se aproximava seria rico, feliz e, de acordo com os economistas, apto para atender às demandas de seus habitantes. O paraíso na Terra.

*“Viabilizada a criação do Estado do Triângulo, estará senda dada a arrancada para a concretização do desafio da virada do século. A próxima década permitirá a organização de um Estado que de fato atenda a necessidade e a demanda de serviços e obras, de seus habitantes. Um Estado que só exista em função do povo e para o povo e não o contrário, isto é, o cidadão viva para servir o Estado, como é de praxe hoje neste nosso país”.*¹⁶⁰

Na realidade o que pudemos verificar é que o movimento separatista na década de 80 foi uma articulação circunstancial voltada para enfraquecer um grupo que estava no

¹⁵⁸ CARNEIRO, Roberto. “Histórico do Povoamento”, p. 14. Setor Rural. Edição Especial. stalus Editora. Uberlândia, Set. /1987./ no 19

¹⁵⁹ “Uma (des) União histórica: um sonho secular que pode ser realidade”. Teleco – Revista mensal do grupo ABC. Uberlândia- MG. Número 106. 1987.

poder em relação ao outro, que fora desalojado com a crise do regime militar. Em outros momentos do movimento separatista ao longo do século XX pudemos verificar evidências de que os interesses circunstanciais de alguns grupos rivais prevaleciam quando se tratava de se mobilizar o “povo” contra os mineiros. É o caso do grupo liderado por Virgílio Galassi em Uberlândia. Em vários momentos estes se colocavam como separatistas, noutros a favor, sempre obedecendo à uma lógica circunscrita à alternância dos partidos rivais no governo do Estado. Quando o governador era do partido pertencente ao grupo, estes se diziam legítimos defensores da união por Minas Gerais. Por outro lado, quando os rivais assumiam o poder, se diziam injustiçados e prontos a lutar pela emancipação. Não que estes grupos não se interessassem pela criação de mais um Estado. Certamente as “facilidades” para se controlar recursos financeiros e distribuir cargos públicos de confiança aos aliados era sedutor e cobiçado. No entanto é possível verificar que as circunstâncias sempre ditaram as estratégias com o intuito de obter recursos estaduais e força junto ao eleitorado local.

Foi assim no ano de 1948, quando o deputado Mário Palmério, pelo PTB de Uberaba, relançou a campanha separatista, aproveitando-se da Assembléia Nacional Constituinte montada após a queda de Vargas e as eleições gerais de 1945.

Neste mesmo ano, é possível perceber de que maneira eram desqualificados certos grupos que apoiavam o movimento, e que não interessavam aos segmentos ruralistas e empresariais dominantes na região. Estes segmentos apelavam para o sentido suprapartidário do movimento, mas negavam a legitimidade da participação de comunistas. O apoio dos comunistas ao movimento separatista em 1948 provocou uma violenta reação por parte dos propositores do movimento porque estes se sentindo como

¹⁶⁰ OLIVEIRA, Onofre (economista). “Uberlândia ano 2000”. Setor Rural. Edição especial. Setembro de 1987, ano IV número 19. Stalus editora.

os “legítimos guardiães do símbolo separatista”, não poderiam perdê-lo para seus os adversários à esquerda.

“Os objetivos da separação do Triângulo nada tem a ver com essas coisas, fenômeno administrativo e econômico que é, devendo ser aprovado ou repelido dentro do quadro legal de suas cogitações.”¹⁶¹

Naquele momento, o jornal “Correio de Uberlândia” se posicionava contra o movimento, devido à rivalidade existente entre Uberlândia e Uberaba¹⁶². Além da rivalidade entre as duas cidades a posição do “Correio” era marcada pela vinculação explícita que o jornal mantinha com a UDN, partido rival do PTB, agremiação do deputado uberabense na câmara federal, Mário Palmério. Na reportagem o periódico tenta se colocar como “representante dos interesses do município” ao afirmar que não havia nem oficial nem extra-oficialmente alguma manifestação sobre o assunto.

“Alguns jornais do Rio e também diversas emissoras daquela mesma capital, vêm fazendo certo barulho em torno do movimento separatista que um jornal de Uberaba, por iniciativa de um ex-deputado goiano, lançou no Triângulo Mineiro. Todos sabemos perfeitamente não ter a campanha a mínima repercursão e que apenas ainda existe pela insistência de seus iniciadores que assim o fazem por motivos que ainda não chegamos a compreender muito bem.

Um jornal carioca (...) ainda acrescenta serem base da propaganda separatista, os municípios de Uberaba e Uberlândia, Prata e Ituiutaba. Não respondemos pelas outras comunas. Pela nossa, entretanto, negamos qualquer participação oficial de nosso município em tal movimento afirmando mesmo que, nem extra-oficial ela até agora se manifestou”.¹⁶³

No entanto, apesar do “Correio” noticiar que não havia uma “posição oficial do município” sobre a questão, é possível perceber através de suas próprias páginas, um ano mais tarde, a publicação de uma matéria noticiando a posição da maioria dos vereadores da câmara municipal de Uberlândia intitulada: “A maioria da câmara

¹⁶¹ Leila, p. 38.

¹⁶² OLIVEIRA, Selmane Felipe, op. cit., p. 38-39.

¹⁶³ OLIVEIRA, Selmane Felipe, op. cit., p. 38.

municipal é favorável ao Separatismo do Triângulo”¹⁶⁴. A posição partidária do periódico provavelmente influenciava sua estratégia editorial de não se posicionar a favor do movimento para não contrariar os interesses circunstanciais do grupo que o sustentava. Como já discutido no capítulo I deste trabalho, o jornal Correio de Uberlândia pertencia a um grupo ligado à UDN e naquele momento era mais interessante estar contra o separatismo e almejar benefícios junto à capital do Estado do que ir à reboque do movimento iniciado em Uberaba por Mário Palmério, que era deputado federal pelo PTB.

O jornal “O Repórter”, de Uberlândia, procurava se posicionar com “neutralidade” e “à margem do separatismo”¹⁶⁵. Através de suas páginas é possível conhecer o posicionamento dos atores envolvidos na questão. O assunto era tratado cotidianamente de maneira folhetinesca. Os discursos de deputados da região do Triângulo Mineiro, defensores ou não da causa, e de representantes da capital mineira, eram publicados em partes fragmentadas, tendo o leitor que adquirir sempre um número posterior do jornal para conhecer os discursos na íntegra.

A publicação do discurso contra o separatismo do deputado Vasconcelos Costa, ex-prefeito interventor de Uberlândia na época do Estado Novo, deixa transparecer uma justificativa histórico-cultural para manter da região agregada ao Estado de Minas Gerais.

“Sr. Presidente. Não nos encontrávamos hoje na sessão diurna quando aqui fiz uso da palavra, para debater assunto da maior relevância o meu nobre e eminente colega deputado Mário Palmério, representante da florescente cidade de Uberaba (...)

No exame deste assunto vamos primeiramente, procurar o sentido histórico, para a conclusão de que a região do Triângulo é profundamente mineira. Quando os bandeiras de penetração, na rota dos garimpos diamantíferos, ou em demanda dos veios de ouro de Goiás e Mato grosso, quer partindo do

¹⁶⁴ OLIVEIRA, Selmane Felipe, op. cit., p. 40-41.

¹⁶⁵ “À margem da Separação”. O Repórter, no 1156. Uberlândia, 13 de maio de 1948.

Planalto de Piratininga, quer descendo das montanhas do centro, na direção do Brasil Central, aportaram às ricas paragens onde hoje se localiza o Triângulo, já ali deixaram o rastro das primeiras formações na gente pioneira de Minas.

*A formação cultural, o sentido do espírito das populações, que ali se adensaram, plasmadas, é certo, pelo amalgama de gentes de todas as origens do país e do além mar, dão à região um cunho essencialmente mineiro. Embora difícil se torna diferenciar, no quadro da geografia humana do centro do país as populações de São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso, porque todas se ligam e se confundem por múltiplos sentimentos comuns, podemos no entanto, em um rápido relance, observar que a gente do triângulo nem é de profunda formação paulista, goiana ou matogrossense para constituir elemento à parte de progresso”.*¹⁶⁶

Por outro lado, a publicação de uma sessão da Câmara Federal com o discurso do deputado Mário Palmério e das intervenções feitas por outros parlamentares, demonstram qual era a posição dos separatistas. O apelo à “legitimidade histórica” e ao amparo legal, sustentada por “dispositivos constitucionais” buscava justificar o movimento.

*“Sr. Mário Palmério - Agradeço a V. Excia. , apesar de não ter entendido bem o aparte do nobre deputado. Sr. Presidente, srs. Deputados, não há no movimento de emancipação do Triângulo Mineiro, a intenção alguma de menosprezar governos ocasionais de nosso Estado. Há mais de 60 ou 70 anos existe tal movimento, aliás perfeitamente legal, pois está amparado em dispositivos constitucionais que permitem aos Estados se desmembrarem, se anexarem e criarem novos territórios. Está, por outro lado – e isto é o mais importante - apoiado inteiramente pelo Conselho Nacional de Geografia e estatística, pelo IBGE, que já fez publicar, em 1938, trabalho interessantíssimo muito bem estudado, sobre a redivisão política e administrativa do país. Defendo o movimento de emancipação do Triângulo Mineiro por ser movimento nacional, e procuro enquadrá-lo no plano do IBGE, de redivisão territorial brasileira. Estou, absolutamente coerente com aqueles que, no Triângulo Mineiro, me elegeram. Aqui estou para debater perante a Câmara este movimento da minha região; aqui estou para fazer sua propaganda e lutar pela sua vitória”.*¹⁶⁷

Na continuação da matéria jornalística, no dia posterior, a fala do deputado Rondon Pacheco, evidencia a rivalidade entre Uberaba e Uberlândia além das divergências e

¹⁶⁶ “A emancipação do Triângulo Mineiro: discurso do deputado Vasconcelos Costa em defesa da integridade geográfica de Minas”, p. 01, no 1319. O Repórter. Uberlândia, 03 de julho de 1951.

¹⁶⁷ “Uma voz na Câmara Federal a favor do separatismo: discurso pronunciado em 28 de junho pelo deputado petebista Mário Palmério”, p.01. O Repórter, no 1325. Uberlândia, 11 de julho de 1951.

interesses partidários de ambos. Rondon Pacheco era da UDN mesmo partido de Milton Campos, governador de Minas Gerais na época.

*“ O sr. Rondon Pacheco – ‘Filho do Triângulo Mineiro e representante daquela região, nesta casa, empresto valor histórico à declaração de V. Excia. Candidato mais votado no Triângulo Mineiro, e procurando traduzir os sentimentos de meu povo, como triangulino, declaro que me sinto ligado a Minas, como Minas ao Brasil. O que existe em nossa região, permita-me divergir de V. Excia. – é um estado de insatisfação quanto aos poderes públicos de Minas Gerais, em particular, que não tem atendido o Triângulo na medida do seu merecimento, mas considerando os nossos vínculos ao patrimônio histórico de Minas, o problema dentro do seu ponto estritamente cívico, eu proclamo, neste momento, e levanto uma bandeira – a da maior integração a Minas Gerais, e pelo Brasil, convicto de que seremos compreendidos nas nossas justas reivindicações’ ”.*¹⁶⁸

Dezoito anos mais tarde, em 1969, o nome de Rondon Pacheco foi indicado pelo regime militar para ocupar o cargo de governador do Estado depois que um novo e agitado movimento pela separação do Triângulo Mineiro fora iniciado em 1967, pelo então presidente da Associação Comercial e Industrial de Uberlândia e posteriormente senador eleito pelo PMDB no ano de 1986, Ronan Tito de Almeida.

A disputa entre estas duas cidades por uma maior fatia de poder na estrutura burocrática das máquinas do Estado de Minas Gerais e da federação, tinha a intenção de canalizar os recursos públicos disponíveis em seus cofres para investimentos que beneficiassem a reprodução capitalista nos locais de suas bases políticas¹⁶⁹. Assim consequentemente também reproduziriam as condições de manutenção dos postos

¹⁶⁸ “Uma voz na Câmara federal a favor do separatismo: discurso pronunciado em 28 de junho pelo deputado petebista Mário Palmério ... (continuação do número anterior)”, p.01. O Repórter, no 1325. Uberlândia, 11 de julho de 1951.

¹⁶⁹ “O ano de 1948 marcou um novo período de manifestações políticas. Mas marcou também a ausência de uma unidade política regional em torno da questão. Foi mais um momento de crise no qual se procurou erguer a bandeira separatista. Porém este movimento apresentou-se com rupturas em sua própria base. Pela primeira vez, encontravam-se no Triângulo, tanto os aliados do governo (Uberlândia), quanto os seus opositores (Uberaba). Portanto, é um período em que não ficou caracterizado um isolamento da região, mas antes disso, uma oposição política. E, por isso mesmo, como bem o disse um artigo do diário de São Paulo da época, ‘a maior dificuldade da separação é a rivalidade Uberaba- Uberlândia’ (Diário de São Paulo, 08/04/48, p. 05). E como já ressaltamos anteriormente, os anos quarenta marcaram o início de uma bipolaridade o Triângulo, onde ‘Uberaba se apoia em razões históricas e Uberlândia em razões futuras’ (In: Processo da Câmara no 79, de 1948)”. GUIMARÃES, Eduardo Nunes, op. cit., p. 52.

conquistados no Estado. O movimento separatista, se não conseguiu aquilo que propunha explicitamente nas páginas dos jornais, pelo menos serviu de estopo para a negociação política dos diversos interesses em jogo dos partidos representantes dos sindicatos rurais e Associações Comerciais e Industriais das cidades da região. Quando pouco, algum cargo político ou aplicação de recursos públicos sempre eram obtidos em consequência da agitação separatista.

Com relação às imagens construídas por Uberaba e Uberlândia, ainda no ano de 1948 publicava-se no “Diário de São Paulo” uma visão sobre as duas cidades que ficaria registrada a partir de então como uma “marca” distintiva entre ambas. Uberaba, naquele momento maior e mais poderosa, se apoiava em “razões históricas” para agitar o movimento separatista. Por outro lado, Uberlândia, menor mas com crescimento acelerado se apoiaria em “razões futuras” para não se mobilizar em função do separatismo que beneficiaria apenas a uma delas, provavelmente Uberaba, já que esta reivindicava a posição de capital do novo Estado. Por este motivo a separação não iria se consumir, segundo o “Diário”.

*“A velha rivalidade entre Uberaba e Uberlândia, as duas principais cidades do Triângulo Mineiro, tem sido o maior obstáculo às pretensões separatistas do antigo Sertão da Farinha Podre. Tanto Uberaba quanto Uberlândia, como os demais municípios mineiros possuem fortes razões para desejar a independência do Triângulo, encaixando assim mais uma estrelinha na bandeira do Brasil. Mas acontece que criando-se mais um Estado criaria-se também uma nova capital ... e aí é que está o busilis. Uberaba de forma alguma abriria mão desta prerrogativa, Uberlândia tampouco. Ambas as cidade se consideram dignas do pomposo título e das vantagens da capital. Uberaba apoia-se em razões históricas e Uberlândia em razões futuras; e assim ambas temem a realização do velho sonho, na expectativa que uma delas sairá mais beneficiada que a outra”.*¹⁷⁰

É uma constante verificada ao longo do tempo e é possível afirmar que o jogo de representações em torno da questão é um recurso simbólico que provavelmente sempre

¹⁷⁰ “Escreve o camarada Lorotoff. B.O.D.E. (Boletim Oficial dos Estados). A separação do Triângulo”, p. 05. Diário de São Paulo. São Paulo, 08 de abril de 1948. In: Processos da Câmara, 79, 1948. Arquivo Público de Uberlândia.

será usado pela tradição política conservadora na região, para fabricar uma “identidade local” que seja distintiva da de Minas Gerais e que sirva para manipular as angústias e tensões cotidianas da sociedade local.

No entanto, no final da década de 50, O “Correio de Uberlândia” demonstra através de seus editoriais uma posição favorável ao movimento separatista. Na edição do dia 09 de maio de 1957, os editorialistas tentam se apropriar do símbolo separatista afirmando que mesmo a campanha sendo antiga e originalmente surgida em Uberaba, naquele momento foi o periódico de Uberlândia “*o primeiro a chamar Minas Gerais de vizinho Estado*”. Ao assumirem a imagem de “guardiães dos valores patrióticos” do Triângulo Mineiro, estavam tentando retirar da vizinha cidade rival o símbolo de liderança e hegemonia local utilizada desde o século passado pelos criadores de gado zebu de Uberaba. Tudo isso fez parte das práticas de apropriações e representações do mundo utilizadas pelos atores políticos com o objetivo de controlar um símbolo cristalizado pela tradição da cultura política local.

*“Todos os deputados do Triângulo Mineiro manifestaram-se favoráveis à campanha do Correio de Uberlândia, Rádio Local e Imprensa de Uberaba: favoráveis ao movimento.(...) Se a campanha é antiga, agora, nesta fase, nós fomos os primeiros a chamar Minas Gerais de vizinho estado. (...) Intransigentemente lutaremos para nos livrar da tutela administrativa de um verdadeiro sanguessuga: Minas Gerais. Voltaremos nesta batalha , focalizando o grande problema que aflige os triangulinos. Há muito tempo para a luta”.*¹⁷¹

O que interessava era manipular os símbolos e imagens do separatismo a favor de interesses de determinados segmentos sociais e partidários. Não está em foco neste trabalho, no momento, contestar em primeiro plano, se a intenção daqueles que se posicionavam a favor ou contra o separatismo eram “puros”. Interessa-nos compreender a apropriação desses símbolos pelos atores em jogo com a finalidade de se

manterem visíveis e associados à supostos “valores intrínsecos ao povo da região”. Sob o ponto de vista da tendência partidária observada nas reportagens e editoriais do jornal Correio de Uberlândia, foi uma contradição se posicionar favoravelmente ao separatismo, já que a UDN através de seus líderes na cidade eram contra o movimento por motivos já abordados anteriormente. No entanto, considerando-se que em 1957, ano da publicação da referida matéria jornalística, o Estado era governado pelo PSD, é plausível acreditarmos que a postura editorial do jornal estaria refletindo uma estratégia visando desqualificar seus opositores ao mesmo tempo em que os agentes políticos da UDN trabalhavam nos bastidores para a obtenção de ganhos políticos para o grupo, em Belo Horizonte. Aparentar ser favorável ao movimento perante o público serviu como tentativa de anular a postura dos grupos rivais de manipular o símbolo separatista. No entanto, jogar contrariamente ao separatismo perante os aliados em Belo Horizonte servia para tentar obter mais vantagens sobre os recursos do Estado.

Numa reunião realizada na sede a Associação Comercial e Industrial de Uberlândia em 1960 é possível verificar como eram contraditórias as posições destes segmentos conservadores da cidade perante a proposta separatista. Em determinados momentos eram favoráveis, noutros desfavoráveis. Naquela ocasião, a posição assumida por alguns membros da associação revela com clareza a apropriação do símbolo separatista aos interesses partidários da UDN através, inclusive, de Virgílio Galassi, vereador na época e que se tornaria prefeito na década de 70, durante o auge do regime militar.

“Compareceu o sr. Presidente à sede da Associação Comercial e Industrial de Minas, onde também estiveram presentes os srs. Oswaldo de Oliveira e Virgílio Galassi. Foi palestrante o sr. Janot Pacheco que fez vigorosa defesa da importância política-econômica da Rodovia Br-31, concluindo pela apuração do seu ponto de vista que era o de ser pleiteado por todas as forças vivas do Triângulo Mineiro um pedido de inclusão, no plano de primeira urgência, da construção do trecho Uberaba/Araxá. Sucederam-se na Tribuna, depois os sr. Oswaldo de Oliveira, dr. Fernandes e Virgílio

¹⁷¹ “Ganha vulto a campanha de emancipação do Triângulo Mineiro. Correio de Uberlândia. Uberlândia, 09 de maio de 1957. (OLIVEIRA, Selmane Felipe, op. cit., p. 40).

Galassi, defendendo o primeiro a maior importância da ligação Araxá/Uberlândia/Canal de São Simão (...)

Por fim falou o sr. Virgílio Galassi, mostrando a maior importância econômica do Norte do Triângulo e fazendo ver que se insistir o governo no menosprezo que vem legando especialmente aos reclamos e interesses dessa importante zona, seríamos ‘obrigados a lutar contra Minas’. (...)

*Finalizando a sua exposição, o sr. Presidente disse ainda que, a propósito dessa intespetiva atitude do Conselho Rodoviário Nacional anulando decisão anterior para aprovar o traçado II, levou-o até à presença do Dr. Tancredo Neves, a quem confessou que viu nesse ato do conselho o ‘dedo do gigante’, sendo agora voz corrente que o ‘Dr. Tancredo Neves vendeu Uberlândia’ achando ele, o orador, que o preço do resgate seria o inteiro apoio do candidato à governança do Estado (...)*¹⁷²

No entanto é possível demonstrar, num artigo publicado pelo jornal Correio de Uberlândia, a posição contrária ao separatismo do deputado estadual pela UDN eleito em 1962, Valdir Melgaço. O mesmo jornal, que lançara críticas “ao vizinho Estado” em 1957, quando o governador era do PSD, passou a dar amplo destaque às posições contrárias ao separatismo quando o governador era Magalhães Pinto, da UDN:

*“Tenho certeza de que Deus iluminará aquela gente do Triângulo Mineiro no sentido de que seja afastado o espírito de separatismo, porque o Triângulo Mineiro quer integrar-se definitivamente ao Estado de Minas Gerais, esperando que os poderes governamentais dêem um pouco de atenção para aquela região especificamente para Uberlândia que é minha cidade”.*¹⁷³

Verifica-se portanto que dependendo das circunstâncias, o símbolo separatista era apropriado com vistas a obtenção de ganhos políticos na capital mineira. Quando o governador era de um partido, ou ala partidária oposta à do jornal Correio de Uberlândia, verificava-se sua posição contrária. Sendo o caso de compor os quadros do mesmo partido, o periódico silenciava sobre o assunto.

Foi o que ocorreu em 1967, quando o movimento renasceu com uma significativa força, motivada por uma nova proposta de redivisão territorial do país, elaborada pelo deputado federal do Espírito Santo, Floriano Rubim. O governador do Estado de

172

173 “Deus iluminará o Triângulo afastando o separatismo”. Correio de Uberlândia. Uberlândia, 17-18 de setembro de 1963. Citado por OLIVEIRA, Felipe Selmane, op. cit. p. 43.

Minas Gerais era Israel Pinheiro, antigo integrante do PSD e o Correio de Uberlândia, bem como o Tribuna de Minas, fizeram acirrada campanha pelo separatismo, apesar dos membros mais destacados da ARENA na cidade, veladamente serem contra o movimento. Provavelmente estavam articulando interesses dos grupos a que pertenciam em Brasília, junto à cúpula do governo militar ao mesmo tempo que os jornais conservadores se apropriavam dos símbolos do separatismo perante o público. Neste ano, o coordenador da campanha separatista foi o presidente da Associação Comercial e Industrial de Uberlândia Ronan Tito de Almeida que em 1986 seria eleito senador pelo Estado de Minas Gerais e se posicionado contra a separação do Triângulo Mineiro no movimento de 1987.

Nas páginas do Correio de Uberlândia pode-se verificar a postura do periódico favorável ao separatismo, associando os membros do PSD aos interesses da capital. No entanto, o Correio de Uberlândia silenciou quando Rondon Pacheco, que sempre se posicionou contra o movimento, apesar das pressões da imprensa, foi escolhido para o governo do Estado de Minas Gerais em 1969.

O movimento separatista da década de 80 foi marcado, como já comentado no decorrer deste capítulo, pela disputa de poder entre o grupo fora derrotado em 1982, representado pelo PDS, partido que dera sustentação ao regime militar e o PMDB que possuía o controle sobre o governo municipal e Estadual. As circunstâncias determinaram a mobilização separatista por parte daqueles que foram derrotados nas urnas em 1982, da mesma forma que ocorrera nas movimentações anteriores ao longo do século XX.

Na apresentação da entrevista realizada com Virgílio Galassi em 1987 pela revista Flash, logo após a eleição deste para a Assembléia Nacional Constituinte, o jornalista traçava as possíveis pretensões do deputado para o ano eleitoral que se aproximava. As

eleições municipais de 1988 e a criação do Estado do Triângulo Mineiro foram apresentados como temas principais da entrevista.

*“Virgílio Galassi concedeu uma entrevista exclusiva para a Flash, disse ser contrário às democracias participativas, falou sobre o problema da Avenida Rondon Pacheco, sobre sua candidatura e sobre a criação do Estado do Triângulo, um assunto que promete voltar com toda a força na Assembléia Nacional Constituinte”.*¹⁷⁴

O deputado, de olho nos votos que poderiam render com sua vinculação ao movimento separatista, fazia uma apologia ao caráter “popular” da proposta. A necessidade de caracterizá-lo como “popular” visava forjar uma legitimidade ao movimento.

*“(…) Então para se criar um novo Estado precisa-se somente de se fazer o plebiscito na área interessada e aprovar pelo Congresso Nacional. Isto é faz parte da proposta do Centrão. Se aprovar a emenda, nós já teremos a porta aberta para novas tentativas futuras. Agora, teremos duas coisas maravilhosas. Uma é a proposta popular, a emenda popular do Triângulo Mineiro, que é a maior, proporcionalmente, que entrou em todos os trabalhos da Assembléia Legislativa”.*¹⁷⁵

O “Povo” é citado novamente em outras publicações como “elemento importante” do processo. Era preciso que ele “participasse” de comícios para mostrar aos deputados constituintes que a aspiração era de “todos”. O “novo” aparece também como algo diferente, melhor e preocupado em “corrigir erros”.

*“Sentiu-se que o povo precisava participar, não como mais uma peça integrante do movimento, mas como elemento importante e decisivo de aspiração autêntica. Além dos três comícios populares (Frutal, Uberlândia e Uberaba) partiu-se para a confecção da Cartilha Explicativa. Uma iniciativa que, mais que uma conscientização, no seu texto, estampará o interesse de se criar um estado NOVO, corrigindo erros, etc”.*¹⁷⁶

As imagens de operários como “guardiães do progresso” e de chaminés “buscando o infinito” parecia ainda não estar sintonizada com a preservação do meio ambiente mas

¹⁷⁴ “Virgílio Galassi: serei o último a ser candidato”. Revista FLASH. Uberlândia data?

¹⁷⁵ Idem.

¹⁷⁶ “Emancipação do Triângulo: razão de identificação de um povo”. Suplemento especial. Jornal da Emancipação. Correio de Uberlândia. Uberlândia, 07 de outubro de 1987.

resguardava a necessidade de obter o apoio do “povo” com promessas de um paraíso industrial, harmônico e fruto do destino.

*“Há muitas chaminés buscando o infinito. Entre as muitas vantagens que se tem para ser um Estado Independente, o Triângulo pode alimentar o orgulho de estar decididamente caminhante para o fortalecimento industrial. Suas indústrias, com suas chaminés apontando para o infinito, demonstram que há riqueza, que há homens alicerçando esta caminhada de riqueza, que existem em torno de suas exuberâncias, milhares e milhares de operários – guardiães do progresso! Afinal, há o comércio evoluído e corredor de riquezas, que ao lado da indústria já consignou o Triângulo o seu destino como corredor de exportação”.*¹⁷⁷

No entanto, diante do conflito com o “vizinho Estado” o jornalista apelava para que a amizade permanecesse, apesar de tudo. O “povo altamente politizado” do Triângulo nada mais queria que obter o direito democrático de escolher seus caminhos com autonomia. Além de guardião do progresso o “povo” deveria aparecer também como “corpo coletivo consciente”, mesmo sendo detectado, naquela mesma edição, pelos organizadores do movimento, que “sentia-se que o povo precisava participar”. Se precisava participar era porque estava ausente.

*“Achamos que devemos continuar amigos do vizinho Estado de Minas. Mesmo porque, não somos de despedaçar nada. Somos de construir, isso sim!
O que nós queremos, agora nesta luta sem trégua, é fazer uso do direito democrático, defendendo o ponto de vista global dos triangulinos que chegou a vez de Triângulo ser transformado em Estado independente, pois que, não é mais crível que o seu povo altamente politizado, continue por mais longos anos alimentando sua esperança (...)”*¹⁷⁸

A “participação” do povo possuía um sentido ambíguo, pois pelas próprias declarações de um dos organizadores do movimento à Revista Flash, “o povo não participa nada. O povo é simplesmente conversado”. Que tipo de “participação” era então defendida pelos separatistas?

¹⁷⁷ “OLIVEIRA, Alberto de. Coluna Livre. Correio de Uberlândia. Uberlândia, 07 de outubro de 1986.

¹⁷⁸ Idem.

FOTO DE COMÍCIO NA PRAÇA TUBAL VILELA – SETOR RURAL P. 61.

No entanto, surpreendentemente, o Correio publicou algumas entrevistas realizadas na rua com eleitores, que revelava um certo desconhecimento sobre as possíveis vantagens da separação e até uma posição contrária ao separatismo, que segundo a entrevistada, foi influenciada pela publicidade do governo mineiro com a pessoa do ator Grande Otelo defendendo a manutenção do Triângulo ao Estado de Minas Gerais.

“João Batista da Silva, trabalhador rural, nunca tinha ouvido falar do assunto mas acha que se acontecer ‘pode melhorar, mas não sei explicar porque’” (...)

Luciana Del Nero, estudante, é a favor. ‘Vai melhorar Ter um governo aqui mesmo, ainda mais porque a riqueza do Estado está é aqui’ (...)

Clovis Ramiro, entregador de gás, nunca tinha ouvido falar do assunto, mas acha que se acontecer a emancipação ‘pode melhorar’(...)

Francisca Dias da Costa, manicure, é contra: ‘Eu gosto daqui como Minas, e acho que se houvesse separação a vida do povo continuaria a mesma’. Ela mencionou um depoimento que viu na televisão, do ator Grande Otelo, contra a emancipação do Triângulo do Triângulo e acha que ele tem razão”¹⁷⁹

A “criança triangulina” também não foi esquecida pelos articuladores do movimento e o Correio de Uberlândia publicou no suplemento especial uma redação de uma estudante de 12 anos intitulada “A LUTA DO POVO”. A pequena estudante lembrava que a luta pela emancipação já vinha de muitas décadas e que apesar de “não se falar em política na época de nossos pais, falava-se muito na dos nossos avós”. Naquele momento, continua a estudante, as “crianças também eram ouvidas” e apesar de de ter havido “uma época de muita repressão” o “interesse pela terra nunca morreu”.

“A luta pela emancipação do Triângulo já vem de várias décadas (...) Não se falava em política na época de nossos pais, porém falava-se muito na época de nossos avós. Isto significa que hoje, também nós, as crianças,

¹⁷⁹ Correio de Uberlândia. Uberlândia, 01 de abril de 1990.

somos ouvidas, pois se houve uma época de muita repressão, o interesse pela terra nunca morreu".¹⁸⁰

A época de repressão a que a criança estava se referindo na redação publicada pelo Correio, provavelmente era a da ditadura militar de 1964-1985. Os símbolos de "liberdade e luta" freqüentemente utilizados pelos que combatiam ao regime ditatorial começavam a ser apropriados pelos participantes do movimento separatista. A canalização das angústias e anseios por uma sociedade que fosse "livre e justa" estava a ser apropriada justamente por muitos que até o último momento defenderam um regime que provocou um retrocesso na democracia brasileira.

O jornal em questão não deixou de fazer menção aos "líderes emancipacionistas". Dentre os políticos destacados lá estavam as fotos e os currículos de Virgílio Galassi e Homero Santos. No texto lia-se:

"Esta liderança política de que falamos, tem que ser vanguardeira e zelosa, como também perspicaz e persistente nas suas demanches, que visam colher para a cidade sede os louros de suas conquistas. Ao longo dos anos Uberlândia esteve sempre bem representada (...) O deputado Homero Santos é um dos mais respeitados líderes políticos (...) homem que sempre soube defender com galhardia e até defender com destemor os interesses maiores de Uberlândia (...)

*Virgílio Galassi (...) conhecidíssimo no país inteiro como administrador de alta visão, tem demonstrado que não foi eleito por mera coincidência. Foi eleito pela vontade soberana de um povo, aliás, de um povo que o conhece e sabe de sua intimidades políticas (...)"*¹⁸¹

FOTO DOS TRÊS LÍDERES EMANCIPACIONISTAS

¹⁸⁰ "Com a palavra, sua excelência, a criança triangulina!". Suplemento especial. Jornal da Emancipação. Correio de Uberlândia. Uberlândia, 07 de outubro de 1987.

¹⁸¹ "Três líderes Emancipacionistas". Suplemento Especial. Jornal da Emancipação. Correio de Uberlândia. Uberlândia, 07 de outubro de 1987.

Em julho de 1988 a emenda que propunha a realização de um plebiscito para decidir sobre a separação do Triângulo Mineiro foi rejeitada pela maioria dos Constituintes. Na revista Flash o jornalista Helcio Laranjo escrevia na introdução da matéria sobre a votação no Congresso que, apesar da rejeição, o “sonho e a luta separatista iriam continuar”.

“A Constituinte rejeitou o plebiscito aos habitantes do Triângulo Mineiro, que visava a criação do novo Estado. A decisão, no entanto, não significa o fim do movimento separatista”¹⁸²

No entanto nem tudo estava perdido para os organizadores do movimento. Naquele mesmo ano o país viveu novamente um processo eleitoral, preparado por uma intensa e favorável exposição dos “líderes” do separatismo que rendeu a esses a retomada do aparelho municipal, depois de 6 anos de governo Zaire Rezende. Virgílio Galassi e Chico Humberto, denominado o “papa votos”, se uniram e venceram as eleições municipais.

Durante a campanha eleitoral vez ou outra o tema do separatismo voltava a tona. A insistência em manter o movimento se arrastou dentro dos bastidores do Congresso até 1990 com um anteprojeto tramitando na Comissão de Estudos Territoriais. Foi rejeitado novamente.

Porém, é intrigante como o Correio de Uberlândia silenciou sobre o processo eleitoral. Comparado às eleições de 1982, ao lermos o jornal no período que vai de julho a novembro, há praticamente um “vazio” nas abordagens políticas. Com exceção da “Coluna Livre”, assinada pelo jornalista Alberto de Oliveira, é insignificante a cobertura eleitoral do diário.

¹⁸² “LARANJO, Helcio. “Estado do Triângulo: o fim de um sonho?”. Revista Flash, no 08, ano 1. Uberlândia julho de 1988.

Às vésperas das eleições de 1988 também era possível perceber a importância cada vez maior que era dada ao marketing políticos naquele momento. Jornalistas e o pessoal da publicidade alertavam para a necessidade dos políticos investirem mais em publicidade para que suas imagens fossem melhor visualizadas pelo eleitor e assim obterem sucesso. A notícia veiculada pelo Correio de Uberlândia apresentava um programa bastante sedutor sobre um Seminário promovido pelo jornal a respeito de campanhas eleitorais

(...) O programa deste seminário está assim eleitorado: 1 – PESQUISA INSTRUMENTO DE PESQUISA ELEITORAL. 1.1 – Teoria de amostragem aplicada à pesquisa de opinião pública. 1.2. – avaliação de atitudes da população diante dos problemas de natureza política e administrativa. 1.3. – a estrutura de funcionamento de uma pesquisa eleitoral. 2.- CAMPANHA ELEITORAL PARA PREFEITO. 2.1. – Técnicas modernas a serem aplicadas em uma campanha. 2.2 – Vale a pena ser agressivo numa campanha? 2.3. – Razão do fracasso de candidatos favoritos. 2.4.- Exemplos de candidatos vitoriosos. 3. EXIBIÇÃO DAS PEÇAS PUBLICITÁRIAS UTILIZADAS EM CAMPANHAS ELEITORAIS. 4- DEBATES – professores especializados do IBOPE.¹⁸³

Segundo o pessoal do jornalismo e da publicidade, sem o marketing seria praticamente impossível vencer uma eleição a partir do processo “democratizante” vivido pelo país. A notícia sobre a realização do Seminário alguns dias mais tarde, veiculada com destaque no Correio, demonstra a preocupação com imagem dos candidatos, na política. A imagem valeria mais que as propostas concretas dos candidatos.

“Os candidatos que se cuidem: as eleições este ano serão atípicas. Ou no mínimo bem diferentes dos pleitos anteriores em 82 e 86. Se as eleições de 82 produziram, nas urnas, a vontade de mudança do eleitorado – a famosa “virada política” daquele ano – e as eleições de 86 beneficiaram o PMDB pelo “encanto” e depois pelo “engodo” do Plano Cruzado, o pleito deste ano traz à tona uma nova realidade eleitoral(...) Nenhum candidato que tenha o objetivo de vencer as eleições pode abrir mão dos instrumentos de marketing político e das pesquisas de opinião pública se quiser obter sucesso. Claro que não basta isso.”¹⁸⁴

¹⁸³ “Campanha eleitoral como tema em Seminário”. Correio de Uberlândia. Uberlândia, 22 de julho de 1988. P.01.

¹⁸⁴ “Seminário mostra: eleição deste ano será diferente “. Correio de Uberlândia”. Uberlândia, 22 de julho de 1988. P. 01.

Na Revista Flash via-se uma foto de Chico Humberto e Virgílio Galassi¹⁸⁵ dando-se as mãos com a legenda dizendo que os “extremos” haviam se unido para vencer as eleições municipais. Na realidade a idéia de que “extremos” se tocavam era uma imagem que tentava obscurecer a semelhança entre os dois e dar a impressão que a superação das diferenças valeria a pena para “retomar o crescimento” de Uberlândia.

A um mês da eleição, o jornalista responsável pela “Coluna Livre” afirmava que não era difícil administrar uma cidade como Uberlândia. O rico e poderoso município sempre teria sempre sido muito bem relacionado em Brasília e construído um patrimônio que garantiu a “sobrevivência” deste nos momentos de maior “obstáculos”, inclusive diante de crises mundiais. Uberlândia seria uma ilha de prosperidade e sem problemas nas imagens construídas pelo jornalista. Evidentemente que o jornal não ressaltou nenhuma realização do prefeito do PMDB porque depois de tudo o que os “homens de visão” tinham feito e “preparado”, ficou “fácil” administrar a “metrópole do Triângulo”. Ao que tudo indica o jornalista ainda se valia, pela semelhança de argumentos e imagens grandiloqüentes de Uberlândia, do arsenal separatista para promover as propostas de Virgílio e Chico Humberto, o “papa- votos”.

*“O município de Uberlândia como é de conhecimento de todos, é rico e poderoso. Tem sustentação expressiva que lhe abre as portas, em Brasília, nas suas lutas reivindicatórias. Suas administrações, pelo menos de uns trinta anos para cá, nunca ficaram a ver navios, ou antes, sempre conquistaram tudo que reivindicaram dos governos do Estado e da Federação (...) Graças a Deus e depois aos homens de visão desta terra, os políticos, os empresários e os administradores em seqüência das sessões - , Uberlândia se firmou estruturalmente para viver até mesmo os mais fortes obstáculos, como o da instabilidade econômica nacional, a inflação que corrói nossa moeda fraca pela própria natureza – os contratemplos ocasionais que atingem até mesmo as grandes potências mundiais(...) é canja administrar um município como Uberlândia”.*¹⁸⁶

A coligação conservadora, MDU, Movimento Democrático de Uberlândia, reunia o PDS, PDT, PL e PFL, formada para enfrentar os demais partidos durou até 1996,

¹⁸⁵ “A Super Eleição”. Revista flash. Outubro de 1988.

quando Virgílio Galassi derrotou Zaire Rezende da coligação PMDB-PT por uma diferença de apenas setecentos votos.

Após a confirmação da vitória dos candidatos do MDU, a utilização do termo “Revirada” foi usada pelos jornalistas do Correio com a intenção de contrapor o retorno de Virgílio à prefeitura à “Virada” na política local atribuída à Zaire em 1982.

FOTO DO CORREIO DE DOMINGO APOS AS ELEIÇÕES DE 1988 20/11/88

A ABC propaganda também se posicionou após a vitória do MDU e publicou uma propaganda demonstrando que Uberlândia havia ganhado com “um pouquinho de sua ajuda”.

FOTO DA PROPAGANDA DA abc NO CORREIO DE DOMINGO.

Em janeiro de 1989, o novo prefeito ao assumir, convocou os novos secretários para realizar um mutirão de “limpeza” da cidade. O “respeito” aos adversários tantas vezes defendido pelo vencedor parecia novamente, apenas mais uma aposta na “curta memória política” do povo brasileiro, elaborado pelo marketing político do MDU e na certeza de que os meios de comunicação de massa, dando-lhe cobertura, nada fariam para condenar a tripudiação oficial liderada por Virgílio Galassi na vanguarda do ato.

*“O prefeito Virgílio Galassi assumiu ontem, de fato, a prefeitura de Uberlândia, dando posse aos novos secretários e determinando algumas medidas de impacto, entre elas a realização de um mutirão destinado a melhorar o aspecto visual da cidade. Este mutirão será realizado pelas secretarias de Agricultura e Meio Ambiente com a ajuda do DMAE”.*¹⁸⁷

¹⁸⁶ OLIVEIRA, Alberto. “Não é difícil administrar um município como o de Uberlândia”

¹⁸⁷ “Mutirão vai limpar a cidade”. Correio de Uberlândia. Uberlândia, 03 de janeiro de 1989.

Dois meses depois mais uma “medida de impacto” do novo prefeito era estampada nas páginas do Correio como benefício para todos: “IPTU – Virgílio propõe anistia parcial para os devedores”; “Virgílio quer perdoar os inadimplentes do IPTU”¹⁸⁸. Um alívio para os especuladores imobiliários que o ajudaram a se eleger. Os compromissos de campanha estavam sendo cumpridos realmente.

Com vistas à eleição presidencial marcada para aquele final de 1989, o periódico não perdia tempo e ainda usava as imagens do movimento separatista que os ajudara a voltar ao poder. O alvo era fazer o movimento “chegar ao povo”.

*“(…) a predisposição do movimento agora é buscar uma aproximação maior com a população envolvida no processo, procurando transmitir um sentimento que impulse o povo a participar ativamente da campanha. O coordenador do movimento de emancipação, Ney Junqueira, disse que esta população tem que estar inteirada dos propósitos do movimento emancipacionista para participar ativamente do plebiscito que provavelmente será realizado no dia 15 de novembro deste ano, junto com as eleições municipais”.*¹⁸⁹

Junto com as mensagens do “separatismo” chegaram ao “povo” também, através das páginas do Correio uma maciça campanha do jornal divulgando o lançamento, em Uberlândia, da candidatura de Ronaldo Caiado à presidência da república pela UDR, União Democrática Ruralista.

*“O presidente da UDR de Minas Gerais, Udelson Franco, e o presidente da UDR no Triângulo Mineiro, Neilton Jacinto de Freitas, estiveram ontem em Uberlândia para contatar o prefeito Virgílio Galassi, o presidente da UDR local Paulo Ferolla e o presidente do Sindicato Rural de Uberlândia, Odelmo Leão Carneiro. Eles vieram discutir o lançamento da candidatura do médico Ronaldo Caiado à presidência da república (...) A sede da UDR é Ituiutaba, mas alguns dirigentes da entidade acham que se o lançamento fosse em Uberlândia a importância seria maior”.*¹⁹⁰

¹⁸⁸ Correio de Uberlândia. Uberlândia, 04 de março de 1989.

¹⁸⁹ Triângulo: movimento mudará estratégia para chegar ao povo. Correio de Uberlândia. Uberlândia, 06 de março de 1989.

¹⁹⁰ Candidatura de Caiado à presidência poderá ser lançada em Uberlândia, p. 01. Correio de Uberlândia, 23 de fevereiro de 1989.

Chico Humberto, na reta final das eleições para a presidência da república de 1989 “culpava” a Igreja pelo sucesso de Lula. Durante a votação da emenda do separatismo em 1988, Chico Humberto guardava uma lembrança amarga do PT, cuja bancada votou em peso contra a separação do Triângulo Mineiro. O ressentimento contra o PT se voltou contra alguns setores da Igreja que apoiaram Lula em 1989.

*“Chico Humberto não poupou críticas a alguns padres da Igreja que, em cidades como Indianópolis, Monte Alegre e mesmo em algumas igrejas em Uberlândia, pediram voto para Lula”.*¹⁹¹

No editorial do Correio de Uberlândia, a vitória de Collor é comparada ao “Choque da Quarta Onda”, em paráfrase à “Terceira Onda” termo utilizado pelos administradores de empresas para designar a “revolução” por que passava a humanidade no século XX devido ao desenvolvimento de novos conceitos tecnológicos que estariam provocando a obsolescência de tudo o que havia, desde os valores às ideologias. Collor seria o “novo”, um choque de modernidade neoliberal “irresistível” que varria o Brasil para salvá-lo do caos.

*“COLLOR é a QUARTA ONDA irresistível que varre o Brasil, é o inconsciente coletivo do povo brasileiro na busca do NOVO. O povo brasileiro não sabe o que quer, mas sabe O QUE NÃO QUER. Os discursos surrados, as propostas populistas, o discurso panaqueiro o engodo das massas, os caixeiros viajantes da política querendo vender suas panacéias, o remédio feito com o óleo do peixe elétrico do Amazonas que cura todos os males, as elocubrações esotéricas dos magos partidários. Tudo isso está obsoleto, o povo inconsciente não quer. Toda a sua frustração traduz-se na repulsa do “velho” discurso político, na ânsia de um novo apelo, numa chama ardente e desesperada de uma esperança. Fernando Collor é o arco Íris que o povo enxerga através do subconsciente e do inconsciente coletivo.”*¹⁹²

Fernando Collor de Mello, para o editorialista deslumbrado, simbolizaria a esperança contra os “estelionatários eleitores da Nova República” um “iluminado” descoberto

¹⁹¹ Deputado culpa a Igreja pelo sucesso de Lula. Correio de Uberlândia. Uberlândia, 17 de novembro de 1989.

¹⁹² TRINDADE, Arly. Collor : o choque da Quarta Onda. Correio de Uberlândia. Uberlândia 17 de novembro de 1989.

pelo povo para devolver a ordem, fazendo todo mundo voltar a trabalhar, com honestidade e competência. A imagem do portador de uma “nova vassoura” varrendo os enganadores e ludibriadores do povo, em alguns momentos nos remete à imagem de Mikey Mause travestido de mago no desenho animado “Fantasia” de Walt Disney. Com sua vassoura encantada e obediente limpava o castelo colocando tudo em ordem, até que as vassouras obedientes e cumpridoras do dever, cegamente, sem “sair da linha” causaram um caos absoluto em seus domínios. Noutros momentos nos lembra a figura de um Jânio Quadros futurista com sua vassoura moralizadora limpando o Estado da corrupção.

*“Não é sua proposta de caça aos marajás que está sensibilizando o povo, ele simboliza uma NOVA vassoura varrendo os estelionatários eleitores e todos aqueles que ludibriaram o povo no conto do vigário da Nova República. Acredito piamente que está na hora de um líder carismático pegar a bandeira de um povo, e conduzir a nossa nação em busca de dias melhores. Não precisamos no momento nem de um administrador nem de um político, nem de um economista. Precisamos de um iluminada que faça clarear o túnel, que faça o povo brasileiro acreditar em si mesmo, que volte todo mundo a trabalhar, dentro da ordem, honestidade e competência, para um Brasil melhor para todos. Fernando Collor é descoberto pelo povo”.*¹⁹³

Fazendo questão de afirmar que não estava interessado se Collor era ou não honesto, estabelecia uma comparação dele com Ronald Reagan, o presidente e ator neoliberal norte americano dos anos 80. Aproximava-os no que dizia respeito à capacidade comunicativa e ao carisma que “levantou o moral” do povo norte-americano. Por outro lado, diferenciava-os pelo fato do ex-presidente da América ser um despreparado intelectualmente enquanto o “futuro” presidente brasileiro seria um homem educado na Europa, preparado intelectualmente e conhecedor das “mumunhas” e “mutretas” da política.

“(…) Collor ou Regan? O ex-presidente dos Estados Unidos, a maior nação do planeta, foi o seu melhor governante. Ele era um despreparado famoso pelas suas ratas e deslizes intelectuais, entretanto conseguiu levantar a

¹⁹³ Idem.

*moral do povo americano com o seu carisma e o poder de comunicação. Fernando Collor foi educado na Europa, filho de político, neto de político, a política está nas suas veias. Ele conhece todas as mumunhas e mutretas deste mundo cão dos dirigentes partidários”.*¹⁹⁴

Finalmente, o jornalista do Correio conclui a apologia à Collor comparando-o à “*um príncipe educado para exercer o poder, é a Monarquia dentro da República*”.

Estas mesmas imagens, que “encantaram-no”, com certeza faziam parte de uma coisa velha vestida de “nova” na política brasileira: a utilização maciça, na mídia eletrônica, de sofisticadas técnicas de “fazer crer”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

¹⁹⁴ Idem.

O poder econômico controlando os meios de comunicação de massa silenciam ou amplificam assuntos de seus interesses, muitas vezes predominantemente privados e, quase sempre, afastam-se do interesse comum da coletividade, caracterizando claramente um tipo de domínio oligárquico-conservador. Dificulta-se a comunicação enquanto exercício da igualdade política e transformam-na em instrumento a serviço da dominação de grupos econômicos de grande poder, geralmente em aliança com uma parte significativa da corporação profissional midiática. (observação : esse parágrafo já é conclusivo - levar ele para considerações finais)

Bibliografia

ADORNO, Theodor, HORKHEIMER, Max. A Indústria cultural: O iluminismo como mistificação da massa, In: LIMA, L. C. (org.). *Teoria da Cultura de Massa*, 3.ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

ANSART, Michelle. “Rousseau e a ideologia jacobina, in: *Razão e Paixão na Política* Brasília: Editora da UNB, no prelo.

ANSART, Pierre. *Ideologias, Conflitos e Poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

_____. Mal-estar ou fim dos amores políticos, in *La Gestion des passions politiques*, Lausanne, Ed. L’Age d’Homme, 1983.

ARENDT, Hanna. *Entre o Passado e o Futuro*, São Paulo: Perspectiva, 1972.

_____. *O que é Política?* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BACZKO, Bronislaw. *Imaginação Social*, in: *Antropos Homo*. Enciclopédia Einaudi.

BALANDIER, Georges. *O Poder em Cena*, Brasília: Editora da UNB, 1982.

BARROS FILHO, Clóvis. *A Ética na Comunicação*, São Paulo: Moderna, 1994.

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*, 3.ed., São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOURDIEU, Pierre. A Representação Política: Elementos para uma teoria do campo político. In, *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1989, pp. 163-208.

BORGES, Vavy Pacheco. História e Política: Laços permanentes. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.12, n. 23/24, pp 7-18, set 91/ ago. 92.

BURKE, Peter. *A Escrita da História: novas perspectivas*, São Paulo, UNESP. 1992.

BURKE, Edmund. *Uma Investigação Filosófica Sobre a Origem de Nossas Idéias do Sublime e do Belo*, Campinas: Papyrus/EDUNICAMP, 1993.

CALDAS, Waldenir. *Cultura de Massa e Política de Comunicações*. Rio de Janeiro: Global. 1991.

- CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História: Ensaio de teoria e Metodologia*, Rio de Janeiro: Campus, 1993.
- CARDOSO, Onésimo de Oliveira. Os Paradigmas do Ensino na Comunicação: a Transgressão Epistemológica. *Revista de Comunicação e Sociedade*, n.17, ago/1991.
- CASTAÑEDA, Jorge G. *Utopia Desarmada: intrigas, dilemas, promessas da esquerda latino-americana*, São Paulo: Companhia das Letras, 1998, 7ª ed.
- CASTORIADIS, Cornelius. *A Instituição Imaginária da Sociedade*, 2.ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*, LISBOA: DIFEL, 1990.
- _____. "O Mundo como Representação" [1989], *Estudos Avançados*, 11 (5), 1991, pp.173-191.
- CHÂTELET, François; DUHAMEL, Oliver; PSIER-KOUCHNER, Evelyne. *História das idéias Políticas*, Rio de Janeiro, Zahar, 1985.
- CHESNAUX, Jean. *Modernidade-Mundo*, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.
- DELEUZE, Gilles. *Cinema: a imagem-movimento*, São Paulo: Brasiliense, 1985.
- ECO, Umberto. *Apocalípticos e Integrados*, 2.ed., São Paulo: Perspectiva, 1979.
- _____. *Viagem à Irrealidade Cotidiana*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira S/A, 1983.
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*, São Paulo: Edusp, 1997.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*, 6.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- FONTANA, Josep. *História: Análise do passado e projeto Social*. Bauru: EDUSC, 1998.

GINSBURG, Carlo. "Freud, o lobo dos lobos e os lubisomens". In: _____. *Mitos Emblemas e sinais*. São Paulo: Cia das Letras, 1989, pp. 207-217.

GIRARDET, Raoul. *Mitos e Mitologias Políticas*, São Paulo: Cia das Letras, 1987.

GOMIDE, Leila Regina Scalia. *O Triângulo Mineiro: História e Emancipação*. *Caderno de História*, Uberlândia, v.4, n.4, jan.1993.

HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*, São Paulo, Martins Fontes, 1995.

IANNI, Otávio. *Ensaio de Sociologia da Cultura*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

LIMA, Venício A., MOTTER, Paulino. *Novas Tecnologias de Comunicações e Democracia*. *Revista de Comunicação e Política*, v.3, n.2, pp.12-19, mai/ago/1996.

LAPLANTINE, François. *Aprender Antropologia*. 11.ed., São Paulo: Brasiliense, 1998.

LEFORT, Claud. *Pensando o Político: ensaios sobre a democracia, revolução e liberdade*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

LE GOFF, Jacques, NORA, Pierre. *História: novos objetos*, Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.

_____. *História: novas abordagens*, Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.

_____. *História: novos problemas*, Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.

_____. *Documento/Monumento*. Porto, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985, Enciclopédia Einaudi.

_____. Prefácio, *O Imaginário Medieval*, Lisboa, Ed. Estampa, 1989.

_____. LADURIE, Le Roy, DUBY, Georges, et al.. *A Nova História*, Lisboa: Edições 70, 1977.

- LONGHI, Rogata Soares Del Gaudio. *Unidade e Fragmentação: O Movimento Separatista do Triângulo Mineiro*. Dissertação de Mestrado. PUC-SP. 1997.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *Quem Manipula Quem? Poder e Massas na Cultura e na Comunicação no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- MATOS, Heloiza (org.), *Mídia, Eleições e Democracia*, São Paulo: Página Aberta Ltda, 1994.
- MORIN, Edgar. *Cultura de Massas no Século XX: O Espírito do Tempo*, Rio de Janeiro: Forense, 1967.
- NORA, Pierre. “Entre memória e história”, prefácio do v. i de *Les Lieux de Mémoire*, Paris, Galimard, 1984. Tradução de Yara Aun Khoury, Proj. História, São Paulo, (10), dez.1993, pp. 7-28.
- PERELMUTER, Daisy, ANTONACCI, Maria Antonieta, (org.). *Ética e História Oral*, São Paulo: EDUC, 1997.
- PILAR, Maria A V., PEIXOTO, Maria do R. da C., KHOURY, Yara Maria Aun, et al.. *A Pesquisa em História*, São Paulo: Ática, 1989.
- ROCHA, Everardo Pereira Guimarães. *A Sociedade do Sonho: Interpretação Antropológica da Indústria Cultural*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1989.(Tese, Doutorado).
- POLLAK, Michel. “Memória, esquecimento, silêncio”, *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, CPDOC/ FGV, 1089, v.2, no 3, pp. 3-15.
- REVEL, Jacques. *A Invenção da Sociedade*. Lisboa/Rio de Janeiro: DIFEL/ Bertrand Brasil, 1989.
- ROSANVALON, Pierre. Por uma História do Conceitual do Político. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 15, n.30, pp. 9-22, 1995.

SAMUEL, Raphael. Documentação: História Local e História Oral. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.9,n.19, pp.219-243, set.1989/fev.1990.

SEIXAS, Jacy. “Memória x história, memória histórica: algumas problemáticas atuais”, 1999.

SILVA, Zélia Lopes (org.). *Cultura Histórica em Debate*, São Paulo: UNESP, 1995.

RANCIÈRE, Jacques. O Desentendimento: política e filosofia, São Paulo: Editora 34, 1996.

SANTOS, Regma Maria dos. Os Meios de Comunicação na Memória e no Discurso Político em Uberlândia (1958-1963). Dissertação de Mestrado. PUC-SP, 1993.

SENNETT, Richard. O Declínio do Homem Público: As tiranias da intimidade, São Paulo: Companhia das Letras, 1999, 6ª ed..

SKIDMORE, Thomas. *Uma História do Brasil*, São Paulo: Paz e Terra, 1998.

TEMER, Ana Carolina Rocha. *Colhendo Notícias, Plantando Imagens: A reconstrução da história da TV Triângulo a partir da memória dos agentes do seu telejornalismo*. São Bernardo do Campo, Universidade Metodista de São Paulo, 1998. (dissertação, Mestrado).

THOMPSON, E.P. Costumes em Comum: Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

URIBE, Daniel. Novas Interações entre Televisão, Vídeo, Cinema e Telemática. A nova Paisagem. Audiovisual. <http://www.eca.usp.com.br>.

VAINFAS, R. “História das mentalidades e história cultural”. In: CARDOSO, C. F.

VAINFAS, R. (orgs). Domínios da História. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997, pp.127-162.

VEYNE, Paul. Como se Escreve a História [1971], Editora da UNB, 1995, 3ª ed. Particularmente: “Introdução”, cap. I “O Objeto da História” e cap.II “A Compreensão” item 6 “Compreender a trama”, pp. 7-60.

VOVELLE, M. “a História e a Longa Duração”. In: Le Goff, J. (org.). História Nova. São Paulo: Martins Fontes, 1990, pp. 68-96.

WHITE, Hayden. Trópicos do Discurso [1978], São Paulo, Edusp, 1994. Particularmente: cap. 1 “O Fardo da história” e cap. 2 “A Interpretação na história”, pp. 39-95.

FONTES:

Jornal “Correio de Uberlândia”: 1961-1989

Jornal “Tribuna de Minas”: 1967-1971

Revista Setor Rural, edição especial, setembro/1987, ano VI, n. 19.

Revista Flash

Coleção Jerônimo Arantes: Arquivo Público Municipal de Uberlândia, pasta-57.

Entrevistas:

1. Francisco Humberto Freitas Azevedo, médico, ex- deputado constituinte de 1987-90, ex- vice-prefeito de Uberlândia e participante do movimento separatista do triângulo mineiro);
2. Marta Freitas Azevedo Pannunzio (escritora, professora e participante do movimento separatista do triângulo mineiro);
3. Roberto Cordeiro (fotógrafo aposentado, ex-funcionário da TV Triângulo);
4. Mário Rodrigues dos Reis (técnico em eletrônica, ex-funcionário da TV Triângulo, atual funcionário da TV Paranaíba);
5. Sérgio Martinelli (jornalista aposentado, ex- diretor do jornal Correio de Uberlândia).

